



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo

PARQUES URBANOS, A NATUREZA NA CIDADE: PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO CIDADÃO

Mariana Inocência Oliveira Melo

Brasília – DF
2013



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo

PARQUES URBANOS, A NATUREZA NA CIDADE: PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO CIDADÃO

Mariana Inocência Oliveira Melo

Dissertação apresentada ao
Mestrado Profissional em Turismo
da Universidade de Brasília como
requisito parcial para obtenção do
título de mestre.

Orientadora: Professora Dra. Karina
e Silva Dias.

Brasília – DF
2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1010117.

Melo, Mariana Inocência Oliveira.
M528p Parques urbanos, a natureza na cidade : práticas de
lazer e turismo cidadão / Mariana Inocência Oliveira
Melo. -- 2013.
202 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional
em Turismo, 2013.
Inclui bibliografia.
Orientação: Karina e Silva Dias.

1. Turismo. 2. Parques urbanos. 3. Natureza. 4. Lazer.
5. Paisagens. I. Dias, Karina e Silva. II. Título.

CDU 338.482.2:504



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo

PARQUES URBANOS, A NATUREZA NA CIDADE: PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO CIDADÃO

Mariana Inocência Oliveira Melo

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Karina e Silva Dias
(Orientadora - UNB)

Prof^a. Dr^a Junia Marques Caldeira
(Examinadora Externa da UNICEUB)

Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena
(Examinador Interno da UNB)

Prof^a. Dr^a. Marutschka Martini Moesch
(Suplente Interna da UNB)

Brasília, 19 de julho de 2013.

Aos meus pais Cacilda e Eduardo.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Karina e Silva Dias, pela compreensão e disposição em acompanhar este trabalho.

Aos professores Dr^a Junia Marques Caldeira, Dr. Luiz Carlos Spiller Pena e Dr^a. Marutschka Martini Moesch, por aceitarem o convite para participar da banca examinadora e contribuir para o resultado deste trabalho.

A minha família, que, mais uma vez, esteve ao meu lado em todos os momentos desta etapa, sendo meu apoio, minha força e minha base. Em especial, aos meus tios Reinaldo e Eronildes, meus primos Bruna, Lucas e Rafael, que me acolheram em sua casa com todo o carinho, amor e atenção.

Ao meu namorado, Jean Carlos Gomes, pela compreensão e apoio nos momentos difíceis de ausência e dedicação aos estudos.

Aos meus colegas de mestrado, em especial, Priscilla Teixeira, que muito contribuíram com seus conhecimentos, solidariedade e carinho.

Aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado me dando força, incentivo e alegria. Em especial, Karla Farias, pela atenção e ajuda prestadas nas transcrições das entrevistas.

RESUMO

Trata-se esta dissertação de uma pesquisa de cunho qualitativo que busca investigar as formas de apropriação estabelecidas nos parques urbanos - Farroupilha e Bosque dos Buritis – pelas práticas de lazer e turismo cidadão. Os parques urbanos são espaços públicos bastante representativos na socialização da cidade, por oferecer diversas atividades – esportivas, culturais, artísticas, educativas e ambientais - capazes de estabelecer relações sociais entre os cidadãos e representam espaços com presença da natureza que propiciam a contemplação/fruição no meio urbano. Para tanto, a análise da revisão literária em torno do tema se dá por meio das discussões teórico-conceituais sobre jardim, parque urbano, natureza, lazer, paisagem e turismo cidadão. Por conseguinte, a discussão da dissertação tem o objetivo de apresentar os parques urbanos como espaços que se transformam em lugares de natureza para aqueles que os frequentam, inscrevendo/intensificando na cidade a presença da natureza e a (re)significação dessa experiência, mediante as práticas de lazer e turismo cidadão, transformando a relação do habitante com a cidade e com a vida que a anima.

Palavras-chave: Parque urbano. Natureza. Lazer. Paisagem. Turismo cidadão.

ABSTRACT

This is a qualitative research dissertation that investigates established appropriation forms in urban parks - Farroupilha and Bosque dos Buritis – of leisure practice and tourism citizen. The urban parks are public quite representative at a city socialization by offering several activities - sports, cultural, artistic, educational and environmental - capable of social relations establishing between the townspeople and represent areas with nature's presence that promote contemplation/enjoyment in urban way. Therefore, literature review analysis on theme is through the conceptual -theoretical discussions about garden, urban park, nature, leisure, landscape and tourism citizen. However, the dissertation discussion goal to present urban parks as nature place for those who visit it, signing/intensifying in the city the nature presence and (re)signification of this experience through leisure practices and tourism citizen, transforming the habitant relationship with the city and the life that animates it.

Keywords: Urban Park. Nature. Leisure. Landscape. Tourism Citizen.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A NATUREZA NA CIDADE - DOS JARDINS PARTICULARES AOS PARQUES URBANOS: PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO CIDADÃO	13
1.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE OS JARDINS PARTICULARES, OS JARDINS PÚBLICOS E A ORIGEM DOS PARQUES URBANOS	14
1.1.1 Jardins particulares: constituição e caracterização	15
1.1.2 Os jardins públicos e a origem dos parques urbanos: espaços de natureza na cidade e lazer da população	25
1.2 PARQUES URBANOS NO BRASIL	35
1.2.1 Parques urbanos: a consolidação do paisagismo brasileiro	46
1.3 A NATUREZA NA CIDADE: A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA	55
1.3.1 A apropriação da natureza na vida social dos cidadãos	57
1.4 SOCIALIZAÇÃO NA CIDADE: PRÁTICAS DE LAZER	67
1.4.1 O lazer como um direito social	76
1.5 A EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM NO COTIDIANO DA CIDADE: O TURISMO CIDADÃO	80
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: OS PARQUES URBANOS - FARROUPILHA E BOSQUE DOS BURITIS - COMO LUGAR DE ENCONTRO	93
2.1 PARQUE FARROUPILHA	98
2.2.1 Parque Farroupilha: características e atividades	105
2.3 BOSQUE DOS BURITIS	124
2.3.1 Bosque dos Buritis: características e atividades	130
3 PARQUE FARROUPILHA E BOSQUE DOS BURITIS: ESPAÇOS DE NATUREZA, PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO CIDADÃO	146
3.1 PARQUE FARROUPILHA	146
3.2 BOSQUE DOS BURITIS	166

CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS	185
APÊNDICE A: Entrevista Parque Farroupilha	199
APÊNDICE B: Entrevista Bosque dos Buritis	201

INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata das práticas de lazer e turismo cidadão na cidade, representado pelos parques urbanos - Farroupilha (Porto Alegre) e o Bosque dos Buritis (Goiânia), com o seguinte tema: *Parques urbanos, a natureza na cidade: práticas de lazer e turismo cidadão*.

Desse modo, o interesse em estudar os parques urbanos se deu pelo fato de as cidades necessitarem de espaços de lazer que rompam com o universo do cotidiano, tornando-se fonte de equilíbrio para a qualidade de vida de seus moradores. Além das práticas de lazer, os parques urbanos são representativos no meio urbano, devido à presença da natureza que ajuda na mitigação da poluição do ar, dos efeitos de impermeabilização do solo e regulam o microclima, além de abrigar espécies da fauna e da flora no meio urbano.

A escolha desses dois parques se deu pelo fato de estarem localizados em uma região central da cidade. Ressalta, ainda, que os parques urbanos Farroupilha e Bosque dos Buritis são dois espaços importantes para Porto Alegre e Goiânia, tanto por serem espaços públicos representativos para o lazer da população quanto por representarem a presença da natureza na cidade.

Porto Alegre possui um total de 11 parques – sendo oito parques e três unidades de conservação -, que totalizam 5.415.808 m² de área verde na cidade, segundo Menegat et al. (1998) e o site da Prefeitura de Porto Alegre¹. Goiânia, por sua vez, tem uma grande quantidade de parques urbanos, espalhados pelas diversas regiões, totalizando-se 30 parques, segundo dados da Agência Municipal do Meio Ambiente de Goiânia - AMMA (2012). Cabe destacar que o meu interesse em estudar os parques urbanos foi despertado pela grande quantidade de parques na cidade de Goiânia e assim constatar as formas de apropriação estabelecidas nesse espaço.

Como roteiro central desta investigação a dissertação apresenta três questões de pesquisa: 1) Emerge da vivência nos parques urbanos uma (re)apropriação/(re)aproximação da natureza? 2) Os parques urbanos propiciam práticas sócio-espaciais que transformam a relação dos habitantes com a cidade? 3)

¹ Site da Prefeitura de Porto Alegre. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=290>. Acesso em: 7 jun. 2013.

De que forma as práticas de lazer e turismo cidadão contribuem, por meio da vivência nos parques urbanos, para uma (re)apropriação/(re)aproximação dos habitantes com a sua cidade? Essas questões de pesquisa serão respondidas por meio da análise dos dois parques brasileiros anteriormente citados – Farroupilha e Bosque dos Buritis.

A pesquisa qualitativa é a que melhor se coaduna com o desenvolvimento da pesquisa, tendo-se em vista que o objetivo geral deste estudo é: investigar as formas de apropriação estabelecidas nos parques urbanos - Farroupilha e Bosque dos Buritis – pelas práticas de lazer e turismo cidadão. Os objetivos específicos da pesquisa são: a) analisar a contextualização dos parques urbanos – Farroupilha e Bosque dos Buritis – por meio de suas características, atividades e o uso cotidiano dos seus frequentadores; b) analisar como os parques urbanos – Farroupilha e Bosque dos Buritis – transformam-se em lugares de natureza para aqueles que os frequentam, inscrevendo/intensificando na cidade a presença da natureza; c) investigar de que maneira as práticas de lazer nos parques urbanos – Farroupilha e Bosque dos Buritis – podem contribuir para a vida social dos cidadãos; e, d) investigar como a população pode (res)significar sua experiência na cidade, mediante as práticas do turismo cidadão nos parques – Farroupilha e Bosque dos Buritis.

Para o desenvolvimento desta dissertação, realizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo². A pesquisa bibliográfica consistiu na revisão bibliográfica dos seguintes conceitos basilares: jardim, parque urbano, natureza, lazer, paisagem e turismo cidadão, compondo a parte referencial do trabalho. O estudo de jardim e parque urbano valeu-se dos seguintes autores: Enciclopédia Barsa (1997); Howard (1996); Kliass (1993); Macedo (1999); Macedo e Sakata (2003); Marx (1980); Segawa (1996); Sennet (2001); Serpa (2007) e Spirn (1995). Para a questão da natureza, baseou-se nos seguintes autores: Dorst (1973); Drummond (2007); Henrique (2009); Mendonça (2012); Moscovici (2007); Paes-Luchiari (2007); Santos (2009); Serrano (2007) e Thomas (2010). Concernente aos estudos do lazer, serviram de apoio os seguintes autores: Camargo (2003); Dumazedier (1974, 1980 e 2004); Gomes (2004 e 2012); Gomes e Pinto (2009);

² Para a consecução da pesquisa de campo utilizaram-se os seguintes procedimentos e instrumentos para a coleta de dados: entrevista semiestruturada; observação sistemática ou estruturada; fotografias e anotações de campo. A pesquisa de campo nos parques estudados ocorreu em julho de 2012.

Guimarães e Martins (2004); Lafargue (2003); Krippendorf (2009); Marcellino (1987, 1996, 2006 e 2007); Molina (2005); Sousa (1994) e Werneck (2000). Por último, para os conceitos paisagem e turismo cidadão, utilizou-se de: Castrogiovanni (2001); Cauquelin (2007); Covre (2001); Dias (2010); Gastal e Moesch (2007); Lynch (1997); Leite (1997); Moesch (2002); Molina (2005); Silva (2004) e Tuan (2012).

A dissertação é estruturada em três capítulos com seus respectivos intertítulos, marcados por eixos temáticos definidos para o entendimento da pesquisa. O primeiro capítulo “A natureza na cidade - dos jardins particulares aos parques urbanos: práticas de lazer e turismo cidadão” é composto por cinco subcapítulos principais, que constituem a espinha dorsal da dissertação, por tratar-se das categorias basilares da pesquisa. Assim, o primeiro subcapítulo discorre sobre o histórico e a caracterização dos jardins particulares, jardins públicos e a origem dos parques urbanos como espaços de natureza na cidade e para as práticas de lazer e contemplação no meio urbano. O segundo subcapítulo foca a origem e caracterização dos parques urbanos no Brasil. O terceiro subcapítulo apresenta uma abordagem relacional entre a natureza e a cidade, à luz do olhar diferenciado sobre a natureza como parte do espaço urbano e a relação do homem com a natureza. O quarto subcapítulo aduz sobre a socialização na cidade pelas práticas de lazer, por meio de uma revisão bibliográfica que analisa as práticas de lazer na vida cotidiana das *urbes*. O quinto subcapítulo relata reflexões sobre a ideia de experimentar, conviver e vivenciar as paisagens cotidianas, por meio das práticas do turismo cidadão, à luz das relações com a cidadania e as paisagens urbanas em seus aspectos estruturais e estéticos como um atrativo para as práticas do turismo cidadão.

O segundo capítulo apresenta os caminhos metodológicos que auxiliaram nas reflexões e discussões utilizadas ao longo da pesquisa. Posteriormente, aduz o histórico, características e atividades dos parques Farroupilha e Bosque dos Buritis.

O terceiro capítulo é decorrente da pesquisa realizada em campo nos dois parques estudados, sob a perspectiva dos entrevistados e as observações da pesquisadora, com intuito de constatar os objetivos da pesquisa. Destarte, apresenta-se o perfil dos frequentadores do parque; as práticas de lazer e a socialização; as atividades que o parque oferece e o desfrute dos frequentadores por elas e pela infraestrutura; o posicionamento dos entrevistados quanto ao

diferencial do parque estudado em relação aos demais parques da cidade, a infraestrutura, a localização, a relação do parque com a cidade e com o lazer da população; o parque como um espaço de natureza, e se eles levam visitantes ao parque.

Desse modo, a todo o momento, no decorrer desta dissertação, relacionam-se os parques urbanos com o lazer e o turismo cidadão para proporcionar reflexões e discussões sobre aspectos da dimensão urbana, tais como: a necessidade do planejamento dos parques urbanos nas cidades como ferramenta benéfica para a vivência social, cultural e educacional; a importância dos espaços com fragmentos de natureza que propiciem a contemplação e o deleite no meio urbano; as possibilidades de os parques urbanos e suas práticas de lazer serem capazes de (re)significar a experiência na *urbe*; e a identificação e a composição das paisagens nas cidades com os aspectos cotidianos, habituais e familiares, restabelecendo a ideia de (re)apropriação/(re)aproximação na cidade, por meio das práticas do turismo cidadão, (res)significando, assim, a experiência da população com a *urbe*.

1 A NATUREZA NA CIDADE - DOS JARDINS PARTICULARES AOS PARQUES URBANOS: PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO CIDADÃO

O crescimento das cidades se intensificou com a Revolução Industrial, assim como o processo de urbanização, com a implantação de infraestruturas e serviços/equipamentos urbanos para atender às necessidades dos cidadãos. Com as inúmeras transformações ocorridas nas cidades desde esse período, pode-se afirmar que, em decorrência do uso e da ocupação desordenada do solo nos aglomerados urbanos, reduziram-se os espaços com a presença da natureza destinados ao lazer e às interações sociais. No século XIX, os governos ampliaram os espaços com natureza das grandes cidades com o intuito de preservar o meio ambiente e promover a socialização dos trabalhadores com suas famílias, sendo os parques urbanos uma representação dessa iniciativa.

Desse modo, o interesse em estudar e implantar os parques urbanos se deu pelo fato de as cidades necessitarem de espaços de lazer que rompam com o universo do cotidiano. Esses espaços se constituem em fonte de equilíbrio, contribuindo para uma melhor qualidade de vida dos moradores das *urbes*. O uso dos parques urbanos para as práticas de lazer e turismo cidadão³ demonstra a necessidade de um planejamento urbano harmônico, por promover a socialização e a interação do homem com a natureza, por meio de atividades esportivas, artísticas, culturais, educativas e contemplativas.

Com a compreensão da importância desses espaços, os habitantes passaram a exigir dos órgãos públicos e das instituições responsáveis a criação e a revitalização de ambientes de natureza, tais como, parques, jardins, bosques e ruas arborizadas que, espalhados pela cidade, atuam como “pulmões” das cidades. Assim sendo, a presença desses ambientes de natureza se tornou importante nos planos e projetos urbanos.

Ao longo da história, os parques assumiram características diversas, conforme o uso, a cultura, a dimensão paisagística e ambiental; considerando a estrutura urbana e os hábitos de seus frequentadores e de acordo com as atividades desenvolvidas nesses locais.

³ O turismo cidadão é um termo utilizado pelas autoras Gastal e Moesch que será retratado no subcapítulo: “1.5 A experiência da paisagem no cotidiano da cidade: o turismo cidadão”.

Neste capítulo 1, será realizada a análise histórica dos jardins particulares e públicos, a origem dos parques urbanos e a influência dos jardins para a criação ou revitalização dos parques urbanos. Serão esboçadas também proposições teórico-conceituais sobre a presença e influência dos espaços de natureza na cidade e, concomitantemente, sua relação com o homem. Ademais, em busca de apresentar a vivência na *urbe*, será apresentada uma revisão bibliográfica sobre a teoria do lazer com análise de suas práticas na vida cotidiana das cidades. Mescla-se, ainda, uma abordagem dos habitantes que se (re)apropriam e se (re)aproximam das paisagens paralelas às situações rotineiras e cotidianas. Esses habitantes criam paisagens dentro de sua própria cidade, transformando-se em turistas cidadãos.

1.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE OS JARDINS PARTICULARES, OS JARDINS PÚBLICOS E A ORIGEM DOS PARQUES URBANOS

Neste tópico, faremos um breve histórico dos jardins particulares, dos jardins públicos e dos parques urbanos, focalizando a influência europeia para a construção dos parques urbanos no Brasil. A presença dos jardins é significativo para a construção dos parques urbanos. Por conseguinte, esses locais representam a iniciativa de construção de espaços com a presença de natureza na cidade e voltados ao lazer.

A presença dos jardins remete-se à tentativa de resgatar o paraíso perdido, tendo-se em vista que tanto os jardins públicos quanto os privados proporcionam a contemplação/fruição, o descanso, o flunar ou, simplesmente, o contato com a natureza. Posteriormente, os parques urbanos continuam com essa função, acrescida da ideia de representar um espaço com fragmento de natureza no meio urbano e a prática de lazer – socialização – nas cidades. Desde a origem do ser humano, a questão da natureza já estava intrínseca, pois ela lhe proporcionava abrigo e alimentação. Segundo Henrique (2009, p. 40) “a natureza era admirada e homenageada como a semente da fertilidade da terra e dos homens.”.

Destarte, os jardins e os parques se tornaram significativos nos planos e projetos das *urbes*, contribuindo para a harmonia da composição das paisagens

urbanas. Portanto, o foco da discussão será apresentar a constituição dos jardins e dos parques urbanos como espaços de natureza e que possibilitam aos seus frequentadores diversas apropriações e mudanças em sua infraestrutura ao longo da história.

1.1.1 Jardins particulares: constituição e caracterização

Com relação à estrutura da natureza nos jardins, ela pode ser associada com a presença de lagos, fontes, estátuas, pérgulas, escadas, grutas, estufas, vasos, pavilhões, pavimentos, etc. A Enciclopédia Barsa⁴ apresenta mais pormenorizadamente a riqueza das significações de jardim:

Segundo sua destinação, distinguem-se os jardins científicos ou botânicos, destinados à pesquisa e ao ensino, e os de lazer, ou jardins propriamente ditos, tanto particulares como públicos, dedicados ao passeio e descanso, nos quais prima a ordenação e a estética. O jardim de lazer de grande dimensões, em geral chamado parque, é quase sempre público (ENCICLOPÉDIA BARSA⁵, 1997, v. 8, p. 297).

É importante esclarecer que, para conceituar jardim, a Enciclopédia tomou como referência a destinação do jardim ao ser criado e não aprofunda na apropriação da análise crítica do uso desse espaço ao longo da história e a realidade vivenciada. Por outro lado, os jardins científicos ou botânicos foram destinados à pesquisa e, conforme as peculiaridades de contexto histórico e sociocultural nas quais se desenvolveram, tais espaços sofreram diversas transformações, construções e reproduções; ao mesmo tempo mantiveram as áreas de preservação ambiental. Com essas novas adequações, eles se tornaram mais atrativos à comunidade, uma vez que possibilitaram um lazer contemplativo de maior qualidade, por meio das opções voltadas ao meio ambiente: estufas, museus, lagos, diversos jardins – bromeliário, orquidário, cactário, rosário, dentre outros –, trilhas por entre bosques e nascentes, etc.

⁴ O uso da Barsa é imprescindível para o estudo dos jardins, uma vez que há escassez de material sobre o assunto em língua portuguesa, pois a maioria é em francês.

⁵ ENCICLOPÉDIA BARSA. **JARDIM**. São Paulo: 1997, v. 8, p. 297-300.

Historicamente, os jardins mais antigos foram criados na Mesopotâmia e no Egito. No sul da Mesopotâmia, na Babilônia, destacam-se os Jardins Suspensos da Babilônia, dispostos em terraços, e incluídos entre as sete maravilhas do Mundo Antigo (Figura 1). A construção desses jardins suspensos apresenta uma dualidade de versões. A primeira atribui sua autoria à lendária Semíramis, mãe de Adad-nirari III, que reinou entre 810 e 783 a.C.. A segunda versão já remete a contextualização de construção à Nabucodonosor II, que governou de 604 a 562 a.C., e que o fez construir com o objetivo de alegrar sua esposa Amitis. Os Jardins Suspensos da Babilônia se configuram como uma forma de beleza luxuriante para o período, visto que representam o poder e o controle humano no embelezamento da natureza, pois reproduzem uma paisagem de montanha e a forte presença de diversidade de plantas e água. Os jardins do Egito (Figura 2), por sua vez, caracterizavam-se pela simetria rigorosa, constituídos de flores de lótus, diversos tipos de árvores frutíferas e a inclusão de lagos artificiais. (ENCICLOPÉDIA BARSA⁶, 1997, v. 8, p. 297).



FIGURA 1 - Jardins Suspensos da Babilônia.
Fonte: BETTMANN, s.d.



FIGURA 2 - Jardim do Egito.
Fonte: VANNINI, s.d.

Os gregos não deram muita atenção aos jardins destinados ao lazer, concentrando-se em jardins voltados à religião. Esses espaços de natureza se situavam junto aos templos, com características voltadas aos aspectos naturais e não utilizavam a simetria dos egípcios (Figura 3). Esses jardins eram constituídos de colunas, pórticos, esculturas humanas e de animais, representando uma crescente preocupação estética e a presença da natureza como fonte de contemplação.

⁶ ENCICLOPÉDIA BARSA. **JARDIM**. São Paulo: 1997, v. 8, p. 297-300.



FIGURA 3 – Jardim Grego: ruínas do Templo do Zeus.
Fonte: POBLETE, 1990-1996.

Os romanos ligavam a ideia dos jardins a espaços que contradiziam as estruturas urbanas, pois os jardins eram considerados santuários sociais, onde se desfrutava de proteção contra as moléstias do sol, vento, poeira, ruído das ruas; e se podia usufruir de temperaturas mais amenas (Figura 4). Depreende-se disso que os romanos valorizavam as atividades recreativas e, como eles consideravam os jardins o oposto do cotidiano, desfrutaram e usufruíram desse espaço com a prática de socialização com amigos e familiares. As cidades romanas apresentavam áreas verdes tanto nas casas quanto nas vilas e em seus arredores, com o intuito de ter afrescos, com a presença da água e de área ajardinada. (BARCELLOS, s.d.; ENCICLOPÉDIA BARSA⁷, 1997, v. 8, p. 297).

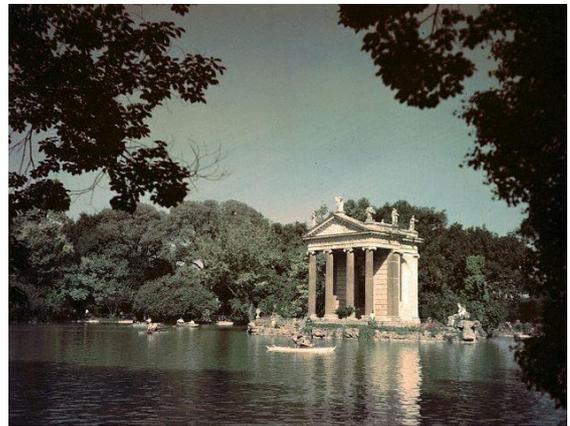


FIGURA 4 - Jardim Romano
Fonte: BETTMANN, 1948.

Salienta-se, ainda, a presença dos jardins no Extremo Oriente, como por exemplo, na China e no Japão. Os jardins da China⁸ apresentam uma rara beleza e flora riquíssima, com a utilização harmoniosa de elementos naturais como a água e

⁷ ENCICLOPÉDIA BARSA. **JARDIM**. São Paulo: 1997, v. 8, p. 297-300.

⁸ Segundo Tuan, um dos primeiros jardins paisagísticos fechados foi o Parque Imperial dos imperadores Han, na China, construído nos arredores de Ch'angan, em meados do século II a.C. . Tuan descreve suas características: "Era muito grande. Havia montanhas, florestas e pântanos dentro da muralha circular, mas também havia paisagens artificiais e palácios construídos para refletir as crenças taoistas mágicas." (TUAN, 2012, p. 203).

a pedra, além de pontes e pavilhões (Figuras 5 e 6). Para Tuan (2012, p. 194), “o jardim chinês desenvolveu-se em antítese à cidade⁹”.



FIGURA 5 - Jardim Chinês - YuYuan em Xangai.
Fonte: FALZONE, 2004.



FIGURA 6 - Jardim Chinês: YuYuan em Xangai.
Fonte: PURCELL, 1988.

Os jardins japoneses, por sua vez, tanto em colina quanto em terreno plano, são sempre bem elaborados e buscam a integração do homem com a natureza (Figuras 7 e 8) (ENCICLOPÉDIA BARSA¹⁰, 1997, v. 8, p. 297). O santuário Heian, situado na capital Tóquio, é um dos jardins mais alegres e de melhor traçado do mundo, enfatizando o amor dos japoneses pela natureza, conforme a figura 8 (BARCELLOS, s.d.). Assim sendo, os jardins japoneses obedecem às limitações espaciais definidas pela natureza.

⁹ “Na cidade do homem encontra-se uma ordem hierárquica, e no jardim a informalidade complexa da natureza.” (TUAN, 2012, p. 194). Com relação à presença da natureza WU (apud TUAN, 2012, p. 194) relata que “As diferenças sociais não existem no jardim, onde o homem está livre para contemplar e comungar com a natureza, negligenciando outros seres humanos.”.

¹⁰ ENCICLOPÉDIA BARSA. **JARDIM**. São Paulo: 1997, v. 8, p. 297-300.



FIGURA 7 - Jardim japonês.
Fonte: BAILEY, 2010.



FIGURA 8 - Jardim japonês.
Fonte: BAILEY, 2010.

Na Europa, na Idade Média, entre os séculos V e XIV, as áreas verdes foram banidas da estrutura urbana, o que tornou as construções desse período rudes e pesadas. As igrejas, claustros e mosteiros constituíam-se em centro da atividade social, com áreas de meditação ao redor de uma fonte central¹¹ (ENCICLOPÉDIA BARSA¹², 1997, v. 8). Nesses três ambientes os jardins eram compostos por árvores frutíferas e plantas medicinais, para uso da comunidade monástica. Esses espaços não foram desenhados com “vistas aprazíveis” e nem “lugar para lisonjear o ego humano”; a sua forma era quadrada (TUAN, 2012, p. 195).

O período do Renascimento, caracterizado pelo movimento cultural que iniciou na Itália e se propagou pela Europa, nos séculos XV e XVI, foi marcado por mudanças no pensamento em relação às artes, às ciências, à literatura e à filosofia. Reitera-se que as modificações conceituais e filosóficas ocorridas na plenitude do Renascimento determinaram uma nova visão sobre a natureza nos espaços urbanos. Assim sendo, “foi durante o Renascimento que o jardim, de simples apêndice da arquitetura, passou a ser considerado um elemento importante do palácio e integrado a seu conjunto.” (ENCICLOPÉDIA BARSA¹³, 1997, v. 11, p. 41).

Em continuidade ao período Renascentista, sucederam-se renovações dos jardins, em destaque nos países da Itália, França e Inglaterra. O jardim italiano era espaço de encontro de intelectuais, local em que eles se encontravam para trabalhar e discutir opiniões, longe do calor da cidade. Esses jardins caracterizam-se por lançar mão de elementos de alto requinte, elementos cênicos e de plantios

¹¹ “A fonte no meio do jardim, com seus jatos de água, simbolizava a geografia do Éden.” (TUAN, 2012, p. 195).

¹² ENCICLOPÉDIA BARSA. **JARDIM**. São Paulo: 1997, v. 8, p. 297-300.

¹³ ENCICLOPÉDIA BARSA. **PAISAGISMO**. São Paulo: 1997, v. 11, p. 40-42.

exuberantes, sendo a vegetação considerada secundária. Perdeu-se a presença de flores e destacou-se a presença de arbustos que eram esculpidos na arte da topiaria, conhecida anteriormente nos jardins romanos, dando às plantas diversas configurações. Esses espaços eram combinados com a presença de fontes, estátuas, árvores e grutas, como visualizado nas figuras 9 e 10¹⁴. (BARCELLOS, s.d.; ENCICLOPÉDIA BARSA¹⁵, 1997, v. 8, p. 298).

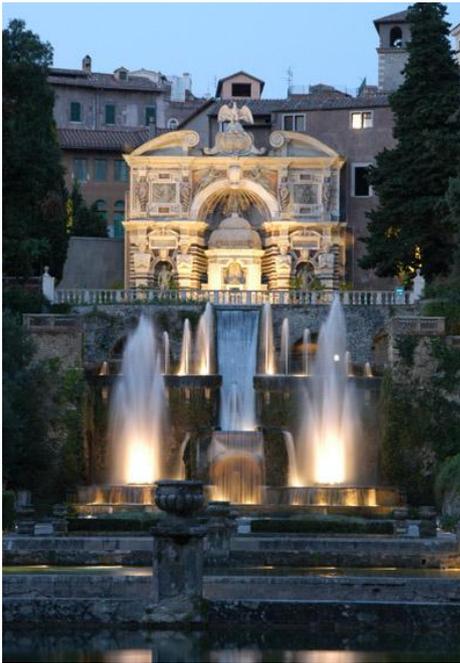


FIGURA 9 - Jardim italiano: Villa d'Este em Tivoli.
Fonte: BENEDETTI, s.d.



FIGURA 10 - Jardim italiano: Villa d'Este em Tivoli.
Fonte: BENEDETTI, s.d.

O jardim francês, por sua vez, sob influência dos arquitetos que trabalhavam na corte francesa são semelhantes aos jardins italianos. Como características desse estilo, destacam-se a presença de formas geométricas, sem distinção de níveis; a simetria; a distribuição axial; o uso da topiaria e a sensação de grandiosidade (Figura 11¹⁶). Seu principal promotor foi o arquiteto e urbanista André Le Nôtre¹⁷, que desenhou os jardins de Versalhes, Fontainebleau e as Tulherias (Figura 12). Pode-se afirmar que os jardins franceses expressam o poder sobre a natureza, por

¹⁴ O jardim Villa d'Este é uma referência e uma obra-prima para os jardins italianos e está na lista da UNESCO como Patrimônio Mundial (HISTORY..., s.d.).

¹⁵ ENCICLOPÉDIA BARSA. **JARDIM**. São Paulo: 1997, v. 8, p. 297-300.

¹⁶ JARDIM Villandry. 2013. Latest Photographs. Disponível em: <<http://www.chateauvillandry.fr/en/>>. Acesso em: 17 out. 2012.

¹⁷ “A arte de André Le Nôtre caracterizou a crença que o homem podia impor seu gosto estético à natureza. O jardim era para ser exibido: glorificava o homem.” (TUAN, 2012, p. 197).

meio da geometrização e das formas esculpidas na natureza, bem como o poder político ao construir esses espaços suntuosos e de demonstração de poder.



FIGURA 11 - Jardim francês: Villandry, no Vale do Loire.
Fonte: JARDIM..., 2013.



FIGURA 12 - Jardim francês: Tulherias em Paris.
Fonte: LEFRANC, s.d.

A natureza em forma de jardins estava presente em espaços privados e canteiros palacianos, como os jardins de Versalhes na cidade Versalhes e de Luxemburgo na cidade Paris, sendo arquétipos de jardins reservados ao rei e à nobreza do século XVI e XVII. Os jardins particulares, frequentados pelos reis e pela nobreza, eram utilizados para o deleite, contemplação, meditação e, muitas das vezes, caracterizavam-se como símbolo de poder. Com a abertura ao público, no reinado de Luís XV, no século XVIII, esses espaços tornaram-se frequentados cotidianamente na Europa (SEGAWA, 1996, p. 38).

O Jardim de Luxemburgo, construído a partir de 1615, a pedido de Maria de Médici, é um dos mais importantes jardins e parques públicos de Paris, pode-se considerá-lo uma referência representativa para os jardins franceses. Ele está situado no coração da cidade, entre o *Boulevard Saint-Michel*, a Rua Vaugirard, a Rua Notre Dame des Champs e ao lado do *Palais du Senat*. Assim, esse parque constitui-se como referencial histórico-paisagístico, influenciando na construção de diversos parques espalhados pelo mundo (Figura 17).

O Jardim de Luxemburgo dispõe de uma lagoa octogonal, no centro do parque, conhecida como Bassin Grand. As crianças brincam de barco no lago e, ao seu redor, possui gramados e jardins em padrão geométrico. O jardim contém muitas estátuas e esculturas, dentre elas estão as das rainhas da França e de outras mulheres importantes (Figura 13). Destaca-se que o parque oferece diversão tanto

para as crianças quanto para os adultos, como teatro de fantoche, carrossel (Figura 14¹⁸), passeios de pônei e burro, apresentações musicais gratuitas em um quiosque; recantos calmos, cadeiras para repouso, leitura ou até mesmo para contemplar a paisagem; jogos e atividades educativas; estufas de flores; lanchonetes, etc. É, portanto, um atrativo tanto para moradores quanto para turistas, propiciando um espaço com diversas atividades e fragmentos de natureza no meio urbano (Figura 15), com a possibilidade de encontro e interação entre eles (Figura 16¹⁹).



FIGURA 13 - Luxemburgo: estátua.
Fonte: THINKSTOCK, s.d.



FIGURA 14 - Luxemburgo: carrossel.
Fonte: LE JARDIN..., s.d.



FIGURA 15 - Luxemburgo: fragmentos de natureza no meio urbano.
Fonte: LEFRANC, s.d.



FIGURA 16 - Luxemburgo: cadeiras espalhadas pelo parque propiciam a interação entre os indivíduos.
Fonte: LE JARDIN..., s.d.

¹⁸ LE JARDIN du Luxembourg. Découvrez les photos du Jardin du Luxembourg. Disponível em: <<http://www.senat.fr/visite/photoHD/jardin3.html>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

¹⁹ LE JARDIN du Luxembourg. Découvrez les photos du Jardin du Luxembourg. Disponível em: <<http://www.senat.fr/visite/photoHD/jardin21.html>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

O jardim inglês difere do francês²⁰ pelo fato de que procura imitar a natureza com a reprodução de paisagem natural, para que não se evidencie a intervenção da mão humana, transmitindo beleza e tranquilidade, representada pela natureza em seu estado puro e livre. “A criação dos jardins em estilo inglês trouxe à cidade uma valorização da paisagem rural e a construção de casas que mais pareciam casas de campo” (HENRIQUE, 2009, p. 124). Pode-se afirmar que esse tipo de jardim é construído a partir do desenho que libera a natureza das configurações impostas dos jardins formais franceses.

Para concretizar essa ideia, o jardim inglês possui a presença de gramados longos e largos, plantas floríferas (Figura 18), rios, pequenos bosques, ilhas (Figura 19²¹) e algumas construções como pontes e pequenos pavilhões que valorizam a topografia do terreno. No Brasil, existem inúmeros parques que possuem o estilo inglês, a exemplo do Parque Lage, do Ibirapuera e das paisagens de Brasília (ENCICLOPÉDIA BARSA²², 1997, v. 8, p. 298).



FIGURA 18 - Jardim inglês: detalhe das flores em frente ao Palácio de Buckingham em Londres.
Fonte: BRISCOMBE, s.d.



FIGURA 19 - Jardim inglês: detalhe do rio e pequeno bosque em frente ao Palácio de Buckingham em Londres.
Fonte: BUCKINGHAM..., s.d.

²⁰ “A escola inglesa, justamente em oposição à escola francesa, rebelava-se contra esse classicismo paisagístico, sendo a favor de uma expressão e um caráter totalmente novo e liberal. O princípio era o da aproximação do homem com a natureza, respeitando suas formas e procurando imitá-las. A sinuosidade e as curvas prevalecem sobre a simetria e o desenho geométrico regular. Nessa escola, também chamada pictórica, o jardim perde sua influência tridimensional de espaço unitário. A composição paisagística passa a ser elaborada de diversos pontos de vista, como um grande quadro com uma superposição de planos. As perspectivas monumentais, com seus grandes eixos, desaparecem, sendo substituídas por caminhos curvilíneos” (LUZ, 2000, p. 85).

²¹ BUCKINGHAM Palace, London. s.d. Disponível em: <http://www.londontown.com/LondonInformation/Attraction/Buckingham_Palace/8022/imagesPage/2218/>. Acesso em: 17 out. 2012.

²² ENCICLOPÉDIA BARSA. **JARDIM**. São Paulo: 1997, v. 8, p. 297-300.

O histórico e a caracterização dos jardins são de grande importância para a compreensão do uso e constituição dos parques urbanos no mundo e no Brasil. Haja vista que os jardins italianos, franceses e ingleses influenciam tanto na arquitetura da criação dos parques urbanos quanto na apropriação.

1.1.2 Os jardins públicos e a origem dos parques urbanos: espaços de natureza na cidade e lazer da população

A construção do jardim público²³ europeu consagra-se nos séculos XVI e XVII e, apesar de serem espaços públicos, eram locais de segregação dentro da cidade, em razão de serem frequentados por uma elite econômica e social que por ali passeavam para serem vistos.

Com relação aos jardins particulares, presentes nos palácios, castelos e conventos, originaram-se da tradição francesa e inglesa, antes do XVIII, na Europa; transformaram-se em públicos a partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia. Contudo, os jardins dos palácios da corte tornaram-se públicos, ainda que restritos à elite. Eles foram incorporados à estrutura urbana, marcando a presença de extensas áreas verdes no coração das cidades.

Segawa (1996, p.15) descreve que: “[...] fazer-se público de sua presença, exibir pompa, ver homens e mulheres bem vestidos e bonitos, contar e ouvir novidades, assistir a apresentações musicais, mostrar filhas na busca de maridos, homens finos admirando e fazendo a corte a cortesãs” são exemplificações do uso desses espaços. Diante do exposto, pode-se constatar que os jardins públicos eram frequentados pelas elites com a exposição de vaidades impostas por um jogo social²⁴ de comportamento refinado, discreto e silencioso, constituindo palco de construção social.

É possível notar também a criação dos espaços ajardinados públicos atrás das muralhas de fortificações, em Paris, no século XVII, nos quais foram plantadas árvores, servindo para passeio da rainha e da elite parisiense, que caminhavam ou

²³ “[...] o jardim público torna-se um monumento ao verde – espaço ao culto e ao repositório de significados da natureza idealizada pelo ser humano.” (SEGAWA, 1996, p. 49).

²⁴ “A roupa era símbolo de hierarquia social.” (SEGAWA, 1996, p. 47).

circulavam com suas carruagens sob a sombra das árvores²⁵ (Figura 20²⁶). Spirn (1995, p. 207) diz que: “o passeio foi por muito tempo uma recreação urbana apreciada, e ruas margeadas por árvores²⁷ serviram a esse propósito por, no mínimo, quatro séculos, se não mais.”.

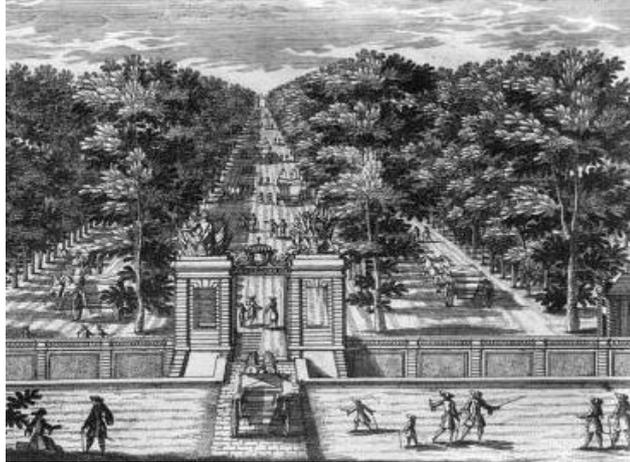


FIGURA 20 - *Cours La Reine*: espaços ajardinados dentro das muralhas.
Fonte: COURS...

Segundo Segawa (1996, p. 23) “na Europa dos séculos 17 e 18, manifestações de apreço com a natureza e a paisagem afloravam com maior intensidade.” Tornou-se um hábito cotidiano o contato com a natureza pelo fato dela proporcionar um devaneio íntimo, privacidade, meditação, repouso e harmonia. Os jardins e os parques públicos, com a presença da natureza, se destacam como criações marcantes na urbanização e podem ser considerados como espaços para contemplação/fruição, (re)significando a experiência na *urbe*.

A presença de praças arborizadas se destaca no início do século XVII, em Londres. Pode-se exemplificar que, devido ao crescimento econômico da burguesia, desenvolveram-se elegantes bairros residenciais com a presença de praças arborizadas em seu entorno (HOWARD, 1996, p. 13). O *Hyde Park*, em Londres,

²⁵ “O propósito inicial da muralha nas cidades era a defesa militar, mas, depois que a invenção da pólvora obrigou à substituição dos antigos e estreitos muros de alvenaria da cidade por largos muros de terra, o muro tornou-se um lugar popular para passeios públicos.” (SPIRN, 1995, p. 207-208)

²⁶ COURS La Reine. Disponível em: <<http://www.obsidianportal.com/campaign/le-ballet-de-l-acier/wikis/cours-la-reine>>. Acesso em: 15 out. 2012.

²⁷ “O surgimento e a proliferação da árvore de rua desde o fim do século XVI e durante o século XVII marca um período de rápidas mudanças na sociedade urbana europeia” (SPIRN, 1995, p. 207). “À medida que as cidades se tornaram mais densas e foram separadas de sua área rural pelos subúrbios e extensas defesas, as árvores de rua tornaram-se cada vez mais comuns.” (p. 208).

antigo campo de caça real, aberto ao público em 1637, representa os espaços de natureza - árvores e gramados - em ruas e jardins na cidade (Figuras 21 e 22). Esse espaço é caracterizado com: “[...] caminhos, árvores e gramados, dispostos de maneira naturalista, com desenho sinuoso e acolhedor, pleno de recantos, onde o indivíduo, a família, os amigos, encontram seu espaço próprio, independente de qualquer referencial ao poder central absoluto e controlador [...]” (HOWARD, 1996, p. 16).



FIGURA 21 - Hyde Park em Londres.
Fonte: BARNARD, s.d.



FIGURA 22 - Hyde Park em Londres.
Fonte: RUSSELL, s.d.

No final do século XVIII, inicia-se na Europa, a Revolução Industrial, influenciando drasticamente variações espaciais, devido ao abandono das zonas rurais e à expansão das cidades, motivando uma série de transformações de ordem econômica, política, social e técnica. À medida que as cidades cresciam e a população demandava infraestrutura, aumentavam as queixas sobre alguns aspectos urbanos (trânsito, poluição atmosférica, mau cheiro, barulho, espaços de miséria, etc.) e diminuía os espaços com fragmentos de natureza disponíveis para a população, que foram substituídos por casas, ruas, comércios, dentre outros. Assim, teve início a preocupação com reformas sanitárias²⁸, por meio de leis de saúde pública, para a consecução de higiene/limpeza urbana e a construção de melhor infraestrutura. As queixas dos cidadãos se estendiam também ao fato de a

²⁸ A partir de 1740, os grandes centros europeus começaram a cuidar da limpeza urbana, com a consecução de drenagem de buracos e depressões alagadas e uso de materiais nas calçadas, como placas de granito, que evitassem fissuras, para não acumular excrementos humanos e de animais. Em 1750, o povo parisiense foi obrigado a lavar o estrume e o entulho em frente à residência. Houve a recuperação de locais inundados ou obstruídos em 1764. E, em 1780, foi proibido esvaziar os penicos nas ruas (SENNETT, 2001, p. 220).

industrialização ter promovido o crescimento das cidades em detrimento dos espaços de natureza. Jardins particulares construídos no século XVII deram lugar às construções habitacionais e comerciais no século XVIII. (SPIRN, 1995, p. 47).

Em decorrência da expansão urbana e a introdução do ritmo da cidade industrial, com pouco tempo livre para se socializar e descansar, os parques urbanos surgem como demanda para as práticas de lazer. Ao mesmo tempo, os parques urbanos compõem espaços amenizadores das estruturas urbanas, por meio de espaço de socialização e natureza, proporcionando melhor qualidade de vida para a população. Essa ideia pode ser corroborada por Kliass (1993, p. 19) que apresenta o conceito de parque urbano, afirmando que: “[...] são espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação.”. No final do século XVIII, na Inglaterra, os parques urbanos surgem como fator urbano de relevância, todavia, seu desenvolvimento só culmina quase cem anos depois.

Nas Américas, por sua vez, os parques foram incentivados pelo Movimento de Parques Americanos, liderado pelo arquiteto-paisagista Frederick Law Olmsted. O arquiteto-paisagista Frederick Law Olmsted foi quem adotou de modo significativo a presença de parques nas cidades americanas²⁹. Para o arquiteto, o parque urbano representava ar puro, ou seja, os “pulmões” da cidade. Nesse contexto, os parques foram construídos para atender à necessidade de criação de espaços que se contrapunham às estruturas urbanas. O final do século XVIII foi um período de destaque na construção dos parques urbanos nos Estados Unidos. (KLIASS, 1993, p. 19).

O Central Park é uma criação de destaque do arquiteto Frederick Law Olmsted e, ainda hoje, é considerado o maior parque público de Nova York com 843 hectares e uma referência para os demais (Figuras 23 e 26). Sua construção foi patrocinada por fundos públicos e sua abertura oficial ocorreu em 1876; nesse período representou um destaque em meio às melhorias públicas efetuadas. Atualmente, o Central Park, além de um ambiente seguro ao ar livre (Figura 24),

²⁹ “Desenvolveu-se nos Estados Unidos o que veio a ser conhecido como o Movimento de Parques Americanos, cuja figura mais representativa foi Frederick Law Olmsted. Olmsted teve grande influência no desenho das cidades americanas com a inserção de parques na estrutura urbana através da utilização do seu potencial paisagístico.” (KLIASS, 1993, p. 22). As contribuições do arquiteto ultrapassaram a construção de parques, estabelecendo um sistema de áreas verdes integradas por avenidas-parques e preservando vales e beira-rios, como por exemplo, em Nova York, Chicago e Boston, segundo Kliass.

oferece uma grande variedade de atividades saudáveis para o lazer da comunidade e turistas de todas as idades, como zoológico, pista de patinação no gelo, teatro, beisebol, basquete; circuito para a prática de caminhadas e corridas; espaço reservado para passeio com os cachorros; xadrez, dama, pescaria, etc. (Figura 25) (CENTRAL³⁰...).



FIGURA 23 - Vista aérea do Central Park em Nova York.
Fonte: MILLER, 1998.



FIGURA 24 - Central Park em Nova York.
Fonte: MILLER, [20--].



FIGURA 25 – Atrações e atividades do Central Park em Nova York.
Fonte: MILLER, [20--?].

³⁰ CENTRAL Park: official website of New York city's. Disponível em: <<http://www.centralparknyc.org/visit/things-to-do/>>. Acesso em: 15 out. 2012.

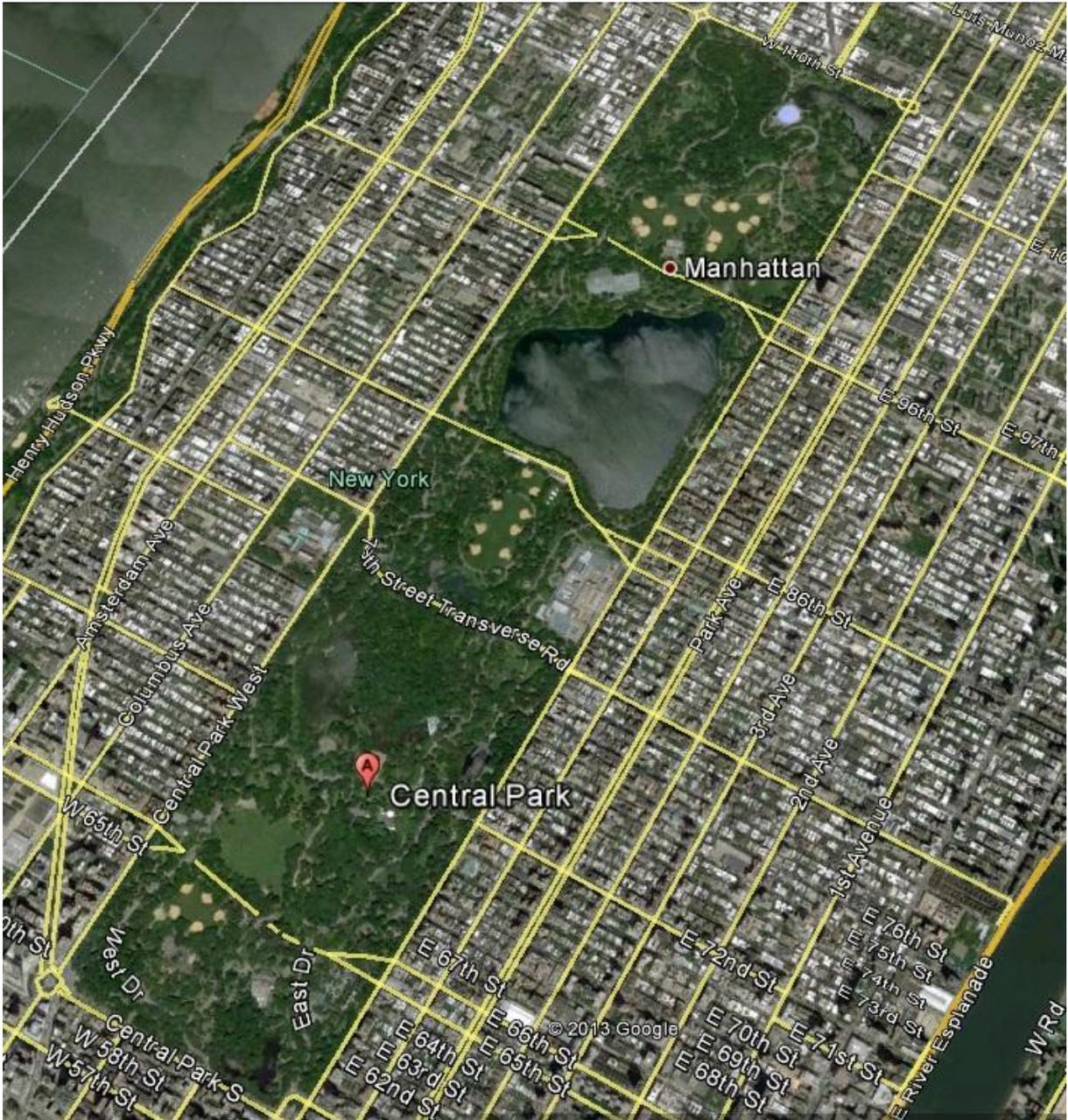


FIGURA 26 – Foto satélite do Central Park em Nova York.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.

O século XIX foi marcado por profundas mudanças econômicas, políticas e sociais que influenciaram as concepções urbanísticas de muitas cidades europeias. Nos anos de 1850 e 1860, os parques urbanos foram mais expressivos, com ênfase na França, exemplificado pela reforma marcante de Paris, idealizada por Georges-Eugene Haussmann³¹, com a reformulação do centro do país. Essa reformulação

³¹ “[...] Na segunda metade do século XIX, Haussmann estabeleceu um sistema de parques urbanos constituído por áreas verdes em diferentes escalas, interligadas pelas grandes avenidas.” (KLIASS, 1993, p. 22). O plano de Haussmann teve influência universal, sendo que, no Brasil, influenciou vários planos, como o de Agache, no Rio de Janeiro, de 1928; o de Prestes Maia-Uchoa Cintra, para Porto

ocorreu por motivos estéticos e sanitários, destacando-se as construções de grandes parques: Bois de Boulogne, Monceau, Buttes-Chaumont e Montsouris³² (Figura 27).

Destaca-se ainda, a construção de novos *boulevards* - amplas ruas margeadas por árvores (Figura 28) - presentes nos cruzamentos viários da cidade, advindas com a queda dos muros dos passeios ajardinados do século XVII, como citado anteriormente, o *Cours La Reine* em Paris (SPIRN, 1995, p. 208).



Figura 27 - Parque Montsouris em Paris.
Fonte: BERTRAND, s.d.

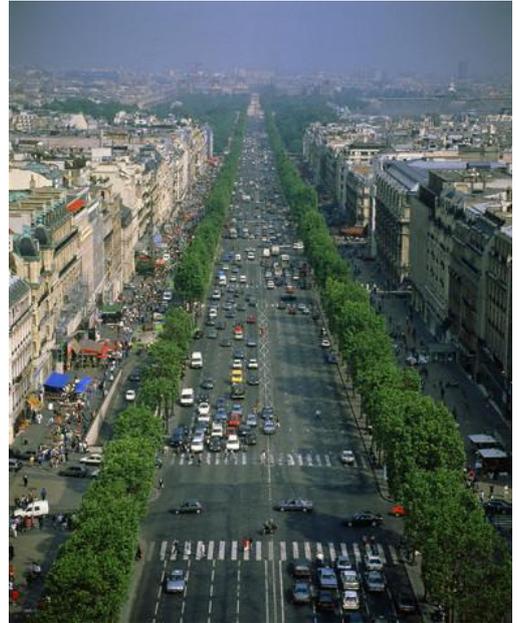


FIGURA 28 - Boulevard Parisiense.
Fonte: SPICHTINGER, s.d.

Com a influência da Revolução Industrial, no século XIX, as habitações dos operários das grandes cidades, como a de Londres, situavam-se em vielas estreitas, sem ventilação, higiene precária, valas ao céu aberto e contaminação do curso d'água. Além disso, com os salários desvalorizados as pessoas encontravam-se desnutridas e com roupas precárias. Consoante à falta de condições sanitárias, formou-se um quadro de epidemias e surtos de cóleras após 1830 (HOWARD, 1996, p. 18). Nesse período, diante das dificuldades estruturais enfrentadas pelas cidades, com as péssimas condições de trabalho e habitabilidade das grandes cidades europeias, ocorreu a criação dos primeiros parques urbanos para os moradores comuns. Vale destacar que nesse período reforçou-se a preocupação com a vegetação.

Alegre, de 1939; e o de Atilio Correia Lima, para Goiânia, de 1933. (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1997, v. 14, p. 262-263).

³² "Ao proceder à urbanização da cidade de Paris, na segunda metade do século XIX, Haussmann estabeleceu um sistema de parques urbanos constituídos por áreas verdes em diferentes escalas, interligadas por grandes avenidas." (KLIASS, 1993, p. 22).

Howard (1996, p. 18) reitera que a influência da Revolução Industrial

[...] deixou outras profundas e bem conhecidas marcas nas cidades europeias: pelo inédito aumento de suas populações, da poluição do ar e dos cursos d'água, de graves problemas de higiene e conseqüentemente da enorme deterioração do ambiente urbano.

Esse período foi marcado por um crescimento intenso nas cidades, ocasionando superpovoamento e poluição dos meios naturais. Surgiram, dessa forma, na maioria das cidades europeias, os parques urbanos como resposta às questões sanitárias e estéticas das cidades.

Assim sendo, as leis sanitárias foram de grande importância para as políticas urbanas inglesas, melhorando as habitações urbanas na era industrial. Howard (1996, p. 37) diz que o planejamento urbano inglês sofreu influência com:

o conjunto de processos formado essencialmente pela evolução da legislação de tradição sanitária, pelos estudos regionais a partir da contribuição de Patrick Geddes (1854-1932) na formação da sistemática de execução de planos (pesquisa, análise, proposta) e pela básica atuação de Ebenezer Howard por meio da ideia de Cidade-Jardim e sua implementação em Letchworth e Welwyn [...].

Nas últimas décadas do século XIX, a maioria das cidades foi desenhada e planejada com a presença de espaços para jardins públicos nas áreas centrais, sob influência do estilo inglês, conforme Henrique (2009, p. 128). A ideia de introduzir a natureza nos espaços urbanos estendeu-se aos planejadores do século XX, porquanto a Cidade-Jardim é de grande importância, na transição do século XIX ao XX, para a história da urbanização na Inglaterra, repercutindo em todo o mundo.

O urbanista inglês Ebenezer Howard tinha a intenção de melhorar os bairros precários dos operários, com a proposta de implantar áreas verdes em ruas, avenidas, espaços públicos, parques e áreas de recreação pela cidade, tornando-as agradáveis, convidativas, acolhedoras, com ar fresco e a socialização em contato com a natureza. Pode-se inferir que o planejamento de cidade-jardim remete ao incentivo da presença da natureza na cidade e, ainda, remete à ideia de harmonizar e influenciar a natureza na vida social e cultural dos cidadãos.

Segawa (1996, p. 68) salienta que, “o significado da vegetação, das árvores para a salubridade³³ das cidades ainda era polêmico nas primeiras décadas do século 19”, a ação benéfica das árvores para a salubridade foi discorrida pela medicina ao longo do século XIX, assimilando a arborização das ruas, praças e parques como “pulmões urbanos”³⁴, perfazendo reserva de ar puro, redução da poeira e limpeza da atmosfera.

Ao longo da história, os parques urbanos assumem diferentes funções e usos, seguindo a influência da estrutura urbana, do fenômeno social e da preservação de áreas verdes. Eles não são submetidos a um padrão, pois se diferenciam quanto ao tamanho, funções, tipos de equipamentos, espaço de preservação ambiental e de socialização, dentre outros. Conforme Serpa (2007, p. 69) “todos os parques públicos representam alegorias do tempo e dos poderes que os conceberam. [...] Espaço e tempo atuam concomitantemente nos parques públicos [...]”.

Serpa (2007, p. 70) ressalta que as construções dos parques estão ligadas ao poder: “concebido como equipamento urbano e recreativo, o parque público está ligado, sobretudo, a uma vontade política”, seja um poder real, imperial ou presidencial que mobiliza recursos financeiros consideráveis para a concepção dos parques que “[...] são vitrines e signos ostentatórios dos poderes constituídos [...]” deixando traços representados através do tempo. É relevante considerar a evidência de que, apesar de os parques serem espaços representados por um poder, eles são um espaço de troca de conhecimentos, com o convívio social cidadão e digno.

Tais reflexões revelam que os parques sempre cumpriram o papel de “emblemas” do poder. Essa lógica está presente desde a construção do Jardim de Versalhes, no século XVII, o Buttes-Chaumont, no século XIX, até a construção do *Parc de la Villette*, no século XX, segundo Serpa (2007, p. 70). Desse modo, independentemente da época da construção, os jardins privados, jardins públicos e

³³ “Salubridade não é a mesma coisa que saúde, e sim o estado das coisas, do meio e seus elementos constitutivos, que permitem a melhor saúde possível. Salubridade é a base material e social capaz de assegurar a melhor saúde possível dos indivíduos. E é correlativamente a ela que aparece a noção de higiene pública, técnica de controle e de modificação dos elementos materiais do meio que são suscetíveis de favorecer ou, ao contrário, prejudicar a saúde. Salubridade e insalubridade são o estado das coisas e do meio enquanto afetam a saúde; a higiene pública – no séc. XIX, a noção essencial da medicina social francesa – é o controle político-científico deste meio.” (FOUCAULT, s.d., p. 55).

³⁴ Expressão utilizada por Segawa (1996).

os parques urbanos são concebidos na arquitetura e na paisagem urbana com características de espetáculo, gigantismo e revalorização da área. Os dois primeiros são referências clássicas para a construção no século XXI, sendo ambos criações inovadoras para a época em que foram concebidos. Ressalta-se que, no século XXI, nas grandes cidades, os parques ainda são espaços representativos para o lazer dos cidadãos e espaços de natureza que favorecem a sensação de liberdade.

Desde o século XIX até os tempos atuais, os parques representam um lugar de sociabilidade e urbanidade, “[...] o parque público contribui para melhorar a qualidade da vida urbana e oferece aos habitantes das cidades espaços recreativos e de lazer “festivo”” (SERPA, 2007, p. 82). Nas cidades contemporâneas³⁵, os parques, em sua maioria, foram construídos para a valorização do solo urbano, transformando a área por meio da valorização imobiliária, de melhorias na infraestrutura comercial e de serviços.

Serpa (2007, p. 53) destaca que: “[...] ao redor de um grande parque são implantados equipamentos culturais ao lado de imóveis comerciais e residenciais, resultando em novos bairros de *affaires* e com vocação de lazer [...]”. O espaço público, portanto, é criado desintegrando a comunidade, por se tratar de local consolidado por uma imagem publicitária e não acessível aos moradores de bairros e setores distantes, compondo um local de segregação de grupos sociais, visto que, “o parque público é um espaço aberto à população, acessível a todos, posto à disposição dos usuários, mas todas essas características não são suficientes para defini-lo como espaço público” (SERPA, 2007, p. 37).

Entende-se que os parques urbanos são espaços de uso público para estabelecimento de relações sociais, por meio de práticas esportivas, culturais, educativas, artísticas, ambientais, convivência comunitária e com possível visitação turística. Cabe colocar a questão da esfera pública desses espaços, pois a presença dos parques na estrutura urbana das grandes cidades é importante para o lazer, para a preservação da natureza e na configuração espacial, conseqüentemente, na qualidade de vida dos cidadãos.

Concernente à historicidade dos parques urbanos, o próximo subcapítulo retratará a análise histórica dos parques urbanos no Brasil, nas principais capitais ou

³⁵ A Idade Contemporânea corresponde ao tempo em que vivemos hoje, sendo caracterizada pelo capitalismo que norteia as ações do Estado, com o liberalismo e o neoliberalismo em seu interior. (RAMOS, 2010).

idades referenciais no período retratado. Mescla-se, ainda, a influência das linhas de projeto paisagístico europeus na caracterização desses espaços.

1.2 PARQUES URBANOS NO BRASIL

A urbanização no Brasil encontrava-se incipiente nos três primeiros séculos que se seguiram ao período de colonização, realizada a partir do século XVI. Destaca-se que, na época, as capitais brasileiras, Salvador e, posteriormente, o Rio de Janeiro, e as cidades mineiras do ciclo do ouro – Ouro Preto, Mariana e Parati possuíam modestas aglomerações urbanas e não havia a preocupação com a presença da natureza no espaço urbano central, uma vez que as vegetações estavam confinadas a quintais e pátios³⁶, com o predomínio de cultivo de árvores frutíferas, ervas de cheiro, floreiras e plantas medicinais, voltados para as atividades culinárias e considerados locais de serviço e da presença dos escravos (MARX, 1980, p. 57-58).

Conforme Macedo (1999, p. 26) nesse período “a vegetação está sempre ausente do espaço urbano central; chafarizes e cruzeiros são praticamente os únicos elementos que se destacam no espaço público”. No século XVII, apenas Recife possuía uma urbanização organizada, sendo “[...] o primeiro núcleo urbano a dispor de arborização de rua no continente americano e teve o primeiro parque público construído no Brasil: o do Palácio de Friburgo, desaparecido logo após a retirada dos holandeses de Pernambuco” (MACEDO, 1999, p. 26).

Os holandeses permaneceram no Nordeste do Brasil entre 1624 e 1654, entre eles Maurício de Nassau que governou a então Nova Holanda, hoje cidade de Recife, de 1637 a 1644, onde desenvolveu e ergueu uma nova cidade, com ruas calçadas, pontes e um nível de urbanização desconhecida até então no Brasil. Associada à contemplação da natureza e ao ócio, Nassau foi responsável pela construção do Palácio de Friburgo, em 1642, com jardim, viveiro e um jardim zoobotânico. Esse gosto pelo jardim e pela apreciação do espetáculo da natureza, apresentado por Nassau, introduziu a presença de um grande exemplar de fauna e

³⁶ “Os jardins eram raros na cidade colonial brasileira. Resumiam-se a parcelas das grandes propriedades religiosas e dos quintais das residências” (MARX, 1980, p. 57-58).

flora, em destaque para as árvores frutíferas, conseqüentemente, o desenvolvimento dessas plantações (SEGAWA, 1996, p 53-55).

Segundo Macedo (1999, p. 26),

somente no final do século XVIII, com a abertura das minas de ouro, nas vizinhanças do Rio de Janeiro, e sua elevação à capital do Vice-Reinado (1720), é que finalmente se criam condições para o surgimento de uma população urbana um pouco mais estável nessa cidade.

Iniciou-se o período Imperial (1822) e o Rio de Janeiro tornou-se a capital federal. Assim, os recursos do país convergiram para a cidade propiciando o seu desenvolvimento urbano. Dessa forma, foram realizadas algumas reformas urbanas como aterros, calçamentos, água em chafarizes, iluminação pública, etc.

O Passeio Público, construído em 1783 por ordem do vice-rei Luís de Vasconcelos de Sousa, foi concebido por mestre Valentim da Fonseca e Silva (Figura 29³⁷). Ele sofreu uma reforma, em 1862, que modificou totalmente sua estrutura paisagística, mantendo do projeto original apenas o terraço debruçado sobre o mar (Figura 30³⁸). “O Passeio Público foi totalmente reformado por Glaziou³⁹, perdendo o traçado neoclássico, geométrico e acadêmico, que deu lugar a um projeto moderno para a época, com água serpenteante, caminhos orgânicos conectados entre si” (MACEDO; SAKATA, 2003, p. 19).

³⁷ PASSEIO público: acervo histórico. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/htm/construcao.asp>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

³⁸ PASSEIO público: descrições. s.d. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/htm/descricoes.asp>>. Acesso em: 08 out. 2012.

³⁹ Auguste-François-Marie-Glaziou, foi um paisagista, de influência marcante no Brasil, que no século XIX construiu e reformou os mais importantes parques do Rio de Janeiro, como a Quinta da Boa Vista e o Campo de Santana, imprimindo-lhes o estilo do jardim britânico (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1997, v. 8, p. 298). Vale ressaltar que a reforma com a influência clássica e geométrica, utilizada pelos projetos com desenhos românticos de Glaziou, marcou significativamente o espaço livre público e privado no Brasil. O Passeio Público foi o primeiro espaço público significativo no Brasil a utilizar-se da linha Eclética com o uso da corrente clássica, cujo desenvolvimento ocorreu na segunda metade do século XIX (MACEDO; SAKATA, 2003, p. 22).



FIGURA 29 - Chafariz dos Jacarés, criado por Valentim.
Fonte: PASSEIO..., s.d.



FIGURA 30 - Terraço sobre a Baía de Guanabara.
Fonte: PASSEIO..., s.d.

Essa fundação consiste em um primeiro sinal de valorização, melhoria dos espaços públicos e o início do tratamento paisagístico em áreas públicas no Brasil. O Passeio Público foi construído em uma área alagadiça (charco), com o intuito de valorizar o espaço e constituir o lazer urbano; no entanto, não era frequentado pela massa urbana e sim pelas elites⁴⁰. Segawa (1996, p. 218) diz que houve, então, um árduo aproveitamento dessas áreas, “[...] cobrindo superfícies infectadas com um simulacro saudável de natureza [...] transformando-se em áreas valorizadas e vizinhanças valorizadas”, pois antes esses locais eram vistos pelos cidadãos como foco de insalubridade e enfermidades.

O planejamento para a construção do Passeio Público ocorreu, também, com o intuito de melhorar a ligação do núcleo urbano com as outras regiões, porquanto foi considerado um dos empreendimentos de destaque construído nesse período no Rio de Janeiro. Ele é considerado o primeiro e mais elaborado jardim público e é, oficialmente, o mais antigo parque urbano do Brasil⁴¹ e sua origem precede a própria constituição do país como nação (MACEDO; SAKATA, 2003, p. 18; MARX, 1980, p. 61). No final do século XVIII, aparecem os primeiros jardins públicos voltados para o lazer.

⁴⁰ “Por esses espaços públicos passeia a nova aristocracia, tanto na corte como nas principais cidades, trajada especialmente para a ocasião, exibindo um vestuário à francesa e imitando os hábitos parisienses. Por suas alamedas desfilavam senhoras, cavalheiros e crianças ostentando o elaborado vestuário da época, com fraques pesados, vestidos com armações e muitas saias, e sombrinhas, a maior parte das roupas totalmente inadequada a um país tropical como o Brasil.” (MACEDO; SAKATA, 2003, p. 23).

⁴¹ O Passeio Público, ao contrário do Palácio de Friburgo, é o primeiro espaço público tratado – com projetos – do país (MACEDO, 1999, p. 26).

Marx (1980, p. 64) apresenta que, no início, além de espaço para o lazer, os jardins públicos eram também ambientes de ensaio e pesquisa de plantas. Eram situados nas bordas das cidades, como nas antigas cidades europeias, em terras muito ruins para arruamento ou construção. Esses espaços públicos foram construídos segundo a linha projetual Eclética⁴², seguindo as inspirações europeias do jardim clássico francês, com uma visão romântica, bucólica e idílica, traçado extremamente geométrico voltado ao lazer contemplativo e ao passear. Pode-se inferir que os desenhos do espaço público e privado brasileiro, no século XVIII, são caracterizados por projetos paisagísticos de padrões europeus, em destaque pelos franceses.

Seguindo a linha Eclética, os parques e as praças brasileiras, como por exemplo a Praça da República⁴³ em Belém e o Parque Municipal Américo Renné Giannetti⁴⁴ em Belo Horizonte foram constituídos nesse período com predominância de cenários europeizados, com fontes, quiosques, pórticos, esculturas, pontes, eixos, grandes maciços arbóreos, eixos, etc. (Figuras 31 e 32).



FIGURA 31 - Linha Eclética: Praça da República em Belém.
Fonte: OLIVEIRA, s.d.



FIGURA 32 – Linha eclética: Parque Municipal Américo Renné Giannetti em Belo Horizonte.
Fonte: PATARO, s.d.

⁴² O Eclétismo reflete uma forma romântica presente nos espaços livres da Europa do século XVIII, que se consolida no Brasil no século XIX, quando se dá a formalização de uma cidade moderna, advinda do processo industrial.

⁴³ A Praça da República, em Belém, possui traçado geométrico que direciona a um ponto focal ou à área central, extensos relvados e maciços arbóreos que permitem à população uma gama de atividades de lazer (MACEDO, 1999, p. 48-49).

⁴⁴ Parque Municipal Américo Renné é a primeira área de lazer e contemplação da cidade de Belo Horizonte. Surgiu inspirado nos parques franceses, com a presença de roseiras, coreto, grande quantidade de árvores e espelho d'água (PARQUE...).

O Ecletismo abarca duas correntes bastante diferenciadas: a clássica⁴⁵ e a romântica⁴⁶. A corrente clássica (Figura 33) caracteriza-se pelo uso geométrico do solo; utiliza pisos e caminhos estruturados por eixos⁴⁷, a vegetação é disposta de forma expositiva e intercalada por objetos pitorescos, como fontes e esculturas. A corrente romântica (Figura 34⁴⁸), por sua vez, compõe o espaço com grandes gramados e arvoredos, lagos românticos, edifícios pseudo-gregos, estátuas e outros elementos. Ao contrário da corrente clássica, os caminhos são orgânicos e não permite os eixos geométricos (MACEDO, 1999, p. 23).



FIGURA 33 - Corrente clássica: Praça da República no Recife.
Fonte: BARREIRA. s.d.



FIGURA 34 - Corrente romântica: Passeio Público no Rio de Janeiro.
Fonte: RIO..., s.d.

No final do século XVIII, os jardins botânicos foram concebidos nas principais aglomerações urbanas, como em Belém (1798), Rio de Janeiro (Figura 35) (1808), Olinda (1811), Ouro Preto (1825) e São Paulo (Figura 36) (1799). Esses espaços estavam situados à margem do núcleo urbano, os quais foram construídos inicialmente como centro de pesquisa da flora tropical, segundo Macedo e Sakata (2003, p. 22-23). Iniciando-se, assim, no país, um processo de divulgação da importância da arborização urbana.

⁴⁵ A corrente clássica predominou do início ao meio do século XIX, sendo derivada dos ensinamentos da Missão Francesa, representada pelo Passeio Público, que foi o primeiro espaço público brasileiro constituído dentro da linha clássica.

⁴⁶ A corrente romântica predominou na segunda metade do século XIX e tem como primeiro projeto de porte a reforma do Passeio Público do Rio de Janeiro, em 1862.

⁴⁷ Com relação aos caminhos presentes nos jardins, Tuan (2012, p. 194-195) descreve que: “O jardim está desenhado para envolver, para rodear o visitante, que, à medida que percorre as trilhas tortuosas, descobre cenários que mudaram constantemente.” (TUAN, 2012, p. 195).

⁴⁸ RIO total. s.d. Disponível em: <<http://www.riototal.com.br/riolindo/tur054.htm>>. Acesso em: 29 fev. 2012.



FIGURA 35 - Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
Fonte: UCHÔA, s.d.



FIGURA 36 - Jardim Botânico de São Paulo.
Fonte: ÁRVORES..., s.d.

Os jardins botânicos se constituem como espaços de divulgação do conhecimento da fauna e da flora. Conforme Segawa (1996, p. 58), o jardim botânico não pode ser considerado como “[...] um espaço de deleite, contemplação [...]”, mas sim um recinto com finalidades científicas “[...] de coletar, ordenar, preservar e reproduzir espécies vegetais raras para o seu contexto fitogeográfico.” O autor apresenta o conceito de jardins botânicos, como espaços que:

[...] constituem uma tênue fronteira entre o público e o privado. Privado enquanto se trata de um recinto com finalidades científicas de prática reservada – o que sugere a expressão ‘semiprivada’ como mais adequada, porquanto ao se propor como espaço de divulgação do conhecimento da flora, esse recinto se abre para os interessados, é um espaço público (SEGAWA, 1996, p. 58).

Ao longo da história, esses espaços mudam sua função, assumindo o papel de parque urbano e pesquisa; como, por exemplo, o Jardim Botânico de São Paulo, voltado para as práticas de lazer e contemplação. Apesar dessa transformação, ainda constituem em sua infraestrutura uma maior quantidade e diversidade de fauna e flora se comparados aos espaços constituídos somente como parques.

Em 1808, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, (em 1822), com a Independência e, mais tarde, com maior riqueza, (em razão do crescimento econômico do país), entra em vigência a presença de maior número e mais elaborados jardins privados, segundo Marx (1980, p. 58). O autor apresenta pormenorizadamente as características desses jardins privados:

[...] o jardim particular vai ganhar nova importância na vida e novo lugar no lote. E, muito especialmente, com as novas ideias vindas da Europa. A casa tradicional urbana brasileira, erguida ao longo da testada do terreno, ou do alinhamento da rua, colada às suas vizinhas, abrindo-se para a rua e para o quintal nos fundos, vai cedendo lugar a outro conceito de morar. Afasta-se primeiro de um dos lotes, permitindo uma entrada mais condigna, bordejada por canteiros decorativos. Depois, isola-se de ambas as construções laterais, realçando linhas neoclássicas ou ecléticas, por entre palmeiras, frutíferas e canteiros. Em seguida, lentamente, liberta-se por completo dos limites do terreno, distanciando-se da rua. (MARX, 1980, p. 60).

Sobre esse aspecto, exemplifica-se a presença dos jardins privados nas moradias da pequena elite – barões da corte, famílias e comerciantes enriquecidos pelo café – no século XIX, que vive em casas modernas, caracterizadas por pequenos palacetes construídos no meio de amplos jardins, antes restritos a pequenos pátios e canteiros e agora destacados e valorizados nas edificações que caracterizavam nova mudança na paisagem urbana.

Segundo Macedo (1999, p. 33), as construções desses palacetes, dentro dos ditames do Ecletismo, espalharam-se por todo o Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Belém, Manaus, Salvador, Belo Horizonte, Niterói e Petrópolis. Porquanto essas residências contemplam o modelo de residência e bairros das elites. Depreende-se que esses palacetes, com detalhes rebuscados na arquitetura e na fachada das casas, exibem a riqueza e a importância de seu proprietário, por meio da visibilidade dos frondosos jardins privados, lagos, pequenos bosques e vastos e românticos gramados.

As cidades do Rio de Janeiro⁴⁹ (Figura 37⁵⁰) e São Paulo⁵¹ (Figura 38⁵²) concentravam maior quantidade de palacetes e, logo, concentravam também a presença dos jardins privados. “A primeira, pela sua importância financeira e por ser sede do governo; a segunda, por ser um importante centro comercial do período final do Império e do início da Primeira República.” (MACEDO, 1999, p. 32).

⁴⁹ Muitos palacetes são construídos totalmente isolados no lote, como é o caso do palacete da Rua São Clemente, que é cercado por um belo parque (MACEDO, 1999, p. 34-35).

⁵⁰ JOIAS preservadas em Botafogo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/posts/2010/07/28/joias-preservadas-em-botafogo-311578.asp>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

⁵¹ “O Bairro de Higienópolis, conhecido inicialmente como *Boulevard Burchard*, assim como a Avenida Paulista, foi todo concebido de modo a configurar a imagem de um bairro residencial francês, cortado por ruas e calçadas largas e arborizadas. É a primeira área urbana do país totalmente ocupada por palacetes, já que a construção de casas geminadas é tolerada apenas nas suas ruas lindeiras aos bairros das vizinhanças” (MACEDO, 1999, p. 34).

⁵² HISTÓRIAS e lendas de Santos. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300k16.htm>>. Acesso em: 29 fev. 2012.



FIGURA 37 - Palacete na Rua São Clemente no Rio de Janeiro.
Fonte: JOIAS...



FIGURA 38 - Residência Conselheiro Antônio Prado em Higienópolis, São Paulo.
Fonte: HISTÓRIAS...

No decorrer dos anos, jardins mais extensos das propriedades foram abertos ao público e se transformaram em parques, denominados de parques-jardim privados. Macedo (1999, p. 37) exemplifica que, atualmente, eles compõem os parques públicos da cidade, como por exemplo, no Rio de Janeiro, os parques Guinle (Figura 39⁵³), da Cidade e o da Quinta da Boa Vista.

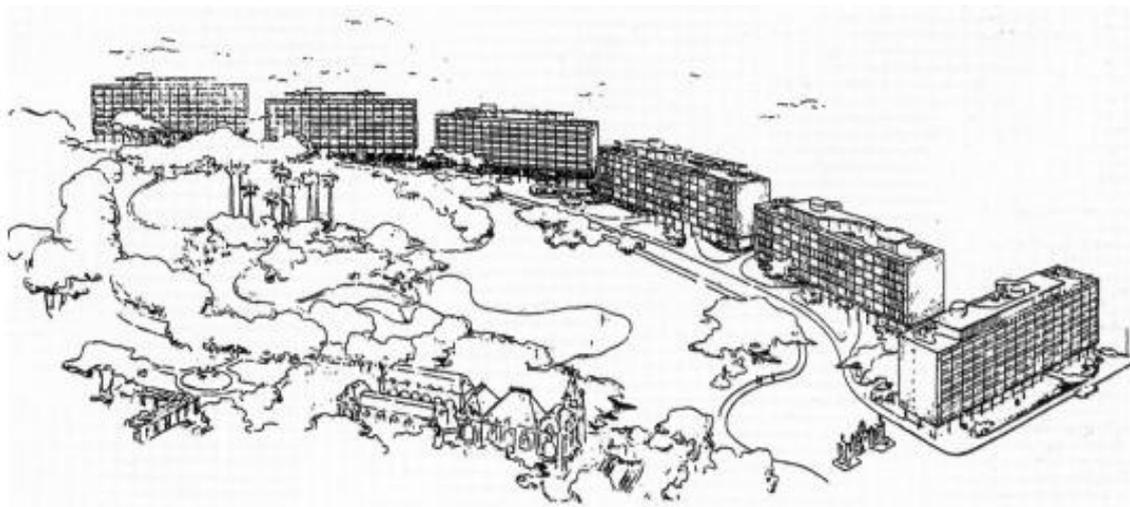


FIGURA 39 - Parque Guinle.
Fonte: FRACALLOSSI, 2011.

⁵³ “O Parque Eduardo Guinle, ou somente Parque Guinle, foi concebido originalmente na década de 1920 como os jardins da residência de Eduardo Guinle, um palacete neoclássico. Em 1940, o parque passou ao governo federal e, em 1943, foi objeto de um plano de urbanização desenvolvido por Lucio Costa, então diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN –, quem propôs um conjunto de seis edifícios residenciais” (FRACALLOSSI, 2011).

De acordo com as exigências e as necessidades da sociedade emergente brasileira do século XIX, o país foi marcado por uma transição urbanística com transformação e modernização de suas cidades, na qual ocorreu reconfiguração urbana com ruas melhores distribuídas e arborizadas, edificações nos bairros, facilidade no tráfego, melhor uso da arquitetura, ajardinamento, calçadas elaboradas, dentre outros. Seguindo essa linha, principiou-se o uso da vegetação nativa na paisagem urbana, com a presença exuberante da flora brasileira, até então despercebida, valorizando os espaços urbanos.

Nesse contexto, os parques brasileiros foram criados com o objetivo de atender às elites emergentes e se basearam na figuração urbana internacional, especialmente inglesa e francesa, sem uma crítica profunda (MACEDO; SAKATA, 2003, p. 16; MACEDO, 1999, p. 24), destacando a influência das principais capitais do período: Londres e Paris. Concernente à implantação dos espaços com a presença da natureza, utilizou-se das características e influências dos *boulevards* parisienses⁵⁴, como modo de adaptação e identificação da nova sociedade urbana em formação.

Dentro da linha Eclética e com intuito de atender a elite, pode-se exemplificar a construção, em 1873, do Campo de Santana⁵⁵, no Rio de Janeiro. Esse parque foi construído sob influência francesa e inglesa, por conter em sua infraestrutura teor romântico, pastoril, com a presença de extensos gramados e bosques, frondosas árvores e lagos bastante procurados para a prática de lazer, conforme Macedo e Sakata (2003, p. 19-135).

Os parques franceses influenciaram o paisagismo brasileiro, em especial os de estilo romântico, com o traçado do sistema viário sinuoso e o uso de gramados bem extensos (Figuras 40 e 41). Assim, o sistema viário é bastante ordenado, no qual “[...] todos os caminhos, mesmo que orgânicos, levam a pontos de convecção e de distribuição. Esses, por sua vez, estão conectados a um grande caminho principal, que percorre todo o parque e para o qual convergem todos os caminhos secundários”, segundo Macedo (1999, p. 29).

⁵⁴ “Os *boulevards* parisienses, com sua arborização ordenada, a concepção de cidades e bairros-jardim, os hortos botânicos, os parques públicos, as vias-parque, as praças ajardinadas, a residência isolada no lote e cercada de jardins tratados são figuras urbano-paisagísticas que se consolidam durante o século XIX e início do XX, caracterizando uma forma nova de encarar o espaço e a paisagem urbana” (MACEDO, 1999, p. 24).

⁵⁵ O Campo de Santana é hoje a Praça da República, situada no centro do Rio de Janeiro.



FIGURA 40 - Parque Buttes Chaumont, Paris.
Fonte: HEINTZ, 2009.



FIGURA 41 - Parque Monceau, Paris.
Fonte: DUPONT, s.d.

Como apresentado anteriormente, na Europa, a maioria dos jardins particulares presentes em palacetes no Brasil também transformaram-se em parques. Os parques urbanos no Brasil, ao contrário dos europeus, não surgiram da necessidade social de espaços públicos para o lazer da massa urbana, mas sim para a elite. O parque brasileiro, no século XIX, era totalmente alheio às necessidades sociais da massa urbana contemporânea, haja vista que esses indivíduos usufruíam de outros espaços, como várzeas, rios e riachos para a prática de lazer.

Os vazios urbanos, imensas áreas de terra, geralmente várzeas de rios, que praticamente recortavam todas as cidades do país, foram, por mais de cem anos, os verdadeiros antecessores das áreas de lazer urbano formais, do tipo praticado em praças ou parques. (MACEDO; SAKATA, 2003, p. 24).

Durante todo o século XIX e metade do XX, o Brasil possuía muitos vazios urbanos, geralmente compostos por várzeas de rios, considerados nesse período como espaços destinados ao lazer da população, com a prática de banho, jogos e piquenique. Esses espaços são anteriores às práticas de lazer em praças e parques que se desenvolveram na segunda metade do século XX como uma necessidade social. Os autores Macedo e Sakata (2003, p. 31) afirmam que “o parque, ricamente elaborado e decorado, torna-se, no final do século XIX e especialmente no início do século XX, um elemento urbano comum”.

Em consonância à primeira metade do século XX, as construções dos parques brasileiros ainda encontram-se nas grandes cidades – capitais ou não – e estâncias de veraneios, localizados em áreas centrais e bairros de elite, como ressaltam Macedo e Sakata (2003, p. 34). Haja vista que é possível notar grandes

mudanças na estrutura urbana, com a criação dispersa de recintos ajardinados pela cidade, como praças, parques, *boulevards*, ruas e avenidas nas grandes cidades brasileiras – São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, Salvador, Ouro Preto, Curitiba e Porto Alegre –, dado que essas modificações feitas pelo homem têm fins estéticos e também estão voltadas à preocupação em ter nesses espaços fragmentos de natureza.

O crescimento urbano no Brasil foi intenso durante todo o século XX, sendo que, nos anos de 1990, a maioria dos indivíduos morava em núcleos urbanos. O aumento da população fez com que aumentasse a procura pelos espaços públicos da cidade para o lazer. Logo, foram construídos mais parques públicos, com a intenção tanto de atender aos habitantes – pelo valor estético, cultural e de lazer – quanto pela constituição ambiental e pela influência na paisagem de seu entorno - supervalorizam as paisagens circundantes -, associando-se aos requisitos naturais, sociais, culturais e históricos (re)configurados nas paisagens das *urbes*.

Os parques constituídos de fragmentos de natureza e espaços de lazer são referências para o descanso e entretenimento dos cidadãos. Como diz Serpa (2007, p. 73), o parque deve cumprir todas as expectativas:

[...] dar novamente coerência ao tecido urbano, transformar a imagem dos bairros do entorno, embelezar a cidade, oferecer lugares de entretenimento e diversão à população etc. Todos os interesses – sociais, urbanísticos, estéticos – se superpõem.

O autor exemplifica essa informação a partir de observações feitas em parques da cidade de Paris; no entanto, pode-se notar essa influência francesa na implantação dos parques nas cidades brasileiras, informando que,

Em Paris, os parques já nascem como elementos de valorização de bairros novos, que surgem em antigos terrenos industriais da capital francesa. Junto a eles, novos equipamentos culturais e de lazer são acrescentados ao tecido urbano, com o intuito de transformar áreas decadentes em pólos de 'lazer festivo' da cidade (SERPA, 2007, p. 53).

Nessa perspectiva, os parques urbanos transcendem o aspecto físico, pois promovem questões intrínsecas à sua presença, como a valorização do solo, pelo contato com a natureza e o caráter de espaço de socialização. Percebe-se, então, que os parques urbanos são como antídotos para os males urbanos: melhoram o

clima, contrapondo-se à aridez provocada pelo excesso de construções urbanas; diminuem a poluição do ar; enfim, permitem o contato com a natureza, dentre outros. Desta forma, com o intuito de implantar nas cidades áreas verdes e parques urbanos, há a necessidade de um planejamento urbano harmônico.

Com o intenso e extenso processo de urbanização, os espaços urbanos foram gradativamente divididos e redivididos para atender à demanda das construções urbanas, eliminando-se áreas vazias e a presença da natureza - árvores, riachos e rios. Muitos desses espaços, como por exemplo, a água, que era apropriada para banho, tornaram-se poluídos. Em decorrência da escassez, da diminuição e poluição desses espaços ocorreu a falta de opções de lazer para a massa urbana, porquanto, na segunda metade do século XX, os parques urbanos tornaram-se uma necessidade social. Antes deles se espalharem pela cidade, os indivíduos tinham dificuldade de acesso, devido ao fato de estarem localizados apenas em áreas centrais e em bairros da elite.

1.2.1 Parques urbanos: a consolidação do paisagismo brasileiro

Os projetos dos parques no século XX foram dentro da linha Moderna, rompendo com a linha Eclética, com a proposição de ambientes funcionais e arrojados; valorização para atividades recreativas ao ar livre, introduzindo as práticas esportivas; os bosques, gramados e corpos d'água não são mais criados sob a ótica europeia e passa-se a utilizar a vegetação tropical, podendo ser nativa ou exótica; os caminhos são menos extensos, menos rebuscados e são constituídos de forma mais direta entre os diferentes equipamentos de lazer (MACEDO; SAKATA, 2003; MACEDO, 1999). Diante dessa exposição, depreende-se que os desenhos dos parques evoluem continuamente e apresentam novas funções e características conforme as condições históricas, econômicas e culturais da sociedade.

Ressalta-se, então, que a construção da infraestrutura do estilo Moderno contempla uma diversidade de atividades de lazer, sem, entretanto, abandonar a atividade de contemplação. Considera-se a ideia de que não pretendem apenas

demonstrar a natureza na cidade, pois passam a incorporar concepções de outros atrativos, como por exemplo, atividades esportivas, culturais, educativas, etc., representadas por *playground*, quadras poliesportivas, murais, anfiteatros, esculturas de artistas da época, teatros, museus, bibliotecas, dentre outros. Franco (1997, p. 14) assevera que os parques passam a ser “[...] o local da reciclagem urbana, tanto no sentido biofísico quanto no sentido sociocultural”.

Neste século ocorreu a consolidação da arquitetura paisagística brasileira, libertando-se da influência europeia, assumindo uma identidade própria que incorpora de modo significativo em seus projetos características da vegetação tropical. Pode-se constatar que esses novos parques possuem uma estrutura funcional destacada pelo lazer ativo, conforme descrevem Macedo e Sakata (2003, p. 65):

Todo o espaço do parque é subdividido em áreas definidas funcionalmente para piqueniques, lazer infantil, lazer cultural, práticas de esportes e contemplação; em alguns casos, essas atividades encontram-se concentradas em duas áreas bastante diferenciadas: uma abriga o lazer ativo, onde se localizam as quadras esportivas, os *playgrounds*, teatros ao ar livre e edificações de apoio como lanchonetes e sanitários; a outra é voltada para o lazer mais contemplativo, normalmente ocupado por um bosque já existente e permeada por caminhos (trilhas) com pontos de atração, como mesas para piquenique e churrasco, mirante e lagos.

Desenvolveu-se, então, a divisão funcional das áreas de lazer do parque, visto que ocorreria a valorização e a diversificação de atividades esportivas e culturais, disseminando atividades saudáveis ao ar livre, enquanto que no século anterior destacavam-se apenas a contemplação e o flânar. Apesar dos grandes parques ainda possuírem extensos gramados e lagos tranquilos, características dos parques passados, as grutas, as pontes, os gazebos, as estátuas de deuses são substituídas por monumentos modernos, conforme Macedo (1999, p. 59).

Essa gama de atrativos do modernismo, por conseguinte, permitiu que os parques fossem além do tradicional flânar para as práticas esportivas, por serem frequentados por um público diverso, com distintas faixas etárias, econômicas, culturais e sociais. Com relação a essa massa urbana, os autores Macedo e Sakata (2003, p. 46) relatam que:

o novo público possui menos referências culturais estrangeiras, mora em subúrbios densamente construídos, às vezes muito pobres, não tem acesso

a clubes, e o espaço público, seja rua, praça, praia ou parque, é o único local onde pode desenvolver atividades ao ar livre.

Os parques urbanos, por sua vez, valorizam o espaço circundante e são capazes de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, proporcionando, em sua infraestrutura, locais com capacidade de realizar atividades culturais, esportivas, sociais, ambientais, etc. Essas características são ponto de interesse político e, em razão disso, acabam por determinar a criação em grande número de parques urbanos espalhados pela cidade. Em função do planejamento dos parques, de sua inserção nos espaços urbanos e de sua influência em seu respectivo entorno, Kliass (1993, p. 31) aponta que:

[...] o parque é um fato urbano de relativa autonomia, interagindo com o seu entorno e apresentando em seu bojo condições de absorver a dinâmica da estrutura urbana e dos hábitos de sua população. [...] A inserção efetiva da dimensão ambiental no processo de planejamento e na práxis dos diversos setores intervenientes no desenvolvimento urbano pode garantir o aproveitamento do potencial paisagístico do sítio urbano, criando condições para dotar a cidade de parques.

Macedo e Sakata (2003, p. 64) colocam que, a partir dos anos de 1940, o Ecletismo tornou-se obsoleto perante as novas necessidades de lazer da população – *playground*, lanchonetes e quadras esportivas – com ressalva da paisagem bucólica e dos espaços de tranquilidade - que propiciam a contemplação da paisagem - que perduraram, na maioria dos parques, até o final do século XX. Esse fato se dá, principalmente, pelo fato de os parques urbanos surgirem para se contrapor ao ritmo urbano das cidades e para amenizar as estruturas urbanas; assim sendo, possuem uma dimensão significativa de fragmentos de natureza.

A década de 1950, embora tenha sido um período de estabilidade financeira, ocasionou alteração radical nas bases econômicas brasileiras, devido ao crescimento industrial e comercial, gerando uma reestruturação urbana. As possibilidades de lazer da população brasileira nessa época apresentavam-se em carência, em razão do escasso recurso econômico, uma vez que a maioria das opções de lazer era de alto custo. Evidenciam-se, como exemplos, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro – as duas principais metrópoles nacionais – além de suas respectivas malhas urbanas compostas pelas cidades vizinhas.



FIGURA 42 - Parque do Ibirapuera em São Paulo.
Fonte: PARQUE...

Nessa perspectiva, conforme Macedo e Sakata (2003, p. 40), é que “em 1954 e em 1962, as inaugurações dos parques Ibirapuera e do Flamengo, respectivamente em São Paulo e Rio de Janeiro, apesar do seu caráter isolado, marcam a ruptura definitiva com a estrutura do velho projeto romântico de paisagismo, ainda bastante em voga na época.” O parque Ibirapuera (Figura 42⁵⁶) é o primeiro parque moderno do

país e o parque do Flamengo (Figura 43) é o mais significativo, ambos construídos pelo arquiteto-paisagista Roberto Burle Marx⁵⁷.

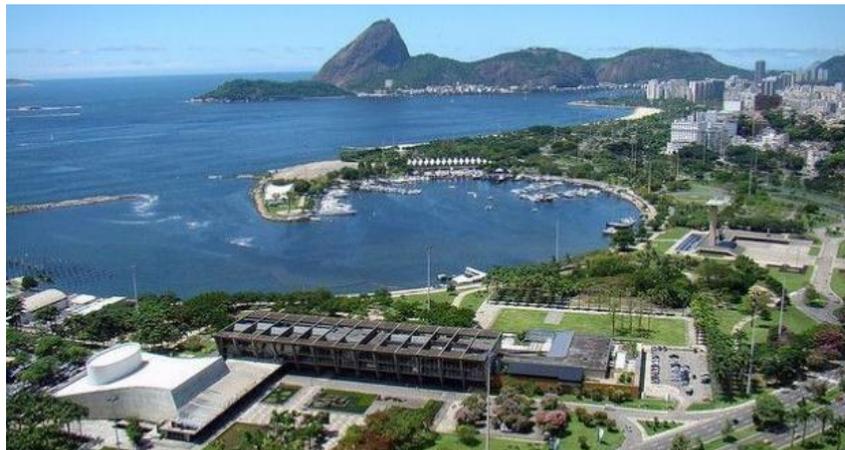


FIGURA 43 - Parque do Flamengo no Rio de Janeiro.
Fonte: SOLDON, s.d.

Os dois parques sobreditos tornaram-se referências paisagísticas para suas respectivas cidades e até mesmo para o país, sendo que poucos são os parques construídos posteriormente com projeto tão elaborado, como analisa Macedo (1999). O autor diz que o parque Ibirapuera tornou-se um marco urbano na cidade pelo fato

⁵⁶ PARQUE do Ibirapuera. Disponível em: <<http://www.parquedoibirapuera.com/sobre-o-parque/galeria-de-fotos/>>. Acesso em: 17 out. 2012.

⁵⁷ O arquiteto-paisagístico Burle Marx apresentou em suas constituições de arquitetura moderna o uso da vegetação/espécie tropical, tornando um desafio em seus trabalhos. Nesse contexto, o autor Guerra (2002) apresenta em seu texto uma fala de Burle Marx que exemplifica a ideia de que um jardim feito para a Amazônia não pode servir para o Rio de Janeiro e São Paulo, pois sua composição é feita com as plantas da natureza local. Burle Marx sempre prezou a ideia de que “[...] o jardim é um artifício que deve reintegrar o homem à sua paisagem natural.” (GUERRA, 2002, p. 20).

de atrair milhares de usuários, tanto da vizinhança como de áreas distintas, de modo que é utilizado tanto pela população quanto pelos turistas.

Os anos de 1950 e de 1960 marcam a carência de espaços ao ar livre para o lazer da massa urbana, pois a urbanização levou pouco a pouco à diminuição ou à eliminação das áreas vazias nas cidades, locais das práticas de lazer das camadas populares. A partir do final dos anos de 1960, observou-se um interesse político crescente pela implantação e criação de áreas públicas verdes – parques e praças – espalhadas por diversos logradouros da cidade, não mais voltados somente para as elites, multiplicando-se os parques nas cidades brasileiras, representando mudanças significativas para o espaço público (MACEDO; SAKATA, 2003, p. 37).

É importante destacar que a nova capital, Brasília, concebida nos anos de 1950 e inaugurada em 1961, com projeto do arquiteto e urbanista Lucio Costa, é conhecida no mundo como cidade-parque, onde a natureza está integrada de forma harmoniosa ao dia a dia urbano. Destarte, Brasília é o exemplo mais significativo da introdução do parque no contexto urbano brasileiro. Haja vista que o Plano Piloto⁵⁸ é cercado por extensos gramados e arvoredos que permitem o contato e convívio harmonioso entre homem-natureza; além disso, Lúcio Costa preocupou-se com a constituição de espaços que favorecessem e fortalecessem os laços comunitários.

O Plano Piloto iniciou-se com um único parque projetado, em 1974, denominado de Parque Rogério Python de Faria, posteriormente chamado de Parque da Cidade Sara Kubitschek, segundo Macedo (1999, p. 84). Conforme o crescimento da cidade, outros grandes parques foram implantados gradativamente por todo o Distrito Federal, nas vizinhanças do Plano Piloto e nas Cidades Satélites.

Os anos de 1970 e de 1980, por sua vez, marcaram de forma expressiva o número de parques espalhados pelas cidades do país, especialmente a disseminação em bairros populares, com a intenção de valorizar o espaço público urbano. Curitiba e São Paulo se destacaram por esses investimentos; a primeira,

⁵⁸ “O Plano Piloto se caracteriza pela paisagem horizontalizada, pela predominância de espaços livres e pela grande amplitude visual. São quatro escalas: a residencial, a monumental, a gregária e a bucólica.” A escala residencial, construída ao longo do Eixo Rodoviário, com superquadras de apartamentos cercadas pelo verde e a presença de equipamentos comunitários que estimula a convivência, tais como: praças, escolas, comércios locais, dentre outros. Na escala monumental encontram-se os centros políticos e administrativos, como também a famosa arquitetura de Oscar Niemeyer. A escala gregária encontra-se em torno da Plataforma Rodoviária, no coração da cidade, a qual inclui comércio, banco, consultórios, escritórios, hotéis e centros de diversões. Por último, a escala bucólica permeia e integra as outras três escalas, por representar as extensas áreas com fragmentos de natureza, representada pelos canteiros ornamentais, parques, praças, jardins, áreas arborizadas e de lazer. (PLANO...).

com os parques Barigui (Figura 44) (1972), Barreirinha (1972), João Paulo II (1978). A segunda, pela criação dos Parques Piqueri (1978), Carmo (Figura 45⁵⁹) (1980), Nabuco (1977), Anhanguera (1978), Conceição (1975) e muitos outros parques em ambas as cidades (MACEDO; SAKATA, 2003, p. 37-38). As duas cidades mencionadas possuem uma administração centralizada e uma motivação política clara de investimentos em transportes, equipamentos e áreas livres que ajudam na consecução dos parques.



FIGURA 44 - Parque Barigui em Curitiba.
Fonte: MARA, s.d.



FIGURA 45 - Parque do Carmo em São Paulo.
Fonte: PARREIRAS, s.d..

Corroborar-se que, nos anos de 1970, os objetos decorativos presentes nos parques urbanos deram lugar aos espaços e/ou equipamentos esportivos. Nas cidades litorâneas, como Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, Santos e Vitória, a praia é palco de encontros sociais importantes, tais como o banho de mar, a prática de esporte na areia, a alimentação nos quiosques do calçadão, etc., podendo-se dizer que esse espaço assume as funções de um parque urbano (MACEDO, 1999, p. 85; MACEDO; SAKATA, 2003, p. 50-51). Essa ideia pode ser concebida pelo fato de as praias terem como escopo várias opções de atividades de lazer iguais às dos parques urbanos. Macedo e Sakata (2003, p. 65-66) afirmam que os calçadões das praias de Copacabana, no Rio de Janeiro (Figura 46), e de Iracema, em Fortaleza (Figura 47), compõem parques lineares e os desenhos do piso de Copacabana são marcantes.

⁵⁹ PARREIRAS, Bia. Parque do Carmo. s.d. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/parque-do-carmo>>. Acesso em: 17 out. 2012.



FIGURA 46 - Calçadão da praia de Copacabana no Rio de Janeiro.
Fonte: UCHÔA, s.d.



Figura 47 – Calçadão da praia de Iracema em Fortaleza:
Fonte: BARREIRA, s.d.

Os anos de 1980, tempo da linha Contemporânea, marcam o processo de liberdade na concepção do espaço livre urbano, advindos com os princípios modernistas. Essa linha não apresenta um padrão rígido de planejamento e projeto advindos das linhas Eclética e Moderna. Os parques voltam a alguns valores do Ecletismo, cujas características passam a ser reincorporadas e revisitadas, tais como os espaços de contemplação e os elementos decorativos representados pelas pérgulas, mirantes, pontes e pórticos.

Além das características mencionadas, a linha Contemporânea possui alguns elementos de destaque: o culto ao corpo ganha importância; tendência à preservação de ecossistemas naturais; serem temáticos, com destaque para algum fato histórico; equipamentos diversificados para a prática de esportes; a água permanece como um importante elemento representado pelos lagos, nascentes, espelhos d'água, fontes e bicas. A presença da plasticidade nos parques urbanos é até então inédita, como a simetria nos canteiros; a utilização de espécies de árvores floríferas, formando tapetes coloridos e a utilização da água em formas elaboradas. Os projetos voltam a sofrer influência das ideias advindas da Espanha, França, Estados Unidos e Japão, como o *Parc de La Villete*, em Paris e os parques temáticos da Disneyworld. (MACEDO; SAKATA, 2003, p. 68-70; MACEDO, 1999, p. 103).

Recapitulando, então, as três linhas projetuais, Macedo (1999, p. 18) apresenta-se o primeiro projeto de cada uma: “o Ecletismo inicia-se formalmente em 1783, com a abertura do Passeio Público e a ruptura dos velhos padrões coloniais; o Modernismo inicia-se em 1934, com os jardins da Praça de Casa Forte de Burle

Marx, em Recife; o Contemporâneo, em 1990, com o Parque das Pedreiras, em Curitiba”.

Cabe ressaltar que a ideia de ecológico, com a preservação da natureza e ecossistemas naturais, em voga desde os anos de 1970, encontra-se nesse período mais consolidada, sendo que as áreas consideradas menos dignas, como charcos e manguezais são também apresentadas nos parques urbanos. Nesses espaços, as preocupações ambientais estão representadas pelas práticas de atividades educativas e o uso de placas que contêm informações referentes às árvores.

Nos anos 1980 e 1990, apesar do aumento significativo dos espaços de lazer e preservação da natureza, praças e parques não foram planejados e construídos como uma real necessidade social. Os parques, em sua maioria, como no passado, eram construídos em bairros nobres e aplicados para multiplicar o consumo e valorizar o solo urbano nesses locais.

De acordo com Serpa (2007), o parque público na cidade contemporânea geralmente está inserido em um grande contexto imobiliário e, em sua maioria, fica reservado a um público específico, o que não inclui os menos favorecidos em termos de renda e formação, uma vez que ocasiona profundas mudanças no perfil populacional e na funcionalidade do bairro onde é construído, pelo fato desses espaços valorizarem o solo e as construções próximas, sejam comerciais sejam de moradia.

A segregação de grandes parcelas da população reforça a ideia de que, no contexto urbano contemporâneo, o parque público é antes de tudo um espaço com alto valor patrimonial, contrariando o senso comum que idealiza esses equipamentos como bens coletivos e lugares de diversão, do entretenimento e da ‘Natureza socializada’ (SERPA, 2007, p. 42).

Depreende-se que, apesar de os parques urbanos serem espaços públicos, não são acessíveis a toda a população, pois na cidade contemporânea são frequentados e apropriados por grupos ou indivíduos seletos, conforme a dimensão social, econômica, cultural e política de cada indivíduo. Concernente a esse contexto, vale observar que os parques construídos em regiões de elite possuem constantes investimentos, enquanto que os de regiões pobres, em sua maioria, são construídos em período eleitoral e, ao passar esse período, são abandonados ou tratados com pequena verba, conforme o relato de Macedo (1999, p. 91).

Ainda, conforme Macedo (1999, p. 108), “a paisagem contemporânea da cidade brasileira continua como sempre expressando os grandes contrastes sociais”. Com relação aos parques dos setores menos favorecidos, geralmente não possuem manutenção com a frequência necessária, podendo tornar-se espaço degradado. Os bairros elegantes, por sua vez, apresentam jardins bem cuidados e extensos que provocam a valorização dos investimentos imobiliários e, muitas das vezes, são atrativos ao interesse da iniciativa privada.

As residências da classe média alta e alta, dos anos de 1990, são muitas vezes localizadas longe do centro da cidade, teoricamente longe da correria urbana. Essas áreas de condomínios verticalizados ou horizontais são, em sua maioria, áreas bem extensas, representadas tanto pelo espaço comum dos moradores quanto pelos lotes das casas que, juntas, apresentam natureza intensificada, representada pelos bosques, jardins, gramados, centro esportivos e culturais.

Portanto, pode-se constatar que a presença dos parques muda o perfil dos habitantes que estão ao seu redor, visto que “[...] os novos parques públicos são elementos de valorização do espaço urbano que contribuem para um processo de substituição de população nas áreas requalificadas”, como destaca Serpa (2007, p. 42). O estar ao ar livre, na cidade contemporânea, tornou-se uma necessidade das pessoas, haja vista que nesses espaços elas se sentem mais tranquilas, facilitando a socialização com outros indivíduos – familiares, amigos, turistas e pessoas antes desconhecidas – por meio das práticas esportivas, culturais, educativas, artísticas e ambientais. A presença dos parques, na estrutura urbana das grandes cidades, é importante para a qualidade de vida das pessoas, porque somos capazes de romper com o universo do cotidiano, em razão da facilidade de socialização e da contemplação/fruição proporcionadas pela presença da natureza. Ressalta-se ainda, que essas áreas verdes amenizam os impactos decorrentes do acelerado crescimento urbano.

Diante do exposto, no decorrer do capítulo, constata-se a grande importância dos espaços com a presença da natureza na cidade. Em prol dessa ideia, o próximo capítulo “A natureza na cidade: a relação entre o homem e a natureza” está alicerçado na presença da natureza nos projetos da cidade para ela se adequar aos elementos naturais, bem como a importância do contato com a natureza para todos os cidadãos e não somente beneficiando determinado grupo social.

1.3 A NATUREZA NA CIDADE: A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA

Este capítulo propõe uma reflexão sobre a natureza dentro da cidade e sua inter-relação com a população. A ideia é retratar a presença da natureza no meio urbano, mas não aquela natureza intocada, em seu ritmo natural, e sim aquela incorporada à vida social. A natureza urbana é a representação das experiências culturais, históricas e ideológicas de cada sociedade, relacionando-se também com as variantes estéticas. Os espaços com a presença da natureza socializada são influenciados pelas técnicas⁶⁰, conhecimento e inteligência do homem que a torna sociável segundo os seus valores.

Os elementos naturais se distribuem na Terra segundo uma ordem naturalmente harmoniosa, na qual cada parte desempenha um papel vital e um propósito. Não obstante, o maior impacto sobre a natureza acontece nas cidades, nas quais o homem remove a vegetação natural e (re)constrói ambientes artificiais. A autora Spirn (1995, p. 45) confirma a ideia da busca e presença da natureza na cidade, dizendo que: “essa busca da natureza tem sido evidenciada, através de milênios, em jardins, parques e alamedas, subúrbios e propostas utópicas de cidades-jardins”, como apresentado no capítulo anterior.

O contato com a paisagem natural permite: “[...] um recurso à reflexão, não só sobre ela mesma, mas sobre a sociedade em que vivemos, suas motivações, suas representações e seus interesses.” (PAES-LUCHIARI, 2007, p. 25). Nesse espectro, compreende-se que os recursos naturais são dotados de memória social. Ressalta-se a importância dos cidadãos em usufruir dos espaços públicos - parques, praças, jardins e ruas - para os encontros cotidianos, tornando esses locais representativos para o lazer, capazes de estabelecer relações interativas de emoções e afetos. Esse novo posicionamento da comunidade em se (re)aproximar dos parques principia-se no resgate do contato entre os indivíduos - socialização - e com a natureza⁶¹.

⁶⁰ “[...] as invenções técnicas vão aumentando o poder de intervenção e a autonomia relativa do homem, ao mesmo tempo em que se vai ampliando a parte da ‘diversificação da natureza’ socialmente construída.” (SANTOS, 2009, p. 131).

⁶¹ Segundo Moscovici esse resgate é de grande importância, em especial, nas cidades do final do século XX, local de moradia de milhões de pessoas, que são atraídos pela riqueza e bem-estar. A realidade é marcada “em ruptura com os laços sociais e as tradições, elas carregam indivíduos que

As cidades são um complexo estrutural formado por uma concentração populacional na qual realiza e obtém suas atividades de subsistência e, por isso, sempre desempenharam papel decisivo no desenvolvimento das civilizações. Cabe salientar que a construção e o desenvolvimento das cidades devem produzir o mínimo de impactos nos aspectos naturais, uma vez que as infraestruturas urbanas precisam adaptar-se aos elementos naturais – rios, planícies, colinas, encostas etc. Spirn (1995, p. 27) elucida que “muitas cidades devem sua localização, seu crescimento histórico e a distribuição da população, bem como o caráter de seus edifícios, ruas e parques às características diferenciadas de seu ambiente natural.” A natureza retirada do mundo social perde todo o seu significado histórico, geográfico e social.

No tocante à funcionalidade, à estrutura, à época histórica, ao tamanho e à localização, há diversas formações urbanas com características peculiares, conforme a periodização histórica – antiguidade clássica, idade média, moderna e contemporânea. Nessa perspectiva, algumas reflexões desenvolvidas neste capítulo serão discutidas conforme os significados dados à natureza, segundo o tempo histórico e o espaço geográfico. A relação cotidiana homem-natureza pautada pelo seu período histórico é caracterizada pelo modo de vida; concepção e representação da natureza; recursos técnicos; cultura⁶²; os fenômenos sociais, econômicos e políticos, enfim, de acordo com o modo que a natureza se encontra e se relaciona com a sociedade⁶³. Porquanto é necessária a conservação da natureza, criando condições propícias e integração entre as espécies, visto que os elementos naturais – o ar, a água, os minerais, o solo, as plantas e os animais – são essenciais à vida do homem.

perderam todo o contato com a terra e as espécies animais e botânicas, todo o laço com uma comunidade, qualquer que seja, a não ser sua família próxima.” (MOSCOVICI, 2007, p. 140).

⁶² A influência da cultura sobre a natureza pode ser representada com base na contextualização de Drummond (2007), o qual diz que a “[...] cultura humana é capaz de afetar e até de modificar a natureza, tanto por intervenções físicas, químicas e biológicas, quanto pela construção de símbolos e significados sobre ela.” (p. 105). O autor acrescenta, ainda, que: “a cultura muda, por definição, a natureza – suprimindo alguns dos seus componentes, fazendo proliferar outros, alterando sistemas e processos complexos de interação.” (p. 106).

⁶³ “[...] delimitar espaços para amostras da natureza é também perpetuar uma memória histórica associada à identidade cultural da nação.” (SERRANO, 2007, p. 12).

1.3.1 A apropriação da natureza na vida social dos cidadãos

Henrique (2009) faz um apanhado das épocas históricas para apresentar a caracterização, presença, entendimento e apropriação da natureza na cidade. Na Antiguidade Clássica, o conhecimento da natureza era por meio da imaginação e contemplação, com a concepção de um mito. Na cidade, a natureza era importante esteticamente e associada ao viés contemplativo, sendo o jardim uma representação, de cuja beleza dos seus elementos naturais as pessoas desfrutavam.

Concernente à Antiguidade Clássica, Henrique (2009) diz que “[...] corresponde ao início da busca pela história da incorporação da natureza à vida social e à produção do espaço geográfico” (2009, p. 37). Nessa época, os povos romanos, gregos e persas tinham uma grande dependência da natureza para sua condição de existência e sobrevivência, vinculadas às necessidades biológicas do corpo humano.

Henrique (2009, p. 40) apresenta que a natureza para os povos da Antiguidade Clássica “[...] era admirada e homenageada como a semente da fertilidade da terra e dos homens”, porquanto, a principal ação do homem sobre a natureza se dava com as técnicas de irrigação, que propiciavam a produção de alimentos. Com relação ao pensamento lógico, Mendonça (2012) reitera que aconteceu na Grécia, por volta do século V a.C., o chamado “milagre grego”, caracterizado pelo surgimento do pensamento racional, permitindo a intervenção no mundo natural.

Nesse período, mesmo com a implantação de técnicas para domesticar as plantas e os animais, o homem preocupava-se com a harmonia socioespacial. Posto isto, os indivíduos buscavam entender o seu ciclo para minimizar suas dificuldades perante a natureza, como por exemplo, desenvolveram formas e sistemas técnicos para melhorar e diminuir a exaustão do solo para o cultivo, como por exemplo, o pousio, a rotação de terras e a agricultura itinerante, respeitando o seu tempo de regeneração. Observe-se que as grandes civilizações construíram suas cidades próximas dos rios. A presença da água era fundamental para sua sobrevivência, pois permitia a agricultura e outras utilizações domésticas. Como, por exemplo, o rio

Nilo no Egito e os rios Tigre e Eufrates na Mesopotâmia. As cidades europeias da Idade Moderna também foram edificadas ao redor dos rios, como o Sena (Paris), o Tâmisa (Londres), o Tejo (Lisboa), o Danúbio (Viena), o Tibre (Roma), o Reno (banha vários países) etc.

Santos (2009, p. 236) aponta que “esses sistemas técnicos sem objetos técnicos não eram, pois, agressivos, pelo fato de serem indissolúveis em relação à Natureza que, em sua operação, ajudavam a reconstituir.” Dessa maneira, o homem procurava adaptar-se às condições oferecidas pelo meio, modificando o seu modo de vida conforme as opções do clima e do *habitat* no qual se encontrava, estabelecendo uma relação de equilíbrio.

A Idade Média é marcada pelo período Teológico, em que o domínio tanto religioso quanto político é do cristianismo e a natureza era vista como obra e criação de Deus, e não como obra da racionalidade humana. Cabe salientar que o domínio na natureza não se fazia pela ciência, pelas técnicas e artes presentes no período Clássico e, sim, pela vontade Divina, tendo-se em vista que a relação homem e natureza era mediada por Deus. Neste sentido, Henrique (2009, p. 47) reitera que “as catástrofes são atribuídas aos pecados dos homens e à necessidade da ratificação da supremacia do poder Divino sobre a vida e sobre a superfície terrestre”.

Para se defender das guerras frequentes na época feudal, as cidades se protegiam com muralhas e castelos e a natureza encontrava-se fora desses locais, portanto os espaços de natureza – bosques, matas e florestas – eram temidos pelo homem. “Esta ideia levou a uma interpretação errônea da ideia de natureza, uma vez que as bordas da natureza, o desconhecido, apenas produziam medo e todo homem procurava paz e alegria”, conforme Henrique (2009, p. 52).

Após a queda das muralhas da cidade feudal, o homem passa a ter maior contato com a natureza. Com as Cruzadas⁶⁴, novas técnicas são criadas e outras são desenvolvidas e ampliadas, a partir desse momento o homem passa a relacionar-se com a natureza.

A Idade Moderna foi marcada pelas grandes navegações, o advento do Renascimento e as descobertas de novos territórios. Além disso, foi a época dos

⁶⁴ Cruzadas: “Expedições militares promovidas durante a Idade Média pelos reinos cristãos do Ocidente, com o objetivo de resgatar os lugares santos, ocupados pelos muçulmanos, e assegurar o controle das rotas de peregrinação.” (CRUZADAS, 1997, p. 289).

descobrimientos, da ciência e da técnica, que trouxeram grandes contribuições para o entendimento da natureza. Segundo Henrique (2009, p. 70), “a ação do homem sobre a natureza é plena de intencionalidade, seguindo um objetivo e um projeto pré-definido”, como por exemplo, fertilização de solos, barragens e drenagens de rios - meios para conter as enxurradas e contenção de erosão -, formas que o homem criou para se adaptar e diminuir sua dependência da natureza; no entanto, essas alterações causaram, e ainda causam, desequilíbrio nos ecossistemas.

No início do período moderno, as cidades começaram a crescer, permitindo o ressurgimento da civilização urbana e comercial, marcando a rígida distinção entre a vida urbana e a vida rural. Esse desenvolvimento provocou a ‘desruralização’ das cidades, que é caracterizada como: “a redução de jardins e pomares, o desaparecimento de árvores e flores e crescente densidade de edifícios em resposta à pressão crescente da população”, conforme Thomas (2010, p. 355). À medida que desenvolvia a expansão da economia e do comércio, ocorria a depredação da natureza presente nas cidades.

Concernente ao início desse período, Thomas⁶⁵ descreve que a presença das indústrias no meio das cidades, causava poluição do ar e sujeira nas ruas, advindos da queima do carvão, considerada pior que a poluição do enxofre de hoje. Thomas (2010, p. 347) descreve que: “A fumaça escurecia o ar, sujava as roupas, acabava com as cortinas, matava flores e árvores, e corroía a estrutura dos prédios.” Os indivíduos das cidades, por conseguinte, sofriam com problemas de saúde, pestes e um maior índice de mortalidade.

Os descasos com a natureza nas *urbes* levou a população a procurar o contato com a natureza do campo. Em especial, as famílias ricas adquiriam casas para passar o verão e até mesmo o fim de semana em busca do equilíbrio emocional e espiritual. Thomas (2010) diz que “as excursões ou ‘perambulações’ campestres eram uma forma comum de descanso durante o século XVII [...]” (p. 353). O campo se opunha à sujeira, à fumaça e aos ruídos da cidade e acentuava a presença de ar fresco; além disso, o contato com a natureza proporcionava o desfrute das flores, dos rios, das sombras das árvores, canto dos pássaros, etc.

A Idade Moderna caracterizou-se pela revolução industrial a qual transformou a vida nas cidades. Desse modo, as *urbes* cresceram tanto em tamanho

⁶⁵ O autor Thomas (2010) estudou as mudanças de atitude do homem com o mundo natural nos trezentos anos (1500-1800) que inauguram a modernidade, em específico na Inglaterra.

quanto em densidade, agravando os problemas ambientais e afetando o bem-estar da população. À proporção que as cidades e a tecnologia se desenvolveram, diminuíram os espaços com presença da natureza, motivado pelas mudanças no ambiente natural e em razão da transformação do rural em urbano.

A Idade Contemporânea (a partir de 1789), por sua vez, foi marcada pelo desenvolvimento industrial e pelo surgimento de novas técnicas, transformadas ao longo dos anos em tecnologia, o que fez o homem se afastar do mundo natural, como se não fizesse parte dele. O homem passou a utilizar os recursos naturais para seu desenvolvimento; com isso, o uso desenfreado, indevido e de degradação sobre a natureza ocasionou a contaminação e poluição do ar, da água e do solo.

A natureza foi transformada pelo sistema capitalista, o qual “[...] leva a reduzir a diversidade da flora e da fauna terrestres, eliminando as espécies vivas.” (MOSCOVICI, 2007, p. 139), sendo necessário estabelecer uma nova relação, mais harmônica, entre o homem e a natureza. Passou a ser importante ter a presença da natureza nos planos e projetos das *urbes*, para que houvesse harmonia entre as paisagens urbanas e os espaços com elementos naturais das metrópoles.

Nessa perspectiva, Moscovici⁶⁶ (2007) relata sobre o desencantamento do mundo⁶⁷, advindo com os valores racionais do homem que tornaram o mundo ligado às questões racionais e abstratas. Assim sendo, “neste domínio dos fatos, o inverso do domínio dos valores, não se age mais de dentro para fora, mas de fora para dentro.” (p. 88), deixando a vida cotidiana ditar as atitudes perante o meio e as pessoas. A vida cotidiana passou a ser composta pelas grandes produções, pelo trabalho árduo e estressante, pelas obrigações e pela dificuldade de convivência social. Logo, as experiências, as atitudes, as exigências e os atos dos indivíduos deveriam ser compatíveis para manter as representações de vida, marcadas pela aliança de respeito e preservação do homem com o seu mundo.

Decorrente dessa degradação dos ambientes naturais e dos problemas advindos com a transformação e desenvolvimento excessivo das cidades, originou-se, no século XIX, o estímulo para a criação de áreas naturais protegidas em todo o

⁶⁶ Moscovici, um dos fundadores do movimento ecológico na França, apresenta em seu livro “Natureza: para pensar a ecologia” um estudo sobre a natureza e a ecologia, entre 1970 e 2002.

⁶⁷ O mundo desencantado é caracterizado como: “[...] a uniformidade, a preponderância das repetições, uma independência relativa dos fatos, uns em relação aos outros, num sistema rigorosamente construído.” (MOSCOVICI, 2007, p. 88). Logo, “resultam a possibilidade de eliminar os sentimentos, os entusiasmos individuais, os carismas coletivos e tornar tudo uma rotina, segundo procedimentos comprovados.” (p. 93).

mundo. Iniciou-se nos Estados Unidos a criação desses espaços capazes de proporcionar práticas de lazer saudáveis, espaços de vivências e apreciação estética da natureza. (MENDONÇA, 2012).

Na sociedade contemporânea, continuou-se a exploração ilimitada e desenfreada dos recursos da natureza. Nesse sentido, diminuíram os espaços de natureza na cidade voltados ao lazer da população. Com isso, os indivíduos perdem a oportunidade de contemplação, imaginação, deleite e magia proporcionados pela natureza, perdendo o sentido do “mundo encantado” apresentado pelos estudos de Moscovici (2007). Destarte, as pessoas devem vivenciar o dia a dia, pois o desencantamento com o mundo afasta a relação do homem com a natureza⁶⁸ e de seu próximo, tornando as pessoas individualizadas e isoladas em seus lares. Por fim, a “convivialidade” e o “reencantar o mundo” são expressões trazidas pelo ecologista Moscovici com intuito de resgatar o laço rompido do homem com a sociedade e da sociedade com a natureza quanto à necessidade de pensar e fazer um mundo capaz de reciclar seus recursos, sua história e seus saberes.

O dia a dia nas cidades superpopulosas se caracteriza pelo princípio de separação e de divisão do espaço, na qual os indivíduos não se reconhecem ou não procuram se conhecer. Moscovici relata que: “[...] é preciso abolir as segregações e discriminações das periferias e de nossas cidades massificadas, que devem ser transformadas em uma diversidade flexível e em constante movimento.” (2007, p. 143). Nesse sentido, Moscovici (2007) relata ainda que:

O que distingue as cidades de antes e de depois do fim dessa separação, é que, nas primeiras, nós nos aplicávamos a localizar pessoas e atividades, as ruas designavam sua própria personalidade; de um certo modo, a cidade compunha-se de vilarejos, bairros onde todas as pessoas se conheciam, mantendo entre elas relações diretas e com uma história em comum. Havia uma presença física e distintiva do urbano, como havia uma do rural. (p. 141).

Assim, “[...] tentar viver de novo a experiência de uma coletividade que tem apetite de viver dentro de um horizonte visível e em seu meio [...] atar as alianças, nas quais as qualidades sólidas redescobertas possam criar as relações, famílias, que sejam comunidades viáveis.”, conforme Moscovici (2007, p. 148). Com intuito de implementar o contato do homem com a natureza, os séculos XIX e XX marcaram a

⁶⁸ “[...] nossa natureza é o fundamento da história de nossa sociedade.” (MOSCOVICI, 2007, p. 83).

incorporação da natureza à vida social. O avanço técnico transforma a natureza em algo cada vez mais social e menos natural, na qual a presença da natureza na vida das pessoas permite melhor qualidade de vida e maior socialização.

Com a alta demanda populacional surge a necessidade da preservação de áreas compostas por natureza⁶⁹ - parques, praças e jardins. Os espaços com fragmentos de natureza são criados para suprir as necessidades tanto da população – opção de lazer, recreação, descanso, contemplação e contato com a natureza – quanto para políticas públicas que utilizam desses espaços para promover a cidade, em relação a questões paisagísticas, qualidade de vida, local de encontro e preocupação ambiental.

Ressalta-se que o contato com a natureza propicia ao indivíduo o sentimento de tranquilidade e relaxamento, o que permite maior interatividade entre os moradores, amigos e familiares. A autora Mendonça (2012) relata que as experiências com a natureza ajudam a “[...] harmonizar e integrar equipes de trabalho e para equilibrar a saúde, o bem-estar ou diminuir o estresse.” (p. 20). Apropriar-se da natureza é reconhecê-la integralmente em nós mesmos, com a percepção de aspectos não visíveis à nossa realidade, mas que somos capazes de sentir. Sobre essa especificação Mendonça (2012) descreve que: “o contato com o mundo natural também pode estimular reflexões sobre o sentido da vida sem necessariamente apelar para o raciocínio lógico ou retomar os aspectos práticos da vida.” (p. 152).

Concernente à explosão demográfica do século XX, o autor Dorst (1973, p. 115) relata que: “os problemas da conservação da natureza e da exploração nacional dos recursos naturais devem ser encarados em função do crescimento acelerado das populações [...]” provocando a exploração irracional dos ambientes. Os espaços urbanos constituídos por ambientes naturais, em sua maioria, são modificados pelo homem para a construção e adaptação de suas infraestruturas, com o intuito de suprir as necessidades dos cidadãos⁷⁰, como por exemplo, o

⁶⁹ “Hoje, esse interesse vem aumentando devido a uma crescente consciência por toda a sociedade dos custos para a saúde e o bem-estar decorrentes de uma contínua degradação ambiental. É tempo de desenvolver o que tem sido um apego romântico aos ornamentos da natureza em um empenho para remodelar a cidade em harmonia com os ciclos da natureza. O conhecimento dessas atividades e a aplicação da nova tecnologia podem fornecer esses meios” (SPIRN, 1995, p. 52).

⁷⁰ “A satisfação das nossas necessidades elementares, e, antes e tudo, das nossas necessidades alimentares, exige uma atitude de violência para com a natureza e a transformação profunda de

abastecimento de água, energia, produção de alimentos, residência, rua etc., decorrentes do crescimento das cidades, tanto no aspecto espacial quanto na demanda por infraestrutura e/ou serviços urbanos. Porquanto, não obedeceram às leis de conservação, e sim, às leis econômicas, desencadeando a degradação ou devastação dos ambientes naturais.

Atualmente, a maioria das pessoas tem pouco contato com a natureza, como se não estivessem interligadas e não tivessem nada em comum com ela⁷¹, assim sendo é necessário revivificar a união entre os homens e a natureza, respeitando-a e cuidando de tudo que a engloba. Porquanto, o homem pertence à natureza, necessita dela, e inscreve sua história e modo de vida, conforme a sua presença; assim sendo, o re-encantamento com o mundo natural é um estado de esperança⁷². A cidade precisa ser reconhecida como parte da natureza e os propósitos dos seres humanos devem ser integrados a ela, respeitando e (re)conhecendo o seu poder natural e social.

Com a intervenção, vontade ou cognição humana sobre a natureza, ela se torna representação de experiências culturais, históricas e ideológicas de cada sociedade, relacionando-se também com as variantes estéticas. A autora Spirn (1995, p. 15) apresenta pormenorizadamente a relação entre cidade e natureza, afirmando que:

A natureza permeia a cidade, forjando relações entre ela e o ar, o solo, a água e os organismos vivos em seu interior e a sua volta. As forças da natureza [...] reconhecidas e aproveitadas, representam um poderoso recurso para a conformação de um hábitat urbano benéfico; ignoradas ou subvertidas, ampliam os problemas que há séculos castigam as cidades, como enchentes, deslizamentos e a poluição do ar e da água.

Diante do exposto, pode-se constatar que a natureza se encontra todo o tempo em toda parte, porém, há uma crença de que a *urbe* está separada da natureza e, ao mesmo tempo, contrária a ela. Para desfrutar dos ambientes naturais

certos *habitats*, de forma a poder aumentar em proporções consideráveis a parte da produtividade direta ou indiretamente utilizável para nosso único benefício.” (DORST, 1973, p. 9).

⁷¹ “[...] a cultura que exclui a natureza está aparentemente chegando ao seu fim. A natureza fará parte de toda a cultura a vir. Seus contornos não são ainda perceptíveis, se seu sentido já o é: reencantar o mundo.” (MOSCOVICI, 2007, p. 117).

⁷² “[...] a natureza voltou a tornar-se preciosa e toca a cada um de nós, nos quatro pontos cardinais do planeta. Ela tomou essa importância porque ela é a nossa realidade comum primordial, mas também e sobretudo como símbolo de insurreição, de luta e ruptura na virada desse milênio.” (MOSCOVICI, 2007, p. 115).

urbanos e perceber as atitudes indevidas sobre a natureza é necessária uma nova postura com relação à configuração da cidade. A cidade precisa ser reconhecida como parte da natureza, ou seja, que o espaço natural está dentro dela. O fato de não se ignorar nem se subjugar a natureza, torna-se uma forma de (re)construir a cidadania, devolvendo o sentido de dignidade da vida urbana.

Na segunda metade do século XX, aumentou a procura pela apreciação da natureza, constituindo-se, assim, maior quantidade de espaços com fragmentos de natureza pela cidade. É essencial no planejamento das cidades a presença da natureza, pois é importante tanto em seus aspectos estéticos⁷³ quanto por proporcionar um ambiente agradável, tornando-se uma fonte de equilíbrio e de qualidade de vida aos seus habitantes⁷⁴. Há um benefício evidente para a população quando os planejadores das cidades mantêm mais quantidade de espaços naturais, pois:

[...] o ambiente natural de cada cidade permanece uma estrutura duradoura na qual atua a comunidade humana. O ambiente natural de uma cidade e sua forma urbana, tomados em conjunto, compreendem um registro da interação entre os processos naturais e os propósitos humanos através do tempo. Juntos, contribuem para a identidade única de cada cidade (SPIRN, 1995, p. 28).

Assim, podemos entender que as paisagens⁷⁵ ou espaços que contêm natureza influenciam nas ações históricas, sociais, culturais e econômicas. O autor Henrique (2009, p. 119) ressalta que “a natureza se insere na cidade como produto da história, da evolução das ideias e conceitos que foram sendo criados, da história das técnicas e da cultura consumista que se estabelece.”.

Vale destacar que o artigo 2º do Estatuto da Cidade (2001) “estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulem o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, de segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental”. O Estatuto mostra claramente, dentro das funções sociais da cidade, a necessidade de a vida urbana estar em contato com a natureza, levando a ideia de “proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e

⁷³ “Para contemplar a natureza por meio da apreciação estética, é preciso admirá-la, reverenciá-la, reconhecendo e aceitando o mistério da existência nela contido.” (MENDONÇA, 2012, p. 29).

⁷⁴ “O contato com a natureza costuma ser uma experiência relaxante e energizante para a maior parte das pessoas: há uma entrega ao fluxo da vida e uma desistência de dominar ou controlar.” (MENDONÇA, 2012, p. 46).

⁷⁵ “A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.” (SANTOS, 2009, p. 103).

construído, do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico e arqueológico” (art. 2º, inc. XII).

Dorst (1973, p. 368) corrobora “[...] a importância extrema das zonas verdes que cercam as cidades, florestas ou paisagens do aspecto natural – em suma, das áreas marginais, mesmo parcialmente ‘aproveitadas’ pelo homem – na vida dos habitantes das zonas urbanas.” Assim sendo, é necessário preservar espaços com fragmentos de natureza para o homem se refugiar em seu tempo de lazer ajudando-o na sua saúde física e mental.

O contato direto com a natureza é o que permite à mente humana desenvolver ideias a partir da fonte original que deu origem à possibilidade de pensar. Ela nos coloca em contato com nossa própria intimidade mental, orientando-nos a pensar com autenticidade, aproximando os sentimentos dos pensamentos e, conseqüentemente, das ações, resgatando, assim, um equilíbrio psíquico, tão fundamental nos tempos modernos. A natureza nos conduz às bases formativas de nossos próprios valores sobre o mundo em que vivemos e de nossas relações com ele. (MENDONÇA, 2012, p. 95).

Hoje, as pessoas passam a maior parte do seu tempo em casa, escola e trabalho, assim buscam no lazer o seu equilíbrio cotidiano, muitas das vezes, procurado em espaços ao ar livre com contato mais próximo da natureza, em contrapartida ao barulho, à agitação, à poluição, enfim aos aspectos artificiais e que provocam excitação. Cabe destacar que as práticas de lazer em ambientes de natureza facilitam a socialização, conseqüentemente influenciam em amizades e mudanças de atitudes e conhecimento em relação ao mundo ao trocar os indivíduos informações e experiências entre si. Mendonça (2012) acrescenta que as pessoas precisam dos ambientes não transformados pelo homem para resgatar a saúde e o equilíbrio psíquico natural.

Henrique apresenta dez proposições para repensar o lugar da natureza na cidade contemporânea:

1) *É preciso criar um direito à natureza na cidade, como um direito coletivo [...].* 2) *É preciso renovar a liberdade criadora e destruir a ideologia do consumo [...].* 3) *É preciso que a natureza na cidade seja para e de todos independente do poder aquisitivo.* 4) *É necessário publicizar/desprivatizar a natureza, [...] na qual empreendimentos imobiliários de alto padrão apresentam reservas de ‘natureza’ em suas áreas, um espaço restrito aos seus moradores, enquanto nas áreas mais pobres das cidades, além da negação da natureza primeira, assiste-se a um banimento até mesmo da segunda natureza, como, por exemplo, na falta de áreas verdes.* 5) *É preciso resgatar a ideia de totalidade da natureza na cidade [...]* como algo maior que as árvores, arbustos e gramas [...] como o direito coletivo à

qualidade do ar, da água, à vida em comunidade, à fauna urbana etc. 6) *É necessário entender a natureza na cidade como obra para e pelo homem [...]. A natureza hoje é também obra social e está incorporada à vida humana, portanto, devem-se usar e viver os espaços da natureza na cidade; é preciso socializar o seu uso, tornar a natureza ainda mais utilizável como local de encontro.* 7) *É preciso educar/conscientizar os urbanistas para que tratem a natureza nas cidades, fazendo-as 'cidades verdes' [...].* 8) *É preciso instaurar a apropriação da natureza na cidade sob a égide do conceito de valor de uso e não do valor de troca.* 9) *É preciso coibir a prática atual de que a cidade e a natureza se transformem em bens privados, privatizando-se tradicionais bens públicos. A natureza na cidade está ameaçada de ser privatizada.* 10) *É preciso produzir uma natureza na cidade, entendendo-a como uma natureza humanizada, cuja totalidade torna obsoleta a tradicional dicotomia entre ambiente construído x ambiente 'natural' [...].* (p. 169-171, grifo do autor).

Como todas as espécies de seres vivos dependem da natureza, as propostas de Henrique são de grande importância para (re)estabelecer a aliança entre o homem e a natureza na cidade. Dado que o esgotamento dos recursos naturais ocasiona a extinção da própria espécie humana, por conseguinte, o homem é parte integrante e dependente do meio natural.

A presença da natureza na cidade é de grande importância para a melhoria das condições de vida da população, pois remete à ruptura com o cotidiano. Haja vista que a vegetação proporciona conforto térmico, ambiental e acústico; encontro das pessoas; espaços de lazer; formas de contemplação e fruição; embelezamento; compõe a paisagem; minimiza o processo de erosão do solo; reduz a poeira e poluição; abriga a biodiversidade – fauna e flora - e aumenta a umidade. Nesse sentido, é necessário que haja planos, programas e gestão por parte do poder público para adequar e manter a infraestrutura da natureza na cidade, concomitantemente à educação no usufruto desses espaços por parte dos visitantes e da população local para que preservem os elementos naturais existentes.

Como foi salientado neste texto, a influência, a noção, o usufruto e a percepção da natureza são variados ao longo da história, atribuindo suas diferentes significações de acordo com a época e a cultura local. A relação entre o homem e a natureza é influenciada por mudanças ocorridas sobre a natureza, como por exemplo: a expansão da agricultura, o aumento populacional, a exploração de novos territórios, a necessidade de matérias-primas para alimentar a indústria e a economia, dentre outros. Dessa forma, a evolução histórica da natureza é marcada pelo palco de conflitos entre as diferentes formas humanas de pensar, sentir e agir.

1.4 SOCIALIZAÇÃO NA CIDADE: PRÁTICAS DE LAZER

Neste momento temos como intuito analisar as práticas de lazer na vida cotidiana das pessoas, como uma busca de melhor qualidade de vida⁷⁶. Para compreender de que maneira as práticas de lazer contribuem na vida social dos cidadãos, o trabalho parte de algumas ponderações da análise histórico-social, juntamente com expressivas contribuições conceituais de lazer. Para apresentarmos uma discussão sobre o assunto em sua complexidade histórica, social, cultural e semântica.

A palavra “lazer” corresponde aos termos *leisure* em inglês, *loisir* em francês e *ocio* em espanhol. As relações históricas e sociais do lazer são de grande importância para mostrar sua influência nas concepções atuais do lazer, seja nos aspectos com o trabalho, com a cultura e com a educação. Cabe ressaltar que, além dos autores aqui retratados, há uma vasta pesquisa no campo do lazer, que é discutido em diversas áreas: turismo, sociologia, educação, história, antropologia, educação física, dentre outras.

A ocorrência histórica do lazer está ligada às atividades do trabalho. A constituição do lazer no mundo ocidental, em especial na sociedade greco-romana e no contexto medieval, revela uma oposição entre o trabalho e o lazer; naquele momento, quem trabalhava não tinha o privilégio do lazer. Os autores Gomes (2004b); Sousa (1994) e Werneck (2000) apresentam a ocorrência do lazer no período das civilizações antigas, baseado nos estudos de Sebastian de Grazia⁷⁷. Conforme os estudos desses autores, nas sociedades antigas o trabalho era desvalorizado e representava desprestígio. Na sociedade grega e na romana o trabalho era realizado pelos escravos; e na época medieval os trabalhadores eram submetidos ao senhor feudal, permanecendo a exploração da mão de obra.

⁷⁶ Toma-se como base o conceito “qualidade de vida” apresentado pelos autores Guimarães e Martins (2004, p. 192), que apresentam esse termo remetendo à ideia da relação do lazer na cidade com a qualidade de vida dos cidadãos, dizendo que: “Fala-se de qualidade de vida quando se discute os serviços e os equipamentos que uma cidade ou província disponibiliza aos seus habitantes. Relaciona-se o tema à vida saudável, qualidade de alimentação e nutrição, acesso de determinado grupo ou sociedade a certos bens de consumo ou, mesmo, a espaços e produtos destinados ao lazer, ao turismo ou ao consumo de bens culturais.”

⁷⁷ Sebastian de Grazia – *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Editorial Tecnos, 1966. Para discorrer sobre o lazer no período arcaico o autor, De Grazia, é referência. Entretanto, nos utilizamos dos estudos de Gomes, Sousa e Werneck, pois não tivemos acesso ao livro, *Tiempo, trabajo y ocio*, em bibliotecas e disponibilidade de venda.

Na sociedade grega, o lazer era voltado a uma minoria privilegiada da população, sendo composto por atividades intelectuais voltadas à contemplação, à reflexão e à sabedoria, consideradas como enriquecimento do espírito. Gomes (2004b) fala que o filósofo Aristóteles considerava que a mente era cultivada pela música e pela contemplação. As concepções gregas e os ideais dos filósofos contextualizaram em Roma a ideia do cultivo ao espírito, por meio das atividades intelectuais, contrárias ao trabalho manual. Assim, a vida social dos gregos representa para De Grazia o início para reflexões históricas sobre lazer⁷⁸.

Com base nesses princípios, os romanos introduziram o emprego do termo latino *otium*, sendo o seu oposto o termo *neg-otium* – o comércio, o trabalho e os negócios (GOMES; ELIZALDE, 2012; SOUSA, 1994). “Com isso, na visão clássica greco-romana, o lazer era muito mais valorizado que o trabalho, algo distinto ao que ocorreu posteriormente”, como lembram Gomes e Elizalde (2012, p. 72); ressalta-se que na época feudal essa ideia ainda permaneceu.

Na época feudal continua a concepção de quem praticava o lazer eram as pessoas que não trabalhavam, como por exemplo, “[...] o homem ‘nobre’ era o perfeito cavaleiro, com formação musical e guerreira [...] (cavalgada, arco e flecha, luta, caça, natação, jogo de xadrez e composição de versos)” (WERNECK, 2000, p. 32). Esses fatos mostram que as pessoas que não trabalhavam eram as que tinham acesso ao lazer e à formação educacional.

No período medieval, por sua vez, o cristianismo influenciava a vida das pessoas. Concernente ao contexto, o trabalho árduo era considerado como uma vontade de Deus, dado que a Igreja propagava a ideia de trabalho como um sacrifício para a salvação da alma. Uma vez que, nos momentos de não trabalho, a busca pelo lazer deveria ser voltada à paz e à purificação do espírito, fomentada pelos atos religiosos, conforme Gomes (2004b). Werneck (2000, p. 33) detalha que nessa época “[...] as festas, os jogos, os espetáculos, as danças, os serões e as comemorações de diferentes naturezas representavam um perigo à purificação da alma [...]”.

⁷⁸ “Em grego *Skholé* era um termo que, no uso comum, denotava um tempo desocupado, um tempo para si mesmo que gerava prazer intrínseco. Entre os gregos quem mais empregou essa palavra foi Aristóteles.” (GOMES, 2004, p. 134).

Como visto no decorrer do texto, para alguns autores⁷⁹ as práticas de lazer podem ser presenciadas nas sociedades tradicionais, com base na ideia de que somente as pessoas que não trabalhavam usufruíam o seu tempo livre nas práticas de lazer. Contudo, compreende-se que mesmo aqueles que trabalhavam arduamente (escravos e servos) também possuíam seu tempo de lazer; no entanto, eram práticas escondidas e não eram voltadas às questões educacionais e de reflexões. Por conseguinte, as práticas de lazer sempre existiram e eram contextualizadas conforme os aspectos culturais, históricos e o modo de vida da época e dos indivíduos e/ou grupos.

A época seguinte, o período que compreende a Revolução Industrial, o trabalho tornou-se um “[...] elemento fundamentalmente integrador da sociedade, [...] partilhado por todas as classes sociais” (WERNECK, 2000, p. 54). No entanto, o trabalho não deixa de permanecer como uma atividade exploradora de mão de obra, dado que esse período foi marcado por jornada de 15 a 16 horas, por salário miserável, sem descanso e por um período muito longo da vida.

O autor Lafargue (2003, p. 35-37) apresenta que no apogeu da Revolução Industrial os economistas expressavam a ideia inexorável da produção capitalista: “Trabalhem, trabalhem, proletários, para fazer crescer a riqueza social e as suas misérias individuais, trabalhem, trabalhem, para que, tornando-se mais pobres, tenham mais motivo para trabalhar e para ser miseráveis.” Em meio à intensa exploração do proletariado, Lafargue apresenta seu pensamento libertário em busca de desmistificar o culto ao trabalho, advindo com a consolidação capitalista. Para ele, o trabalho cotidiano escraviza o corpo e o espírito, assim ele defende a luta do proletariado “ao direito à preguiça”⁸⁰.

Nessas circunstâncias, surgiram as reivindicações sociais para diminuir a carga horária de trabalho, obter férias, folga nos finais de semana e aposentadoria, enfim, a criação de leis que limitassem a jornada de trabalho; por exemplo, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no Brasil, que ocorreu em 1943, durante o governo de Vargas. Dumazedier (2004, p. 25) salienta que “a necessidade de lazer cresce com a urbanização e a industrialização”.

⁷⁹ Conforme afirmam os estudos de Sebastian de Grazia; Gomes; Gomes e Elizalde; Sousa e Werneck.

⁸⁰ Esse termo utilizado pelo autor, “direito à preguiça”, remete a sua intenção de que os trabalhadores não deveriam trabalhar muitas horas e ter mais tempo ao lazer.

Com as conquistas trabalhistas, os operários passaram a ter novas possibilidades de interação social e cultural, como ressaltam Gomes e Pinto (2009). As autoras descrevem que nesse período, no Rio de Janeiro, foi criado o Serviço de Recreação Operária⁸¹ (SRO), com intuito de promover a felicidade dos operários em face da difícil realidade vivida. Pode-se inferir que essas atividades, muitas vezes, ocasionavam práticas saudáveis, sociais e culturais, que levavam à harmonia de uso do tempo livre para relaxar, dar prazer, satisfazer, libertar, esquecer os problemas e obrigações cotidianas, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida.

Dumazedier (1974, p. 28) enfatiza que “o lazer não é a ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho”. Sob essa perspectiva, Dumazedier justifica que não existiam as práticas de lazer na antiguidade. Para ele a ociosidade dos filósofos e fidalgos não podem ser consideradas lazer (1974, p. 27). Reitera-se que até a Idade Média existia uma oposição entre o trabalho e o lazer; a partir da Idade Moderna o tempo de lazer segue o tempo de trabalho, uma vez que as práticas de lazer são realizadas com as conquistas de tempo livre do trabalho. Concernente às práticas de lazer, como fruto da sociedade moderna urbano-industrial⁸², depreende-se que após a Revolução Industrial ocorreram as conquistas cidadãs das leis trabalhistas e a educação de direito social que propiciaram desenvolver e intensificar as práticas de lazer.

Dumazedier acredita que o lazer desenvolveu-se a partir da Revolução Industrial, período no qual ocorreu uma ruptura entre a vida e o lazer. Essa ruptura é relacionada com a vida rural e urbana, destacando-se que, no meio rural, mesmo com o trabalho longo e cansativo, respeitavam-se os ritmos naturais, tais como: o nascer e o pôr do sol; tempos chuvosos; entressafas; pausa para descanso, etc. O contato com o outro era facilitado pelo fato de o local de trabalho ficar próximo, quando não se confundia com a própria moradia e, por último, pela proximidade com a natureza.

⁸¹ Sussekind, o primeiro dirigente do SRO, descreve que “esses centros de recreação foram instalados em bairros de grande densidade operária e, neles, os trabalhadores e suas famílias encontravam, gratuitamente, bibliotecas, discotecas, exposições teatrais e cinematográficas, aulas de canto, jogos de salão, sessões de ginástica, campos de futebol, quadras de voleibol e basquetebol [...]” (GOMES; PINTO, 2009, p. 73). Esse centro de recreação era para ser criado em todo o território brasileiro, mas acabou se restringindo apenas ao Rio de Janeiro, na época capital do Brasil.

⁸² Como acreditam Dumazedier, Marcellino e Camargo.

Por outro lado, a sociedade urbana, muitas vezes, era caracterizada pelo distanciamento de si mesma e do contato com o próximo, pelo afastamento da natureza e pela falta de repouso. A sociedade urbano-industrial é caracterizada por valores imediatistas, utilitaristas e funcionalistas, contrários aos da sociedade tradicional marcadamente rural e de setores urbanos pré-industriais.

A partir da Modernidade, o lazer passa a ser vinculado à dimensão “tempo”, em destaque a partir da Revolução Industrial, como reitera Werneck (2000, p. 139),

[...] seja ele considerado como ‘tempo livre’, como tempo de ‘não trabalho’, ‘desocupado’ ou ‘liberado’. Estas expressões, no entanto, sugerem a conotação do lazer como o inverso do trabalho, ou mesmo como a sua negação, valores estabelecidos desde a antiga Grécia, mas que continuam se perpetuando, inclusive nos dias de hoje.

Nesse contexto, se faz mister salientar que o lazer como uma atividade de escolha individual e/ou do grupo é realizado com as conquistas de tempo livre do trabalho. Segundo Gomes (2004a), o trabalho e o lazer possuem características distintas, mas constituem relações dialéticas e estão na mesma dinâmica social.

O lazer no Brasil alcançou repercussão histórico-social a partir de 1970, passando a ser assunto de pesquisas, projetos e ações de estudiosos brasileiros. Nessa época os debates sobre o lazer baseavam-se nos fundamentos do sociólogo francês Dumazedier, o qual foi amplamente desenvolvido e utilizado como referência brasileira. As funções iniciais do lazer, apresentadas por Dumazedier, são a liberação e o prazer, em oposição ao conjunto das necessidades, compromissos, responsabilidades e obrigações da vida cotidiana. O conceito de lazer apresentado pelo autor e utilizado como referência para os estudos no Brasil, diz que o lazer:

[...] é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2004, p. 34).

É importante contextualizar que o conceito supramencionado está inserido no estudo realizado na cidade de Annecy, na França, com 40.000 habitantes, em 1956-1957, a partir do contexto social, cultural, econômico e trabalhista. Pode-se inferir que esse conceito possui algumas fragilidades, pois o autor denomina lazer

como “conjunto de ocupações”, conceito que remete à ideia de serem desenvolvidas atividades mais relacionadas a aspectos operacionais, sendo assim, simplista, devido ao fato de as práticas de lazer terem também ligações com manifestações culturais, históricas e/ou educacionais.

Na sociedade contemporânea, a definição do conceito de lazer relacionado com as práticas após as “obrigações profissionais, familiares e sociais” é considerada frágil e incoerente, pois não integra a dinâmica e as conexões das relações sociais. Pode-se exemplificar: a prática de os pais levarem seus filhos ao cinema, ao parque urbano, ao clube, dentre outros, compreendemos que estão exercendo atividades de lazer que, ainda, ensejam manifestações culturais e sociais.

Compartilhando da ideia de Gomes (2004a), o autor Marcellino⁸³ tem sido destaque nos estudos de lazer no Brasil. Com relação aos conceitos de lazer, o autor Marcellino apresenta em seu livro “Lazer e Humanização (1983)”, o lazer e o ócio em campos opostos, pois ele considerava que deveria constar a ocupação ativa no tempo disponível. Para o autor, a contemplação era um não uso do tempo em atividades. Por sua vez, em sua obra “Lazer e Educação (1987)”, Marcellino não coloca o lazer e o ócio em campos opostos, porquanto acredita que se confundem. Dessa forma, as práticas de lazer no tempo disponível podem ser exercidas tanto pelas atividades práticas quanto pela contemplação. Como pode ser observada no conceito de lazer:

[...] caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A ‘disponibilidade de tempo’ significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa. (MARCELLINO, 1987, p. 31).

Do ponto de vista do desenvolvimento cultural do lazer, Dumazedier (1980) divide-o em cinco categorias: físico, prático, artístico, intelectual e social. Essas categorias não devem ser lembradas isoladamente, pois partem das opções pessoais pelas atividades de lazer, o que nos leva a pensar o homem de maneira

⁸³ Segundo Marcellino, as atividades de lazer são realizadas levando em consideração os aspectos tempo e atitude: “O lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade. O lazer ligado ao aspecto tempo considera as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no ‘tempo livre’, não só das obrigações profissionais, mas também das familiares, sociais e religiosas.” (MARCELLINO, 1996, p. 8). Esse conceito de lazer relacionado ao “tempo disponível”, apresentado por Marcellino, implica a liberação de diferentes naturezas, remetendo aos postulados de Dumazedier; porém com o desenvolvimento de suas análises sobre o lazer ao longo dos anos, Marcellino redimensiona seus discursos.

integrada - corpo e mente - e que as distinções das categorias são realizadas pela característica predominante que se busca no desenvolvimento da atividade, tendo-se em vista que estão interligadas.

Os interesses físicos são, conforme o autor “[...] a participação ativa e voluntária do indivíduo nas atividades relacionadas com a cultura física, isto é, um novo enfoque da prática esportiva e da assistência ao espetáculo” (DUMAZEDIER, 1980, p. 112). Eles são caracterizados como a prática dos exercícios físicos e esportivos, vinculados à participação consciente e voluntária na vida social e cultural. Cabe ressaltar, que esse interesse envolve a “assistência ao espetáculo” às práticas esportivas, que se pormenoriza em atitudes e/ou posicionamentos críticos, perante a vivência do esporte, como o futebol, o vôlei, a ginástica, dentre outros, nos quais as pessoas observam e realizam crítica em relação à execução do esporte, por meio das regras, posturas/atitudes dos jogadores, treinadores e avaliadores.

Os interesses práticos, por sua vez, são atividades manuais (*bricolage*⁸⁴, culinária ao domingo, artesanato, jardinagem, etc.) produtivas e, em sua maioria, relacionadas as obrigações familiares, com caráter utilitário, - ou semiobrigatórias e desinteressadas - realizam-se no espaço e tempo de lazer ou do semilazer⁸⁵ (DUMAZEDIER, 1980). No que tange aos tipos de atividades, destaca-se que o trabalho manual doméstico é uma oportunidade para estabelecer possível equilíbrio entre as relações profissionais e familiares e, ainda, faz com que os indivíduos se esqueçam dos problemas econômicos, trabalhistas, escolares, etc.

Com relação aos interesses artísticos, por sua vez, averigua-se a divulgação e a progressão cultural. Diante do exposto, Dumazedier (1980), apresenta dois movimentos: “[...] a democratização das artes eruditas e a promoção das formas de arte tradicional e popular na cultura de hoje” (p. 135). Para atingir uma maior quantidade de pessoas deve-se procurar conscientizar, educar e despertar o interesse dos indivíduos para as exposições artísticas, pois isso contribui para a sua formação intelectual e moral. Para tanto, é necessário divulgar as artes em diversos espaços - lugares públicos (jardins, praças, parques, ruas, mercados, recintos

⁸⁴ *Bricolage* – consertos, reparos, execução de pequenos trabalhos, ligados aos ofícios (DUMAZEDIER, 1980, p. 130).

⁸⁵ Semilazer – Parte da ideia de tornar-se outro trabalho exercido no tempo liberado do trabalho profissional, como as atividades ligadas às obrigações familiares. Dumazedier (1980, p. 166) diz que as atividades socioespaciais e sociopolíticas estão inclusas no tempo liberado tanto do trabalho quanto das obrigações familiares.

abertos), cinema, rádio, teatro, museu, etc., - para atingir diferentes classes populacionais - sociais, etárias e educacionais - despertando o interesse e o gosto pela arte. Cabe ressaltar que a visão/imagem que cada indivíduo tem perante o objeto artístico é envolvido pelo seu imaginário - sentimentos e emoção -, sua formação pessoal - história e cultura - e educacional.

De acordo com os interesses intelectuais, as atividades são voluntárias, ou seja, não incluem atividades escolares ou universitárias. E são motivadas por uma inclinação pessoal e pela paixão capaz de passar conhecimento, informação e aprendizagem, como: leitura, filme, teatro, dentre outros. Com relação à diferenciação das atividades de lazer voltadas a interesses artísticos, esses envolvem aspectos subjetivos - o encantamento, a beleza e a estética -, enquanto que os intelectuais abrangem a objetividade, pelo fato de se relacionarem às questões documentárias, científicas e didáticas.

Por último, os interesses sociais são compostos pela análise do desenvolvimento de sociabilidade nas atividades de lazer de interesses físicos, atividades prático-manuais, espetáculos artísticos e intelectuais, sendo necessário observar os interesses sociais comuns e os específicos de cada atividade (DUMAZEDIER, 1980). Assim, é necessário observar o grau de sociabilidade de cada atividade, seja a atividade que favorece o desenvolvimento da socialização ou se desfavorece o contato com o outro. É importante salientar que o lazer associado à prática social é de grande importância, pois leva o indivíduo a parar e observar, desse modo passa a (re)pensar e (re)avaliar o local, a cultura, o modo de vida dos autóctones, proporcionando a formação de um novo pensamento, sentimento, comportamento social e cultural.

Compartilhando da ideia de Camargo (2003, p. 18), acredita-se que pode ser acrescentada mais uma área de interesse cultural nessa classificação, o turístico, marcado pela prática de atividade voluntária e prazerosa, ligada ao campo educativo, relacionando-o com a participação social e lúdica. O referido interesse possibilita a abertura para uma vida cultural e educacional intensa e diversificada.

Em suma, a socialização é importante em todos os interesses do lazer por depreender as relações desenvolvidas por indivíduos ou grupos de pessoas, ocasionando relações e interações sociais, caracterizadas pelos sentimentos dos participantes, o grau de interesse e prazer proporcionados. O conhecimento de

todos os interesses do lazer é de grande importância para que sejam proporcionados às pessoas a satisfação, o descanso e a diversão, mesmo porque, muitas vezes, elas praticam apenas as atividades de um grupo por não possuírem contato com os demais.

As autoras Gomes e Pinto (2009) apresentam em seus estudos a concepção de cultura pela especialista em lazer, Ramalho⁸⁶, com o enfoque na relação das práticas de lazer com a cultura, contrapondo com a ideia de que o lazer é um mero conjunto de ocupações:

Sendo cultura, o lazer é, pois, produto humano construído por meio de processos que se constituem a partir de valores, saberes, motivações e desejos de cada sujeito, influenciados pelos sentidos e significados que os mesmos atribuem às suas experiências. Processos localizados, uma vez que cada construção cultural depende do contexto social onde se realiza, do cotidiano onde os sujeitos criam as técnicas corporais próprias de sua cultura e seus modos específicos de lidar com os limites de tempo, lugar, infraestrutura, condições econômicas e outras dimensões que condicionam suas realizações no lazer (p. 98).

Desse modo, conjectura-se que o lazer composto pelo aspecto cultural e pela prática social interfere no desenvolvimento pessoal dos indivíduos, logo é um instrumento de mudanças. A prática de atividade voluntária, desinteressada e prazerosa ligada ao lazer, no campo educativo, relaciona-se com a participação social e lúdica que torna possível a abertura para uma vida cultural e educacional intensa e diversificada.

Marcellino enfatiza o quanto é importante a atuação do plano cultural no tempo de lazer, pois:

[...] ao lado de divertimento e do descanso, pode ser também um tempo de desenvolvimento pessoal e social, ou seja, um tempo privilegiado para vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para solapar a estrutura social. (2007, p. 7).

A autora Gomes entende que o lazer é uma dimensão da cultura, construída socialmente, no contexto diário, a partir de quatro elementos inter-relacionados:

⁸⁶ Para a consecução do capítulo “O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas” as autoras Christianne Gomes e Leila Pinto coletaram 31 questionários com especialistas brasileiros, profissionais formados em diversas áreas do conhecimento e com experiência no lazer, dentre eles, Cláudia Martins Ramalho.

Tempo, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final de semana, férias, etc.). *Espaço-lugar*, que vai além do espaço físico por ser um 'local' do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio para o lazer. *Manifestações culturais*, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento. *Ações* (ou *atitude*), que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade (2004a, p. 124, grifo da autora).

Tomando esses quatro elementos como referência, observa-se que, com o tempo disponível, a pessoa pode ter atitude/intenção de usufruir desse período mediante algumas práticas (culturais, físicas, contemplativas, sociais, educativas, artísticas e ambientais). Ressalta-se que, ao usufruir dos espaços públicos, como por exemplo, os parques urbanos, os indivíduos se socializam e trocam conhecimento com familiares e amigos, rompendo com o universo do cotidiano. Pode ocorrer, também, a contemplação da natureza e/ou o indivíduo ficar sozinho pensando em sua vida; esse fato também pode ser considerado uma atitude de lazer, em que a pessoa entra em encontro consigo, como apontado na citação.

1.4.1 O lazer como um direito social

O lazer é reconhecido como um direito social, garantido pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, onde consta como um dos direitos sociais (título II, capítulo II, no artigo 6); como um dos direitos à melhoria de condição social (título II, capítulo II, no artigo 7, no 4); e, diz que “o poder público incentivará o lazer, como forma de produção social” (título VIII, capítulo III, seção III, do desporto, no artigo 217, no 4). As práticas de lazer são influenciadas pelas questões educacionais, econômicas, sociais e políticas, no entanto, há uma luta social constante para que seja igualitária.

O lazer como um direito social é ligado à cidadania, porquanto é uma conquista histórica e social que deve ser estendida a todos, independentemente de gênero, de classe, de idade, de etnia, de cultura e de religião. A autora Werneck (2000, p. 132), relaciona o lazer como um direito social e como uma possibilidade de produção de cultura, dizendo que o lazer:

[...] enquanto uma prática social relacionada às diferentes dimensões de nossa sociedade (tais como o trabalho, a economia, a educação e a política), compreendo o lazer em duas perspectivas: *como um direito social*, em princípio, proveniente das conquistas dos trabalhadores por um tempo legalmente regulamentado; e *como uma possibilidade de produção de cultura*, por meio da vivência lúdica de diferentes conteúdos, mobilizada pelo desejo e permeada pelos sentidos de liberdade, autonomia, criatividade e prazer, os quais são coletivamente construídos. (grifo da autora).

A concepção de lazer como um direito social e uma possibilidade de cultura, permeia a ideia das práticas, construções e vivências de lazer, por estarem realmente enraizadas na vivência cotidiana dos indivíduos, de forma criativa, crítica, educativa e significativa. Desse modo, o tempo livre “[...] não é somente uma oportunidade de descansar para voltar com novas energias para o trabalho, mas sim uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal, para experimentar e vislumbrar novas realidades, para aprender” (MOLINA, 2005, p. 39, tradução nossa). Aproveitar o tempo livre de forma mais produtivo, com o intuito de adquirir novas informações e conhecer culturas distintas, a fim de se tornarem mais críticas, tornou-se um imperativo para as pessoas. Sucede-se, assim, o aprimoramento das reflexões sobre as informações diárias confrontando-as com a realidade.

Em contrapartida, as cidades brasileiras crescem afetadas ao interesse econômico, capaz de influenciar as práticas de lazer. O espaço urbano, em sua maioria, é voltado para as questões de lucro e mercadoria, fato que causa a escassez de espaços públicos nas grandes cidades. Cabe ressaltar, ainda, que, além de pouca quantidade de espaços públicos voltados ao lazer, muitos deles encontram-se localizados em regiões que favorecem as classes altas, muitas das vezes, relacionados a interesses imobiliários.

Sobre essas especificações nota-se que prejudicam os cidadãos, pois, como dito anteriormente, os espaços públicos são de grande importância para a população, já que remetem às relações sociais com perspectiva de encontro e convivência entre os indivíduos de uma sociedade. Pode-se perceber que os espaços urbanos com opções de lazer, em sua maioria, são concebidos pela iniciativa privada, voltada a um público social segmentado, como por exemplo: shopping, teatro, cinema, museu, *show*, etc., prejudicando grande parcela da população, haja vista que elas não possuem condições financeiras de desfrutar de práticas de lazer pagas, como lembra Marcellino (2006, p. 67).

A especialista em lazer Ramalho apresenta, nos estudos de Gomes e Pinto, (2009) sua opinião quanto à compreensão e vivência do lazer pela sociedade contemporânea, a partir de um contexto:

de estruturas sociais e culturais diferentes, no que tange às relações entre as pessoas; novas formas de agrupamentos e relações culturais desafiaram-nos a analisar o lazer como cultura, ajudando-nos a perceber aspectos importantes como: o lazer hoje é vivido em vários lugares (casa, rua, escolas, empresas, shopping centers, museus, centros culturais, bares, praças, parques, etc.); a cultura vivida no lazer traduz pluralidade, diversidade, sensibilidade e afetividade, numa profusão de estilos de vida e paisagens; na ótica da diversidade, são muitas as demandas pelo acesso ao lazer, respeitando e valorizando as características específicas de cada grupo, atentas para o fato de que os indivíduos, diferentemente, constroem e/ou usufruem das oportunidades disponíveis para o lazer [...] (GOMES; PINTO, 2009, p. 100-101).

O lazer possibilita aos indivíduos uma melhor qualidade de vida e uma constante troca de conhecimento e vivência cultural, em meio às distintas dimensões da sociedade - a economia, a educação, a política, o trabalho, o social, dentre outros - que permitem repensar as diferenças dessas vivências, individuais e/ou coletivas, na atualidade. Por conseguinte, o lazer deve ser considerado como suprimento às necessidades físicas e psíquicas, como confirma Werneck (2000, p. 140), falando que: “[...] nas últimas décadas do século XX, o lazer vem sendo concebido como um passo fundamental para a busca de qualidade de vida [...]”. Assim sendo,

Os espaços preservados e revitalizados contribuem de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade, quebrando a monotonia dos conjuntos, estabelecendo pontos de referência e mesmo vínculos afetivos. Além disso, preservando a identidade dos locais, pode-se manter, e até mesmo aumentar, o seu potencial turístico (MARCELLINO, 2006, p. 82).

Do nosso ponto de vista, o lazer não é um fenômeno isolado, ele está inserido em diferentes contextos - históricos, culturais, políticos e educacionais - conforme os valores, significados, sentidos e saberes advindos de cada sujeito e a influência do meio no qual está inserido. O lazer é praticado e contextualizado conforme a vivência cotidiana dos sujeitos, que, em sua maioria, está relacionada às questões familiares, sociais, religiosas, profissionais, etc., inseridas na dimensão/manifestação cultural no tempo e espaço presentes.

Os espaços das cidades que remetem à história e à cultura local estão constituídos na memória da população. Dessa forma, quando preservados, são

bastante significativos para a comunidade, pois estão ligados a sua identidade. Ademais, com a preservação ou até mesmo com a revitalização desses espaços a cidade torna-se histórica, cultural e educacionalmente enriquecedora aos seus moradores. Por conseguinte, traz referência e vínculos afetivos aos indivíduos fazendo com que eles se preocupem em preservá-la e, até mesmo, passando a desfrutar das paisagens cotidianas. O autor Marcellino (2006) enfatiza que esses processos precisam ser conciliados com a participação da comunidade e a especificidade da cidade, pois:

[...] esses processos precisam contar com a participação dos profissionais da área, garantindo-se, assim, as qualidades técnicas requeridas e as especificidades da área, precisam também contar com a participação popular, viabilizando a satisfação dos interesses culturais a serem satisfeitos e/ou superados, através da animação sociocultural, e a manutenção dos vínculos com a cultura local (p. 87).

À proporção que a cidade brasileira cresce, a prática de lazer como forma igualitária torna-se difícil de se concretizar diante da realidade cotidiana, marcada por exclusões, desigualdades, discriminações e violências. É importante ressaltar que a presença do lazer na Constituição remete à conquista de todos os cidadãos brasileiros e não apenas às conquistas dos trabalhadores, presentes na legislação trabalhista. Sob essa perspectiva, Gomes (2004a) apresenta o lazer como:

uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (p. 125).

O lazer é uma atividade de grande importância para a vida de cada indivíduo e deve ser praticado periodicamente e não apenas em viagens, nas férias do ano e em finais de semanas esporádicos, pois proporcionam felicidade e vivacidade para o dia a dia. Admitir a importância do lazer na vida moderna “[...] significa considerá-lo um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social” (MARCELLINO, 1996, p. 15-16).

O lazer é uma prática realizada individual e/ou coletivamente em um “tempo disponível” com intuito de (re)compor suas energias - mentais e corporais - para a rotina. As pessoas que praticam o lazer estão em busca de descanso, divertimento,

prazer e satisfação que causam sensação de liberdade, a qual facilita o contato com as outras pessoas e até a vivência e desfrute do espaço em que estão inseridas. Além desses sentimentos, capazes de romper com o universo do cotidiano, capazes de equilibrar a qualidade de vida dos indivíduos, o lazer proporciona conhecimento de diferentes culturas, histórias e costumes ao usufruir e vivenciar os espaços de lazer.

Para continuarmos a discussão sobre a necessidade de o meio urbano ter uma crescente demanda de espaços para o lazer e, em especial, a importância da experiência e vivência nas paisagens cotidianas, tomaremos como base principal os estudos de Dias que mostram a apropriação das paisagens rotineiras e banais por parte da comunidade. Juntamente com os estudos das autoras Gastal e Moesch (2007) que avançam no conceito de turismo.

Essas autoras, ao relacionarem a ideia de o cidadão apropriar-se do local onde mora, no seu tempo de lazer, quebram o modelo existencial da sociedade industrial criticado por Krippendorf (trabalho – moradia – lazer – viagem)⁸⁷. Trata-se, assim, do conceito de turista cidadão, que se apropria das circunstâncias espaciais e temporais de sua cidade estabelecendo com ela uma relação de pertencimento e identificação.

1.5 A EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM NO COTIDIANO DA CIDADE: O TURISMO CIDADÃO

A investigação do subcapítulo, *A experiência da paisagem no cotidiano da cidade: o turismo cidadão* apresenta concepções relacionadas à cidade, local em que vivem milhares de pessoas. Relatam-se, então, reflexões sobre a ideia de experimentar e vivenciar as paisagens cotidianas à luz da compreensão das práticas do turismo cidadão. Conduzidas pela noção de cidadania e paisagem no cotidiano, fundamentadas no experienciar, vivenciar e conviver com a própria cidade, com o afastamento do cotidiano, proporcionando assim a prática do turismo cidadão.

⁸⁷ De acordo com esse autor, o lazer para o restabelecimento do equilíbrio físico e emocional só seria possível em lugares distantes da própria residência (KRIPPENDORF apud GASTAL; MOESCH, 2007).

Com o surgimento das cidades inicia-se a ideia de cidadania e tem como fundamento a alegação de que todos são iguais perante a lei. Desde a Grécia (polis grega⁸⁸) – local onde se originou a ideia de cidadania – refletiu-se, entretanto, uma discrepância entre a teoria e a prática, pois havia discriminação e distinção entre os cidadãos, como exemplo, a exclusão feminina, a existência de escravos e pessoas não proprietárias de bens materiais.

Concernente ao direito à cidadania pode-se inferir que é um processo histórico e de conquista popular, no qual a sociedade adquire progressivamente o direito de pensamento, consciência, opinião, religião e liberdade de expressão. A concepção de cidadania é composta pelos direitos e deveres dos indivíduos, construída coletivamente e em busca de uma sociedade melhor. Todos os homens são iguais, permitindo a todos os direitos civis, políticos e sociais⁸⁹ (COVRE, 2001). Logo, os três direitos possuem relação recíproca e não podem ser desvinculados.

No mundo contemporâneo, a maioria das pessoas vive em cidades compostas por um complexo estrutural de infraestrutura e atividades de subsistência da população. Evidencia-se que as *urbes* são constituídas por intensas interações econômicas, sociais e culturais, por se tratar de ambientes que contêm pessoas de diferentes etnias, religiões, níveis educacionais, valores culturais, línguas, dialetos, dentre outros, permitindo-se constantes combinações de padrões, valores, costumes e modos de viver. A diversidade e interação cultural das cidades ocasionam o desafio da “[...] construção e ao exercício da cidadania em sociedades multiculturais” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 18).

Evidencia-se também que a cidade é fragmentada e diversificada, constituído o espaço urbano por *fixos* – praças, edifícios, monumentos, etc. – e *fluxos*, que são as ideias, comportamentos e culturas que movimentam e marcam o território, conforme Gastal e Moesch (2007, p. 57-59). As pessoas fazem parte do fluxo, conquanto a participação e presença delas no planejamento, reestruturação e

⁸⁸ “A pólis era composta de homens livres, com participação política contínua numa democracia direta, em que o conjunto de suas vidas em coletividade era debatido em função de direitos e deveres”, segundo Covre. (2001, p. 16).

⁸⁹ Os **direitos civis** são aludidos com os direitos de se dispor do próprio corpo, locomoção, segurança, liberdade de expressão, etc. Os **direitos sociais** constroem a concepção de cidadania. Quanto ao atendimento das necessidades humanas básicas – salário decente, direito à saúde, à educação, à habitação, dentre outros – repondo a força de trabalho e o sustento do corpo humano. Os **direitos políticos** referem-se aos dois outros direitos supramencionados, assim os três são dependentes e correlacionados. Esses direitos dizem respeito à liberdade de expressar à opinião, o pensamento, à ideologia religiosa, à prática política, etc. (COVRE, 2001, grifo nosso).

estratégias econômicas da *urbe* são de grande importância, desde que compreendam e dominem os processos envolvidos e a realidade concreta dos espaços onde estão inseridas.

Salienta-se que, ao realizar-se o planejamento urbano, a cidade deve, primeiramente, ser atrativa à própria população, pensada de forma que suas (re)construções sejam ordenadas com o meio nos quais estão inseridas, pois “[...] são justamente os valores e os traços culturais com especificidades territoriais que fazem a existência dos lugares” (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 134). Dessa forma, ao apropriar-se das paisagens que compõem sua cidade, a comunidade exerce a ideia de cidadania.

Referente a essa temática a paisagem pode ser apreendida como o aspecto (in)visível de uma área, assim sendo, as cidades são compostas por diversos tipos de paisagens – históricas, culturais, artísticas e naturais – intrínsecas pelo seu valor de uso e valor afetivo, proporcionando às pessoas o sentimento de pertencimento ao local, uma vez que são contextualizadas e resultantes dos aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos, naturais e culturais que compõem a forma organizacional e o modo de vida da sociedade. Assim, “a paisagem é resultado do acúmulo de ações temporais” (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 132).

Reitera-se que as paisagens são componentes essenciais para a comunidade e o turismo⁹⁰, sendo que aquelas que contêm caracteres estruturais típicos do grupo social devem ser preservadas, pois fazem parte da história e cultura locais. No tocante à população, Santos (2009, p. 109) diz que “é a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. Só a vida é passível desse processo infinito que vai do passado ao futuro, só ela tem o poder de tudo transformar amplamente.”.

Nessa perspectiva, Milton Santos (2009, p. 107) descreve que a representação e realidade da paisagem advêm de sua historicidade, associada aos aspectos sociais. O autor complementa que “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva.” A paisagem abarca a história das pessoas, ou seja, é capaz de testemunhar o modo e o estilo de vida, compondo um resultado histórico acumulado. Pode-se destacar que a descrição e percepção da paisagem se dão

⁹⁰ “[...] as paisagens são testemunhas visuais de elementos estéticos e simbólicos construídos historicamente e que, quando identificados e apropriados pelo viajante, despertam um renovado interesse no lugar visitado e contribuem para estabelecer uma valorização qualitativa” (SILVA, 2004, p. 27).

conforme a compreensão do indivíduo, advinda de seus sentimentos, memória subjetiva, cultura, história, modo de vida e de ver. Dias (2010, p. 127) afirma que a paisagem não se compõe: “[...] apenas do que vemos, mas do que ouvimos, sentimos, pressentimos...”.

O autor Tuan apresenta que a percepção do meio ambiente pelo homem advém dos cinco sentidos - visão⁹¹, audição⁹², olfato⁹³, paladar e tato⁹⁴. Cada sentido difere em grau de sensibilidade, conforme aspectos fisiológicos - como a idade, o temperamento, o sexo - e a cultura. A cultura é um fator que tem grande influência na percepção e no sentido que é mais aguçado pelo indivíduo, pois influenciam o seu modo de vida, ambiente, atitudes e necessidades, diferenciando de pessoa para pessoa.

Concernente à ideia supramencionada, o autor Tuan (p. 29) exemplifica pelo modo de vida dos esquimós. Na época de inverno, os esquimós perdem a visão em perspectiva devido à alta presença de neve; assim eles se orientam pela direção (audição) e o cheiro de vento (olfato), pelo vento em sua língua (paladar), juntamente com o sentir do gelo e neve em seus pés (tato). Essa exemplificação mostra que eles aprendem a orientar-se pelos cinco sentidos, devido à necessidade advinda de seu habitat. “De modo que suas atividades e explorações são cada vez mais dirigidas por valores culturais.” (p. 30).

Assim, do nosso ponto de vista, o termo *paisagem* possui um significado mais amplo e complexo do que apenas o relacionado aos aspectos visíveis – ambientes construídos e/ou naturais -, pois abarca elementos intangíveis que incluem valores, emoções e significados intrínsecos de cada indivíduo. Destarte, “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.” (LYNCH, 1997, p. 1).

⁹¹ Segundo Tuan (2012) o sentido ver é seletivo e objetivo, pois “ver não envolve profundamente nossas emoções.” (p. 28). Acrescenta ainda, que “a visão é seletiva e reflete a experiência.” (p. 27).

⁹² “Os olhos obtêm informações muito mais precisas e detalhadas sobre o meio ambiente do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos. [...] não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar nossos olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons.” (TUAN, 2012, p. 25).

⁹³ “O odor tem o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas.” (TUAN, 2012, p. 27), como por exemplo, o cheiro de bolo pode trazer a lembrança da avó fazendo bolo no lanche da tarde.

⁹⁴ “Tato, o sentido háptico, de fato fornece aos seres humanos uma grande quantidade de informações sobre o mundo. [...] Com os olhos vendados e com os ouvidos tapados para remover sinais auditivos, um homem pode, no entanto, reconhecer as diferenças entre plástico, metal, papel, ou madeira, batendo levemente a superfície com uma unha do dedo.” (TUAN, 2012, p. 24).

Os estudos de Dias que investigam a experiência da paisagem no cotidiano vêm ao encontro de nossas reflexões sobre a apropriação e a experiência da paisagem no dia a dia, dizendo que:

[...] criar, a partir das imagens mostradas e de nossas lembranças e impressões, os elos, os laços, que enriquecem a nossa percepção de paisagem. O que nos confirma que a paisagem é sempre um ponto de vista pessoal, mas é também a troca de pontos de vista e se constitui desse compartilhamento. Nessa precisa articulação entre o interior e o exterior, entre o íntimo e o que lhe é ex-cêntrico, ela é mediação entre o mundo dos objetos e a nossa subjetividade (2010, p. 286).

Por sua vez, os habitantes devem incitar a vontade de ver as paisagens do cotidiano, para observá-las em seus deslocamentos diários, passando a conhecer o seu espaço urbano, antes desconhecido⁹⁵. Neste sentido, Lynch (1997, p. 4) confirma que “a necessidade de reconhecer e padronizar nosso ambiente é tão crucial e tem raízes tão profundamente arraigadas no passado, que essa imagem é de enorme importância prática e emocional para o indivíduo.” Quando a pessoa conhece e sabe orientar-se na cidade em que se encontra, ela possui o sentimento de equilíbrio e bem-estar; em contrapartida, ao se sentir perdida fica com sentimento de angústia, incerteza e medo. Pode-se exemplificar que, quando uma pessoa encontra-se em sua terra natal, ela sente uma harmonia entre ela e o local situado, acarretando sentimentos de segurança emocional.

Em continuidade aos raciocínios referentes à percepção da paisagem, a autora Cauquelin (2009, p. 28-29) acrescenta que:

Onde estariam, pois, sem ela, nossos aprendizados das proporções do mundo e o de nossos aprendizados das proporções do mundo e o de nossos próprios limites, pequenez e grandeza, a compreensão das coisas e a de nossos sentimentos? Intermediário obrigatório de uma conversação infinita, veículo de emoções cotidianas, invólucros de nossos humores [...].

A afirmativa de Cauquelin remete à ideia de que a vivência e apropriação de paisagens, como por exemplo, os parques urbanos, por meio de suas atividades e infraestruturas, são capazes de proporcionar aos indivíduos a sensação de bem

⁹⁵ “[...] para que uma paisagem possa existir, para que tome forma, uma consciência-paisagística deve ser convocada. Essa consciência alerta, desperta, fruto da aliança entre um sentimento e um espaço, imersa em um processo afetivo exclusivamente humano, destacaria do espaço focado e de seus elementos concretos sua abstração como paisagem” (DIAS, 2010, p. 126).

estar, paz e tranquilidade, conseqüentemente a pessoa se sente com mais energias para retornar a sua rotina.

Dias (2010, p. 126) acrescenta que a paisagem pode ser percebida por diversas formas, consoante o sentimento de cada indivíduo, assim sendo a “[...] sensação percebida pelo observador, esse estado de alma, teria a capacidade de singularizar um espaço, extrapolando sua forma física, extraindo sempre novos fragmentos para compor e recompor novos conjuntos, novas paisagens.”.

Essa perspectiva vem ao encontro dos estudos⁹⁶ de Tuan (2012) que retrata a topofilia, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, logo, o autor afirma que: “[...] todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material [...] diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão.” (p. 135-136). No tocante à paisagem, fazer parte da vida do indivíduo, seja em sua infância seja em sua vida adulta, remete-se à sensação de que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar.” (TUAN, 2012, p. 144).

A diversidade de paisagens nas cidades permite as quase infindáveis opções de espaços, atraindo os cidadãos a visitas turísticas que buscam atividades e/ou produtos variáveis e com qualidade. Em alguns casos, acontece de paisagens ou detalhes passarem despercebidos aos turistas devido ao fato de não conhecerem a cultura, a história e os costumes da localidade.

Com relação aos turistas, eles viajam com motivações de lazer, em busca de nova experiência, cultura, conhecimento, prazer, dentre outros⁹⁷. Para viver esse estranhamento é necessário que “se abram” para conviver com a comunidade visitada, tentando vivenciar e conhecer a cultura, a história e o modo de vida. Dessa forma, Molina (2005, p. 59, tradução nossa) reitera que:

[...] o turismo é capaz de proporcionar aos indivíduos uma série de experiências que ajudam a melhorar a compreensão de si e do mundo ao seu redor, ajudá-los a melhorar sua comunicação com os outros, para valorizar suas próprias habilidades e competências e estabelecer compromissos com vários aspectos críticos de sua realidade e da realidade social.

⁹⁶ O livro tem como intuito “[...] ajudar a construir um pensamento humanista sobre o homem e o ambiente; um pensamento baseado na afeição e envolvimento com o lugar, que é geograficamente construído e manifesto na nossa existência, na nossa cultura, na nossa vida.” (TUAN, 2012, p. 11).

⁹⁷ “[...] o turismo envolveria processos de *estranhamento*, ou seja, o turista, em seus deslocamentos, ao se defrontar com o novo e com o inesperado, vivenciaria processos de mobilização subjetiva que o levariam a parar e a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas.” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 11, grifo das autoras).

O turismo é uma atividade que envolve questões histórico-sociais que pressupõem deslocamentos de indivíduos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos, que, por sua vez, possibilitam o afastamento concreto e simbólico do dia a dia. Moesch (2002, p. 09) descreve o turismo dentro dos aspectos sociais, culturais e históricos, afirmando que:

é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório dessa dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

O turismo associado à prática social pode ser exemplificado pelo deslocamento do indivíduo e o contato com o novo e o inesperado, levando-o a (re)pensar e (re)avaliar o local, a cultura, o modo de vida dos autóctones, adquirindo a formação de um novo conhecimento; e também de sentimento, comportamento social e cultural renovados. Desse modo, pode-se pressupor que o turismo e o lazer, compostos pelo aspecto cultural e pela prática social, interferem no desenvolvimento pessoal dos indivíduos, sendo assim instrumentos de mudanças.

O avanço do fenômeno turístico, por meio de suas peculiaridades, permite o seu desenvolvimento em diversas regiões, e “[...] o significado dos lugares é explicado pela totalidade das relações entre os elementos físicos, naturais, culturais, políticos e econômicos que os constituem” (LEITE, 1997, p. 144), por isso os turistas precisam respeitar o próximo e o local visitado, baseando-se nos princípios de boa conduta, tais como: ir ao encontro do novo; respeitar as diferenças culturais e se possível aprender um pouco sobre elas; interagir com a comunidade visitada e não desprezar e ignorar a presença dela; preservar o ambiente natural, dentre outros.

Em contrapartida, quando os visitantes não se abrem para vivenciar a cultura e história locais, demonstram uma visão superficial e frívola, pois não se interessam em conhecer e entender o modo de vida daquela sociedade. Conseqüentemente, “a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza.” (TUAN, 2012, p. 97).

Ademais, é importante o tratamento geográfico dos espaços urbanos, com o intuito de desvelar a (re)utilização de locais, que antes eram degradados,

ocasionando a valorização da vida cotidiana e da *urbe*. Os lugares turísticos geralmente são escolhidos e admirados por suas paisagens, sobressaindo os aspectos visuais mais desejáveis e atraentes para a indução ao consumo.

Com relação à importância das peculiaridades históricas e sociais podem-se mencionar, por exemplo, os patrimônios históricos localizados nos centros das cidades. Dessa forma, Ribeiro (2001, p. 146) afirma que: “[...] é importante ressaltar que não há possibilidade de restauração, reabilitação e manutenção de toda e qualquer edificação por parte somente do poder público [...]”. Enfatiza-se que a construção e o planejamento das cidades devem estar em harmonia com o modo de vida da sociedade, que está sempre em mudança e dinamicidade, pois quando a comunidade conhece a importância e a relevância da estrutura arquitetônica de sua cidade ajuda a preservá-la.

Cabe ressaltar que, o fato de o visitante estar em contato com algo novo, este pode contribuir com informações que os nativos não percebem, pois já estão acostumados e/ou ignoram certas características ambientes. Deste modo, Tuan (2012, p. 99) aponta que “o visitante, frequentemente, é capaz de perceber méritos e defeitos, em um meio ambiente, que não são mais visíveis para o residente”. Assim, a opinião e ponto de vista do visitante tornam-se válidos para o local visitado, podendo servir para melhorias, todavia essa ideia deve ser avaliada e adequada de acordo com as necessidades e modo de vida da comunidade. Pois, “a percepção e os julgamentos do meio ambiente das pessoas nativas e dos visitantes mostram pouca coincidência porque suas experiências e propósitos pouco têm em comum.” (TUAN, 2012, p. 338).

É necessário um planejamento adequado para preservar tanto os aspectos sociais, culturais, históricos e naturais, quanto proporcionar benefícios à população, seja nos aspectos do contato com os turistas, seja com relação à exploração e desenvolvimento turístico. Ressalta-se, ainda, que, quando há controle no desenvolvimento do turismo, essa atividade traz benefícios à vida econômica, política, cultural e social da comunidade.

Segundo Gastal e Moesch (2007, p. 12) “[...] o Turismo se constitui em um fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico para sujeitos que o praticam”. Simbólico, por seus valores de uso e afetividade que ocasionam ao indivíduo sensações de surpresas, sentimentos e comportamentos, levando-os a (re)pensar,

(re)ver e (re)avaliar não só o momento vivenciado, mas também a vida. Ressalte-se, ainda, que essas experiências são proporcionadas tanto aos visitantes quanto à comunidade local.

Segundo Ribeiro (2001, p. 146), a atratividade turística nos centros urbanos “[...] está centrada no grau de interesse arquitetônico, histórico e cultural que o patrimônio histórico e demais componentes da paisagem urbana geram na visitação e nos serviços existentes, enquanto atra o de ‘consumo cultural’⁹⁸”. O turismo e o lazer nas cidades transformam suas antigas paisagens em novos atrativos, trazendo a valoriza o e o embelezamento desses espaços; conseqentemente, melhoram a qualidade de vida da popula o, proporcionam uma gama de atrativos tursticos e geram novas oportunidades econmicas. Assim sendo, “valorizar   conhecer. Conhecer   amar e respeitar.   preocupar-se com as diferenças, respeitá-las e conservá-las.” (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 134).

Desse modo, pode-se pressupor que as paisagens cotidianas são referências para o turismo da cidade, tornando-se um meio para o contato entre os moradores e os turistas, permitindo que cada um estabeleça um significado diferente para essas paisagens. Dias (2010, p. 126) confirma a assertiva com a seguinte elucida o:

A paisagem seria então uma forma de enquadramento designado pelo olhar. Uma elei o que conjugaria simultaneamente o individual, ótimo e pessoal e o coletivo, social e cultural. Cada um de nós traz consigo suas ‘molduras culturais’ que, a um só tempo, individualizam as várias formas de ver e atestam o compartilhamento de impressões. Múltiplas maneiras de ver, de ser e de compreender o mundo.

Diante dessas explica es, percebe-se que o “olhar sobre a paisagem”   diferenciado para cada pessoa, já que a comunidade e os turistas possuem distintas experiências de vida, conseqentemente, olhares diversos⁹⁹. A percep o da

⁹⁸ No que se refere ao interesse turstico pela cultura, Gastal (2001, p. 121) afirma que “a cultura apropriada pelo Turismo   a cultura que gera produtos e manifesta es concretas, sejam elas eruditas ou populares”. No entanto, “a cultura passará a ser veículo de socializa o entre visitantes e visitados, quando ela for um processo vivo de um fazer de uma determinada comunidade” (p. 127). Ainda, a “cultura   um insumo turstico importante, mas   aquela cultura viva, praticada pela comunidade em seu cotidiano” (p. 129).

⁹⁹ “[...] a paisagem   um certo ponto de vista, logo tributária de um certo modo de olhar. Paisagem e olhar se entrelaçam em um movimento contínuo, inscrito em culturas e épocas distintas. Ambos revelam a maneira pela qual percebemos e compreendemos o nosso meio ambiente e interagimos com ele. Assim, a maneira como cada um de nós percorre os espaços e os interpreta   ótima e pessoal.” (DIAS, 2010, p. 201).

paisagem é marcada pela subjetividade e por uma interpretação particular. Castrogiovanni (2001, p. 133) esclarece que:

Sabe-se que este conjunto de símbolos, traços e signos, percebidos por olhares diversos, nem sempre são sentidos pela simbolização turística das pessoas. Tal situação também está atrelada aos estados emotivos de quem as observa e, logicamente, também às bagagens culturais. Os múltiplos elementos interativos da paisagem apresentam-se em infinitos quadros nos quais as molduras são atribuídas às ações humanas, que representam as necessidades, os interesses, desejos e fantasias dos grupos sociais.

Para que os turistas parem e contemplem a paisagem ao seu redor e os cidadãos tenham um momento de contemplação da paisagem rotineira, é necessário “[...] encontrar em permanência novos pontos de vista e de contato, novos elos que nos aproximam dos espaços de todos os dias” (DIAS, 2010, p. 115). Assim, o experimentar a paisagem no cotidiano pesquisado por Dias vai ao encontro dos estudos das autoras Gastal e Moesch, ao analisar o turista cidadão. O turista cidadão é aquele que vivencia, usufrui e experiencia as paisagens de sua própria cidade durante o seu tempo livre.

Neste sentido, as autoras Gastal e Moesch trabalham com a ideia dos cidadãos viverem o *estranhamento*, que é sair das rotinas temporais e espaciais da própria cidade, o qual ocasiona o usufruto das paisagens com uma percepção diferenciada do seu cotidiano. Procedendo de tal modo, ao usufruir desses locais, o cidadão realiza a prática do turismo cidadão, considerado como:

[...] aquele morador da localidade que vivencia práticas sociais, no seu tempo rotineiro, dentro de sua cidade, de forma não rotineira, onde é provado em relação à cidade. Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade, fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre, no espaço cotidiano, outras culturas, outras formas étnicas e outras oportunidades de lazer e entretenimento. Quando se encontra na situação de turista cidadão, este sujeito aprende a utilizar os espaços ambientais, culturais, históricos, comerciais e de entretenimento com uma percepção diferenciada do seu cotidiano (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 65).

Pode-se inferir que o turista cidadão percebe as paisagens de sua cidade e envolve-se com elas, usufruindo-as ativamente em seu tempo não rotineiro, como entretenimento, em sua própria cidade. Assim, o indivíduo cria uma postura de preservação, conhecimento, identificação cultural e histórica na vida cotidiana, somadas as suas atitudes em relação à cidade.

Gastal e Moesch (2007, p. 37) salientam que “também se estaria migrando de um conceito de turismo marcado pelas distâncias espaciais para um conceito que priorizasse a sua prática como o percorrer tempos e espaços diferentes dos rotineiros”. Assim, quando as paisagens cotidianas passam a ter um significado importante para os moradores da cidade que delas usufruem, esses moradores transformam-se em turistas cidadãos.

Dias (2010, p. 290) apresenta, então, que usufruir das paisagens cotidianas é “[...] encontrar, nos percursos da rotina e da repetição, as frestas (as janelas) que nos fariam ver aquilo que não havíamos ainda visto”, que no entendimento da autora pode ser o princípio da prática do turista cidadão. Para (re)encontrar essas novas experiências paisagísticas na cidade deve-se estabelecer o exercício de um olhar atento aos detalhes e às diferenças das paisagens, estabelecendo novas relações com os espaços diários.

Faz-se mister salientar que as cidades são compostas por uma gama de paisagens, portanto, para começar a desfrutar desses espaços, os moradores devem se posicionar com interesse e atitude para vivenciar e observar as paisagens rotineiras, pois a *urbe* contém variedade de espaços. Ao despertar esse foco nos habitantes, os mesmos passam a perceber e a avaliar as paisagens cotidianas. Em contrapartida, duas pessoas não veem a mesma realidade, devido “[...] a abundância desnorteadora de perspectivas, nos níveis tanto individual quanto de grupo [...]” (TUAN, 2012, p. 21).

O observador¹⁰⁰ da paisagem rotineira teria, então, que destinar outras vistas com novos recortes e vivenciar o que aquela paisagem proporciona, como por exemplo, suas atividades e seus aspectos culturais, econômicos, políticos e históricos; conseqüentemente, adquire novos conhecimentos e interesses passando a ter uma visão crítica com relação a esses espaços urbanos. Concernente a essa ideia, Dias (2010, p. 115-116, grifo da autora) pressupõe que a paisagem vista passa a existir com outras características específicas, a partir do momento em que “trabalhar com o *invisível*, o *n[ã]o-visto*, é se dar conta de que vemos e de que, acima de tudo, não vemos; de que, na rotina, experimentamos frequentemente um estado de cegueira”.

¹⁰⁰ “O observador deve ter um papel ativo na percepção do mundo e uma participação criativa no desenvolvimento de sua imagem.” (LYNCH, 1997, p. 6). Assim, o observador “[...] seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes.” (p. 7).

Dias (2010, p. 146, grifo da autora) assevera ainda que,

o observador da paisagem rotineira seria então como um viajante em seu cotidiano, capaz de explorar singularmente suas vistas habituais, *ajanelando*¹⁰¹ a rotina para encontrar aí frestas, outras vistas, novos recortes visuais; aqueles fragmentos que, conectados ou reunidos, se revelam em paisagem.

Ressalta-se, então, a ideia da apropriação dos indivíduos, em seu tempo livre, dos detalhes corriqueiros e das paisagens de sua própria cidade, que se tornam invisíveis aos nossos olhos por serem vistos continuamente. Assim, para (re)conhecer as paisagens cotidianas, o indivíduo deve se afastar e se distanciar do habitual e rotineiro para poder vivenciar e experimentar outra maneira de olhar o que o cerca, passando assim a observar e focalizar novos detalhes do dia a dia.

Nesse propósito, “[...] a paisagem se revela em meio às situações rotineiras e banais, em um movimento acelerado de pontos de vista distintos; ela é passagem, um deslocamento do olhar” (DIAS, 2010, p. 113). Dias (2010, p. 113) sugere que “a experiência da paisagem no cotidiano se forja, então, na junção entre certa maneira de olhar e os caminhos percorridos.” A autora completa, ainda, que “[...] conceber uma paisagem é vislumbrar uma nova configuração do espaço de sempre” (2010, p. 114). Compreende-se que as paisagens do cotidiano da comunidade passam despercebidas por se tornarem habituais à sociedade.

Desse modo, o tempo livre “[...] não é somente uma oportunidade de descansar, para voltar com novas energias para o trabalho, mas sim uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal, para experimentar e vislumbrar novas realidades, para aprender” (MOLINA, 2005, p. 39, tradução nossa). Aproveitar o tempo livre de forma mais produtiva, com o intuito de adquirir novas informações e conhecer culturas distintas, a fim de se tornarem mais críticas, tornou-se um imperativo para as pessoas. Sucede-se, assim, o aprimoramento das reflexões sobre as informações diárias confrontando-as com a realidade.

Desse modo, ao considerar as paisagens comuns, os indivíduos não veem as características e peculiaridades de diversas paisagens de sua cidade, que,

¹⁰¹ “*Ajanelar* o cotidiano é trazer à superfície da visão fragmentos de paisagem, talvez longínquos e esquecidos, é desenvolver uma prática do banal que suscite o desejo de ver. É despertar a nossa visão quase sempre esquecida, colocando-a em movimento para olhar o habitual, (des)conhecer o (in)comum, olhá-lo novamente, uma vez mais...” (DIAS, 2010, p. 290, grifo da autora)

muitas das vezes, proporcionam entretenimento, lazer e descanso. Dias (2010, p. 113) contempla ainda que:

[...] a paisagem é mais do que um simples ponto de vista ótico. Ela é ponto de vista e ponto de contato, pois nos aproxima distintamente do espaço, porque cria um elo singular, nos entrelaçando aos lugares que nos interpelam. Certamente, a paisagem deriva de um enquadramento do olhar, alia o lado objetivo e concreto de mundo à subjetividade do observador que a contempla. A paisagem é uma experiência sensível do espaço.

Diante do exposto, ao apropriar-se das paisagens, os turistas cidadãos avançam da simples apropriação dos *fixos* para o integrar dos *fluxos* de ideias e expressões culturais, manifestadas na localidade. A prática do turismo cidadão aprofunda laços com a cultura local, estabelece o sentimento de identidade e pertencimento, por conseguinte, conscientiza da importância e do respeito que se deve ter com a cultura que se encontra em constante construção social. Segundo Gastal e Moesch (2007, p. 66), “[...] a experiência do turista cidadão, carregada de subjetividade, se expressa, porém, objetivamente nas vivências ocorridas durante o tempo de lazer, no consumo de práticas de entretenimento, cultura e meio ambiente”, sofrendo influência de outras pessoas e do meio em que está inserido.

A percepção dos cidadãos permite uma nova (re)significação das paisagens nas cidades e apresenta novas experiências de apropriação, conhecimento da história e cultura locais, despertando o interesse em preservar. As práticas de lazer e turismo devem ter harmonia com o espaço urbano e é necessário que estejam aliadas à cidadania, para que as pessoas tenham uma postura de minimizar os impactos nas paisagens locais, bem como de respeitar o princípio de que se trata de um bem comum. Por conseguinte, o conhecimento, o entendimento e o desfrute das paisagens presentes no dia a dia, para que se convertam em lugares de paragem, são um desafio.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: OS PARQUES URBANOS - FARROUPILHA E BOSQUE DOS BURITIS - COMO LUGAR DE ENCONTRO

Este trabalho tem como lócus de pesquisa o estudo dos dois parques – Parque Farroupilha (Porto Alegre) e o Bosque dos Buritis (Goiânia), para tanto, a pesquisa será de cunho qualitativo e buscará investigar as formas de apropriação estabelecidas nos parques urbanos, por meio das práticas de lazer e turismo cidadão.

A escolha dos dois parques teve como fundamento a relação que esses espaços estabelecem com os cidadãos, na vivência individual ou coletiva, mediante as práticas de lazer e turismo cidadão. A preferência por esses parques, localizados em região central, teve como pressuposto duas cidades que não possuem a praia como atrativo. Por se tratar de dois parques distintos não vamos estudar as semelhanças entre eles ou até mesmo compará-los. O que nos interessa aqui é compreender as formas de apropriação estabelecidas em cada um deles, levando em consideração suas opções de lazer e turismo cidadão, influenciadas pelas atividades oferecidas e infraestruturas construídas.

Como eixo central desta investigação a dissertação apresenta três questões de pesquisa: 1) Emerge da vivência nos parques urbanos uma (re)apropriação/(re)aproximação da natureza? 2) Os parques urbanos propiciam práticas sócio-espaciais que transformam a relação dos habitantes com a cidade? 3) De que forma as práticas de lazer e turismo cidadão contribuem, por meio da vivência nos parques urbanos, para uma (re)apropriação/(re)aproximação dos habitantes com a sua cidade?. Essas questões da pesquisa serão respondidas por meio da análise dos dois parques brasileiros – Farroupilha (Porto Alegre) e Bosque dos Buritis (Goiânia).

Para responder às questões de pesquisa deste trabalho, tem-se como objetivo geral: investigar as formas de apropriação estabelecidas nos parques urbanos - Farroupilha e Bosque dos Buritis – pelas práticas de lazer e turismo cidadão. A concretização desse objetivo geral pretendeu dar conta da dimensão intrinsecamente dinâmica das realidades objetiva e subjetiva, recorrendo às discussões teórico-conceituais basilares - jardins, parques urbanos, natureza na

cidade, lazer, paisagem e o turismo cidadão -, realizado pela pesquisa bibliográfica em torno do tema. Assim sendo, a pesquisa utiliza-se dos seguintes objetivos específicos:

- Analisar a contextualização dos parques urbanos – Farroupilha e Bosque dos Buritis – por meio de suas características, atividades e o uso cotidiano dos seus frequentadores;
- Analisar como os parques urbanos – Farroupilha e Bosque dos Buritis – transformam-se em lugares de natureza para aqueles que os frequentam, inscrevendo/intensificando na cidade a presença da natureza;
- Investigar de que maneira as práticas de lazer nos parques urbanos – Farroupilha e Bosque dos Buritis – podem contribuir para a vida social dos cidadãos; e,
- Investigar como a população pode (res)significar sua experiência na cidade, mediante as práticas do turismo cidadão nos parques – Farroupilha e Bosque dos Buritis.

No que diz respeito à pesquisa qualitativa, Triviños (2011) compreende que envolve as atividades de investigação com observação dos fenômenos sociais, com o objetivo de atingir a descrição, caracterização e interpretação da realidade recorrendo a uma interpretação do que existe, efetivamente, sob o ângulo qualitativo. Nesta perspectiva, permite ao pesquisador um estudo intensivo e com participação no universo onde ocorre o fenômeno. Consequentemente, pode ser usada para identificar inconsistências entre o que a teoria prevê e o que pode ser interpretado da realidade, permitindo uma abordagem teórico-prática.

O enfoque central não está na realidade quantificada e sim na busca de significados, motivações, representações e interpretações por meio da descrição. Ela busca captar não somente a aparência, e, sim, as descrições mais profundas e detalhadas do objeto de estudo e seu contexto, haja vista que, “os significados, a interpretação, surgem da percepção do fenômeno visto num contexto” (TRIVIÑOS, 2011, p. 129).

Para compreender o uso e a apropriação pelos usuários dos parques Farroupilha e Bosque dos Buritis, por meio das práticas de lazer e turismo cidadão, optou-se então por uma análise descritiva e pelo emprego de técnicas e métodos

capazes de captar a percepção dos entrevistados em relação ao espaço, investigando suas escolhas e anseios pelas atividades buscadas.

A pesquisa de campo nos parques estudados foi realizada em dois dias úteis e no final de semana. A pesquisa no Parque Farroupilha se desenvolveu de quinta a segunda-feira, nos dias 19/07, 20/07, 21/07, 22/07 e 23/07¹⁰² de 2012. No Bosque dos Buritis realizou-se a pesquisa nos dias 5/07, 6/07, 28/07 e 29/07 de julho de 2012¹⁰³. Como a pesquisa de campo é de natureza descritiva, utilizaram-se os seguintes procedimentos e instrumentos para a coleta de dados: entrevista semiestruturada; observação sistemática ou estruturada; fotografias e anotações de campo.

Dessa forma, a construção das perguntas foi baseada nos objetivos da pesquisa. As entrevistas no Parque Farroupilha e Bosque dos Buritis foram elaboradas com 19 perguntas¹⁰⁴. A pesquisa não se utilizará dos nomes dos entrevistados e, sim, das seguintes nomenclaturas: no Parque Farroupilha - Nº PF - e no Bosque dos Buritis - Nº BB - (“N” corresponde à ordem do entrevistado). A aplicação de cada questionário durou entre 10 e 20 minutos, mas dependendo da disposição do respondente, como, por exemplo, quando relacionava ou vivenciou muitos momentos no parque, a conversa se estendia.

Para a seleção dos sujeitos das entrevistas, a pesquisadora percorreu o parque e em cada espaço procurou entrevistar um frequentador, sempre observando a disponibilidade dos sujeitos. O encerramento das amostras de entrevistados ocorreu a partir do momento em que a pesquisadora verificou a consistência das falas para a análise, e/ou quando não foram mencionados novos dados/elementos.

A entrevista é o procedimento que melhor se encaixa para ajudar a colher materiais para estudar a realidade social, tendo-se em vista que ajuda a “[...] compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.” (MAZZOTTI, 2001, p. 168). As perguntas da entrevista foram baseadas na ideia de que “[...] são resultados não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação

¹⁰² Realizou-se uma entrevista no dia 23/07, pelo fato de a pesquisadora ter perdido a gravação realizada no dia 22/07. Assim, entrou-se em contato com o entrevistado e ele prontamente se disponibilizou para uma nova entrevista.

¹⁰³ As semanas das entrevistas no Bosque dos Buritis foram alternadas, pelo fato de acharmos pertinente verificarmos as informações no Parque Farroupilha (Porto Alegre) para ajudar a subsidiar a análise no Bosque dos Buritis (Goiânia).

¹⁰⁴ Entrevistas dos parques urbanos – Farroupilha e Bosque dos Buritis – no Apêndice A e B.

que já recolheu sobre o fenômeno social que interessa [...]” (TRIVIÑOS, 2011, p. 146). O autor acrescenta que a entrevista semiestruturada é:

[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 2011, p. 146).

No Parque Farroupilha realizaram-se 18 entrevistas semiestruturadas, mais uma entrevista com um voluntário¹⁰⁵ que se disponibilizou a andar pelo parque com a entrevistadora para ir mostrando sua infraestrutura e seus espaços e, concomitantemente, ir explanando sobre suas vivências no Farroupilha. Ao longo da pesquisa de campo, a pesquisadora achou pertinente entrevistar informalmente mais duas pessoas relacionadas às atividades que estavam acontecendo no parque no domingo, com intuito de obter informações relevantes do cotidiano. Dessa forma, entrevistou-se o representante do Teatro de Bonecos e um integrante de uma peça de teatro sobre a Copa do Mundo¹⁰⁶.

Acreditando que as entrevistas não conseguiriam abranger os objetivos da pesquisa, somou-se a elas a observação sistemática ou estruturada. Destarte, essa observação se deu por meio da análise das apropriações feitas pelos usuários, juntamente com as atividades e infraestruturas oferecidas pelos parques. Para o registro dessas informações, utilizou-se de anotações em diário de campo e registro do cotidiano, com o auxílio de fotografias, capazes de ilustrar e possibilitar possíveis análises do fenômeno que não foram observadas, como por exemplo, apreensão de detalhes dos locais/espacos e atividades desenvolvidas que não foram apreendidos de imediato.

Segundo Triviños, (2011, p. 152) a presença consciente e atuante do pesquisador “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de situações de dimensões maiores.”. A autora Mazzotti (2001, p. 164) reitera que a observação permite obter mais informações sobre a caracterização e o cotidiano do objeto de estudo, pois,

¹⁰⁵ Esse entrevistado foi denominado por 19º PF.

¹⁰⁶ A conversa com o representante do Teatro de Bonecos e o integrante da peça sobre a Copa do Mundo ocorreu de modo livre, norteadas apenas para a descrição da apresentação/caracterização do trabalho e sua frequência no parque Farroupilha.

a) independe do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos; b) permite 'checar', na prática, a sinceridade de certas respostas que, às vezes, são dadas só para 'causar boa impressão'; c) permite identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir; e d) permite o registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial.

A observação estruturante contribuiu para analisar as características, as atividades e a vida cotidiana. Colaborou, ainda, para a observação¹⁰⁷ dos comportamentos e ações do sujeito “[...] capaz de ser útil para evidenciar, na prática, certos comportamentos que nos interessam em alguma perspectiva ou convencer-nos de sua ausência.” (TRIVIÑOS, 2011, p. 138).

Assim sendo, as anotações de campo¹⁰⁸ de natureza descritiva¹⁰⁹ representam o registro das informações do complexo dos parques, com as descrições dos fenômenos sociais e físicos, capaz de compreender e situar melhor o objeto de estudo em seu contexto, dinamismo e relações. Triviños (2011) enfatiza que é necessário ter um máximo de fidelidade na descrição; dessa forma, o autor apresenta algumas recomendações:

Descreva os comportamentos, ações, atitudes etc., tal como eles se oferecem à sua observação. Descreva os sujeitos não em forma abstrata, senão por seus traços concretos. A descrição de um meio físico. A descrição de atividades específicas. A descrição de diálogos. (p. 156-157).

Faz-se mister salientar que:

A descrição é uma etapa árdua, que exige muito esforço, experiência e informações sobre a situação que se estuda e a teoria geral que orienta o trabalho do pesquisador. Os comportamentos, as ações, as atitudes, as palavras etc. envolvem significados, representam valores, pressupostos etc., próprios do sujeito e do ambiente sócio-cultural e econômico ao qual este pertence. (TRIVIÑOS, 2011, p. 155).

¹⁰⁷ Segundo Triviños (2011, p. 153) “‘observar’, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho etc.). Observar um ‘fenômeno social’ significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações, etc.”

¹⁰⁸ Anotações de campo: “[...] todas as observações e reflexões que realizamos sobre expressões verbais e ações dos sujeitos, descrevendo-as, primeiro, e fazendo comentários críticos, em seguida, sobre as mesmas.” (TRIVIÑOS, 2011, p. 154).

¹⁰⁹ Poupart et. al. (2008, p. 130) reitera que “uma pesquisa descritiva colocará a questão dos mecanismos e dos atores (o “como” e o “o que” dos fenômenos); por meio da precisão dos detalhes, ela fornecerá informações contextuais que poderão servir de base para pesquisas explicativas mais desenvolvidas”.

Dessa forma, o investigador deve realizar um exame crítico das informações e resultados encontrados em campo. Estabeleceu-se, então, uma relação entre a teoria e a prática, possibilitando a análise dos fatos sociais e físicos dos parques – Farroupilha e Bosque dos Buritis – em suas dinâmicas. Permitindo assim, (res)significar a experiência na cidade mediante a presença dos parques urbanos com sua natureza, práticas de lazer e o turismo cidadão.

2.1 PARQUE FARROUPILHA

O Parque Farroupilha é o mais antigo parque de Porto Alegre, cujo espaço, inicialmente, não era destinado à função de parque, modificando-se ao longo da história de Porto Alegre. A história do Parque Farroupilha se confunde com a história do povoamento da cidade e o acompanha, remetendo à ideia de que os espaços, as estruturas e seu desfrute constituem-se conforme a apropriação e vivência dos seus frequentadores, juntamente com o desenvolvimento urbano.

O Parque Farroupilha está localizado próximo ao centro da cidade, situado entre os bairros da Cidade Baixa e do Bom Fim, sendo contornado pelas Avenidas João Pessoa, José Bonifácio, Osvaldo Aranha, Setembrina e Eng. Luiz Englert (Figura 48). A entrada para o Parque pode ser realizada por qualquer uma das avenidas, pois ele não é cercado (Figura 49). O eixo principal do parque parte de uma ponta, próxima ao Instituto de Educação, que forma uma curva¹¹⁰ entre a Av. Setembrina e Eng. Luiz Englert, e é composta por um espelho d'água ou piscina artificial. Na parte central tem-se a fonte luminosa, seguida de um extenso gramado; e, por último, o Monumento ao Expedicionário, que compõe a outra extremidade, localizada ao lado da Av. José Bonifácio.

¹¹⁰ Segundo Monteiro (2006), essa era a entrada do parque na Exposição do Centenário Farroupilha, em 1935. A rua em curva foi construída com o intuito de que os veículos reduzissem a velocidade na entrada da Exposição.



FIGURA 49 – Parque Farroupilha: detalhe que ele não é cercado.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 50 – Espinha principal do parque
Fonte: PARQUE...

O autor Luz (2000, p. 88-89) denomina o grande eixo central como “espinha principal do parque”, conhecida como eixo monumental ou Avenida das Nações (Figura 50). Esse eixo principal causa grande perspectiva por meio de sua paisagem onipresente. A esse eixo principal, na parte central do parque, subordinam-se os eixos secundários

(transversais), que despertam nos visitantes expectativas e curiosidades quanto ao cenário que irão encontrar. Cenário acompanhado de várias espécies vegetais agrupadas e extensos gramados levando a diversos atrativos, tais como: os cinco Recantos, Parquinho da Redenção, Estádio Ramiro Souto, Parque Infantil, Lago, Orquidário, Mercado do Bom Fim, Auditório Araújo Viana, espaço interno para caminhada (Figura 51), dentre outros. A administração e os cuidados com o Parque são realizados pela Prefeitura de Porto Alegre e a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), que tem um escritório instalado dentro do parque (Figura 52).



FIGURA 51 – Espaço interno para caminhada.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 52 – Administração do Parque Farroupilha.
Fonte: MELO, 2012.

O Farroupilha começou a constituir-se no início do século XIX, em 1807, quando o governador da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Paulo José da Silva Gama, doou as duas várzeas de Porto Alegre – na entrada do Portão da vila e na margem do Rio Gravataí (área periférica, alagadiça e sem uso determinado) - à população da cidade¹¹¹. Localizada fora dos muros da cidade, essa área de 69 hectares¹¹², foi utilizada como potreiro para o gado, que era conduzido para os matadouros e açougues locais, nessa época era então conhecido como Potreiro da Várzea ou Campos da Várzea do Portão. (PARQUE¹¹³..., 2009; MENEGAT et al., 1998; LUZ, 1999). Ao longo do texto serão apontadas as mudanças na área do Parque Farroupilha, o qual diminuiu seu espaço ao longo dos anos; atualmente, esse parque possui uma área de 37,51 hectares.

¹¹¹ O historiador Monteiro (2006) descreve que essa área na época era localizada em “uma área entre a cidade propriamente dita e os polos de ocupação (arraiais) que ficam longe do centro, onde existem na verdade as chácaras que abastecem a cidade. Então, entre a área urbana propriamente dita e a área rural, fica essa área semi-rural que são as várzeas.”

¹¹² Naquela época, com 69 hectares, a área chegava até a atual Santa Casa de Misericórdia (descrito na figura 46). Atualmente, o Parque possui uma área de 37,51 hectares.

¹¹³ PARQUE Farroupilha 74 anos. Porto Alegre: cidade da educação ambiental. Realização: Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) e Prefeitura de Porto Alegre. Apoio: SESC RS. 2009. (Folheto).

Com relação a esse período, o historiador Franco¹¹⁴ (2006) ressalta que a várzea era espaço de grande importância para a época, a qual era usufruída como “campo de rossio”. As pessoas viviam e dependiam dos animais, assim esses espaços eram utilizados no descanso das vacas de leite, dos cavalos e dos bois de carreta.

Concernente à doação do terreno, havia no documento uma cláusula estabelecendo que a área estava impossibilitada de alienação sem autorização de Sua Alteza Real. Assim sendo, em 1824, a Câmara de Porto Alegre solicitou que a área fosse loteada e vendida; no entanto, sob a apreciação de D. Pedro I, o pedido foi negado. Em 1826, a Secretaria de Estado dos Negócios do Império destinou a área da várzea para os exercícios militares. Nessa perspectiva, durante a Revolução Farroupilha, que se estendeu de 20 de setembro de 1835 a 1 de março de 1845, muitas lutas foram travadas nesse espaço. (MENEGAT et al., 1998, PARQUE..., 2009; FRANCO, 2006).

Em 1870, a Várzea passou a denominar-se Campos do Bom Fim, referência à Capela Nosso Senhor do Bom Fim, construída nas proximidades. Em 1872, foi iniciada a construção da Escola Militar, também conhecida como “Colégio Casarão da Várzea”, que se destinava ao quartel das tropas de infantaria do Rio Grande do Sul, sendo concluída em 1887. No final do século XIX a cidade de Porto Alegre crescia em direção à várzea. (ARAÚJO, 2006; MENEGAT et al., 1998).

Em meados do século XIX, nota-se a utilização do Parque como local de recreação e entretenimento, com destaque da instalação, em 1872, de equipamentos para corrida de cavalos - no espaço fronteiro à Escola Militar -, circo de touradas, em 1880, onde está localizado o antigo prédio da Faculdade de Medicina; e o velódromo da União Velocipédia. Nessa época, essas atividades eram as principais diversões da população. (PARQUE..., 2009; MENEGAT et al., 1998).

Em 1884, a área passou a denominar-se Campos da Redenção, em comemoração à libertação dos escravos em Porto Alegre, primeira cidade do Brasil a abolir a escravatura. A denominação Redenção tornou-se marcante na identidade

¹¹⁴ FRANCO, Sérgio da Costa (historiador). **Parque Farroupilha** – sua história e atualidade. Reportagem realizada em maio de 2006, pela jornalista Marina Goulart. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ossig49V99o>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

e na memória da população porto-alegrense, pelo fato de os escravos¹¹⁵ serem libertos nesse espaço, quatro anos antes da Lei Áurea¹¹⁶; destarte, é o nome mais popularizado e conhecido pela sociedade até hoje. Destaca-se que, “desde essa data, face à extinção do matadouro que ali existia, a área não mais funcionava como potreiro” (MENEGAT et al., 1998, p. 127).

Ao longo da história, na área do parque Farroupilha foram realizadas diversas feiras, destacando-se a Exposição Brasileiro-Alemã, em 1881, e a Exposição Estadual Rio-Grandense, em 1901 (MENEGAT et al., 1998). A Exposição Estadual Rio-Grandense tinha como objetivo mostrar o desenvolvimento econômico do estado. O historiador Monteiro (2006) destaca que, para a execução da feira, em 1901, nota-se o primeiro processo de ajardinamento e iluminação, com a construção de canteiros, pequenos caminhos e uma pequena praça para abrigar os quiosques da exposição. Destaca-se ainda que, até 1914, a área na qual ocorreu a Exposição de 1901, já se encontrava ocupada pelos Instituto de Eletrotécnica, Colégio Júlio de Castilhos, Faculdade de Direito e Medicina e Escola de Engenharia. (PARQUE..., 2009; MENEGAT et al., 1998).

Além das construções universitárias, os quarteirões da área do parque constituídos entre a Av. José Bonifácio e Venâncio Aires foram alienados a questões particulares em 1911, conforme a autorização do Estado desde 1899 (MENEGAT et al., 1998). O historiador Monteiro (2006), descreve que os terrenos ao lado da Escola Militar foram demarcados e vendidos pela Câmara Municipal, em um processo gradual de ocupação, dando abertura a uma nova rua, que hoje é a Avenida José Bonifácio.

No Plano Geral de Melhoramentos para a cidade, em 1914, o arquiteto Moreira Maciel retalhou a área do parque em nove quarteirões, formando espaços internos por praças, separadas por pequenas ruas, porém esse projeto de retalhamento não chegou a ser executado (STIGGER; MELATI; MAZO, 2010). Conforme Menegat et al. (1998) foi desse Plano de Melhoramentos que se executou a implantação da Rua Luiz Englert e o prolongamento da Rua da República. Com a abertura dessas duas ruas, foi implantado, na administração do Intendente Otávio Rocha (1924-1928), o ajardinamento parcial da área, com a construção do Jardim

¹¹⁵ Conforme Menegat et al. (1998, p. 127) o Parque Farroupilha foi espaço de importância para o lazer dos escravos, destacando que “[...] realizavam batuques aos domingos a que compareciam dezenas de pessoas que iam até o local para esse fim.”

¹¹⁶ A Lei Áurea foi sancionada em 13 de maio de 1888 e extinguiu a escravidão no Brasil.

Paulo Gama¹¹⁷, em 1927, compondo a primeira área urbanizada do local. O Mini Zoológico também foi criado em 1927, para acolher animais silvestres providos do comércio e cativeiros ilegais; no entanto, em 2011, o espaço foi desativado¹¹⁸.

Em 1930, foi contratado Alfred H D Agache, urbanista francês, o qual definiu a proposta de projeto mais relevante para o Parque, a partir do qual derivariam os traços posteriores, ocorrendo assim o ajardinamento do Campo da Redenção. O anteprojeto de Agache partia de uma estrutura rígida de eixos, contrapondo o retalhamento proposto por Maciel. A ideia da presença do eixo principal e do eixo transversal foi atribuída no projeto de Agache, destaca-se ainda, a presença do lago (LUZ; OLIVEIRA, 2000; PARQUE..., 2009). Nesse mesmo ano de 1930, foi constituído o Instituto de Educação Flores da Cunha, ao longo da Av. Setembrina, ao lado do parque, na ponta na qual se encontra o espelho d'água (Figura 53) (MENEGAT et al., 1998).

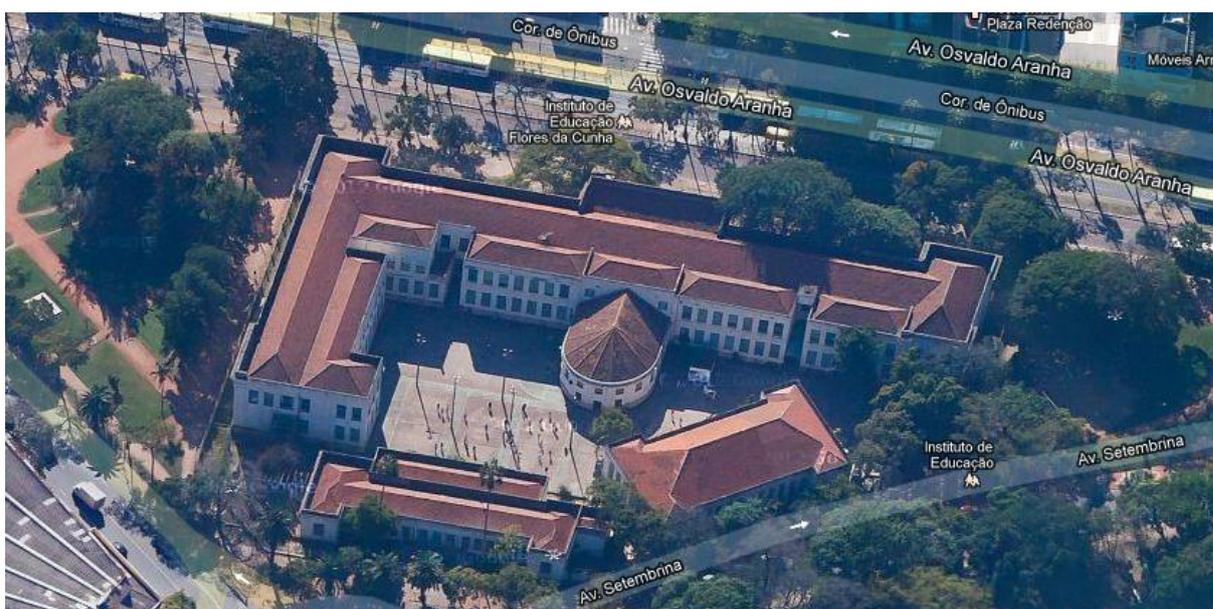


FIGURA 53 – Foto satélite do Instituto de Educação.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.

Em 1935, ano da Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha¹¹⁹, o prefeito Alberto Bins assinou o Decreto 307, que conferiu a atual

¹¹⁷ O Jardim Paulo Gama é constituído pelo Recanto Roseiral.

¹¹⁸ Mini Zoológico – No dia 19/12/2011 os 73 animais foram removidos do Minizoo e levados para o criadouro em Santa Maria. A justificativa do IBAMA para retirada dos animais foi a seguinte: falta vigilância 24 horas, poluição e recintos inadequados para as espécies (ANIMAIS...). Por sua vez, no dia 28/12/2011, começou a demolição do minizoo e materiais retirados serão aproveitados em praças da cidade. Não há uma definição do que será colocado no lugar do minizoo, a princípio, virará um recanto do parque, recoberto com grama (COMEÇA...).

denominação ao Parque - Parque Farroupilha. Por conseguinte, o anteprojeto de Agache foi adotado para a instalação da Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935, compondo o marco da consolidação da área como parque urbano, segundo Parque... (2009).

2.2.1 Parque Farroupilha: características e atividades

O usufruto e a apropriação do Parque Farroupilha como espaço de lazer iniciou-se no final do século XIX, como dito anteriormente. Com a infraestrutura da Exposição de 1935 o Parque Farroupilha começou a qualificar os seus espaços, passando a diversificar as opções de atividades para a prática de lazer da população (Figura 54).

O lago, construído em 1935, é um dos elementos de maior importância na configuração do parque. Possui uma área de 22 mil m², com um metro de profundidade em média, sem pavimentação no fundo, apenas lateralmente. O lago foi construído artificialmente, em terreno com condições geológicas apropriadas e características orgânicas, observando os preceitos dos jardins ingleses – traçados retilíneos e linha curva como linha mestra (LUZ, 2000). Ao lado do parque foram construídos um embarcadouro e um coreto em estilo Art Déco, com estilo de linhas e formas geométricas simples, frisos longitudinais e retilíneos. (Figuras 55 e 56) (PARQUE..., 2009)

¹¹⁹ Concernente à descrição da Exposição, o historiador Monteiro (2006) relata que esse evento pretendia mostrar o desenvolvimento tanto industrial quanto agrícola da Província do Rio Grande do Sul. Dessa forma, construíram-se pavilhões representativos dos estados brasileiros, compostos por arquiteturas específicas e bastante sofisticadas para a época, como por exemplo: São Paulo com características modernistas; Pará com representações artísticas Marajoaras e a do Rio Grande do Sul com predominância industrial.

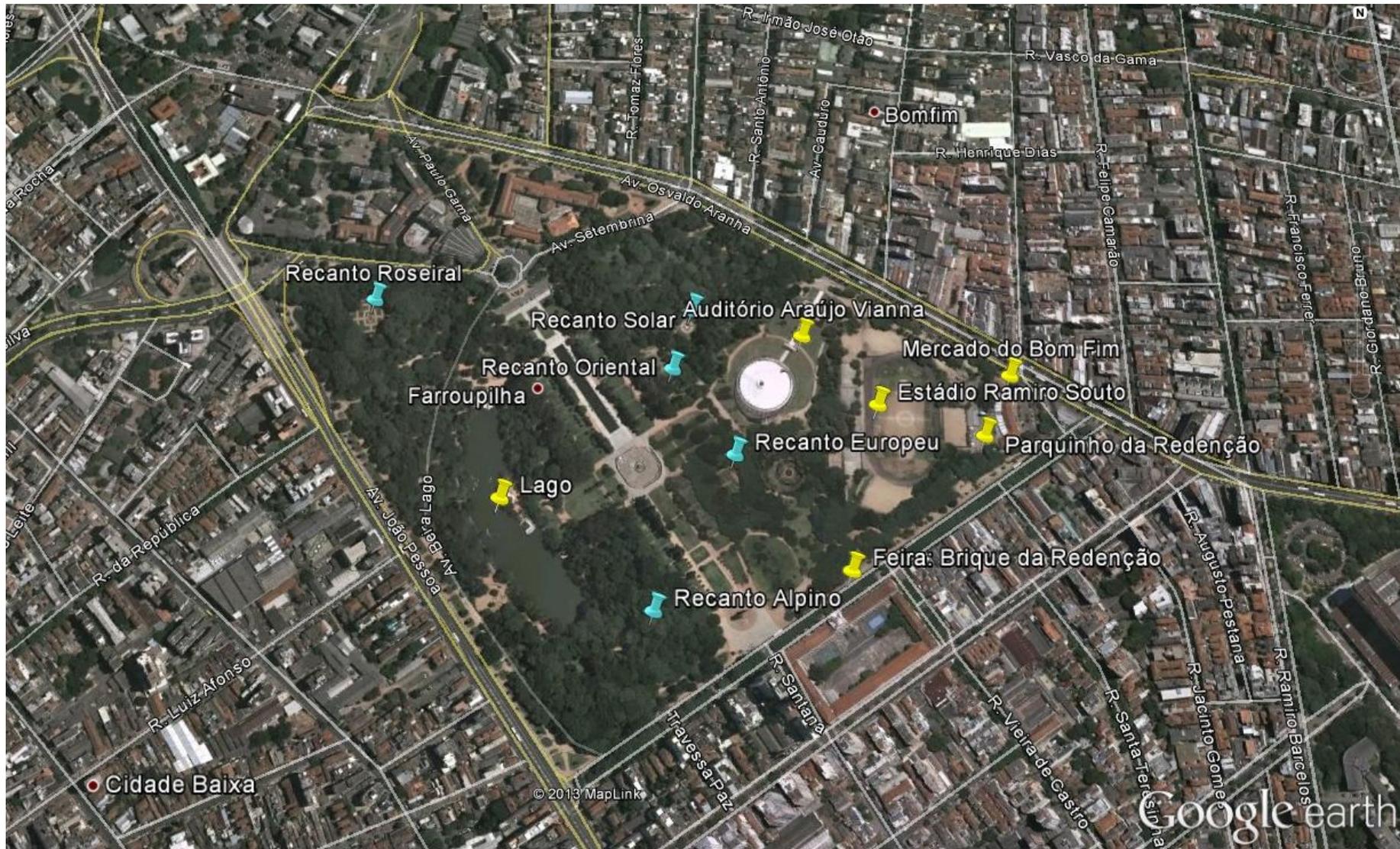


FIGURA 54 – Opções de infraestrutura e atividades para a prática de lazer no Parque Farroupilha.
 Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.



FIGURA 55 – Lago
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 56 – Coreto ao lado do lago em
estilo Art déco.
Fonte: MELO, 2012.

Destaca-se, também, a construção, no encontro dos dois grandes eixos, da Fonte Luminosa¹²⁰, para a Exposição de 1935 (Figura 57). Após 1935, foi construído o Espelho d'Água ou Piscina Artificial, inicialmente utilizado como piscina pública - pela sociedade e pelos militares -, sendo que, na década de 1970, sua profundidade foi reduzida, decorrente da morte de uma criança na piscina (Figura 58).



FIGURA 57 – Fonte Luminosa.
Fonte: MELO, 2012.

¹²⁰ A fonte luminosa foi restaurada em 2009. (PARQUE...).



FIGURA 58 – Espelho d'Água ou Piscina Artificial.
Fonte: MELO, 2012.

Em 1939, os pavilhões da Exposição foram demolidos e o Estádio Ramiro Souto (Figura 59) foi implantado como suporte para a Escola de Cadetes. Atualmente, o Estádio possui: “pista atlética, setores de arremesso e saltos, campos de futebol, quadra de voleibol, quadras poliesportivas, recantos para jogos de bocha, xadrez, dama e dominó e salas para atividades como ginástica de alongamento, dança e brinquedoteca.” (PARQUE..., 2009).



FIGURA 59 – Estádio Ramiro Souto.
Fonte: MELO, 2012.

O Mercado do Bom Fim foi construído em 1938; no entanto, foi demolido em 1996 (PARQUE..., 2009). Reconstruído ainda em 1996, hoje possui lojas e área de

alimentação, pet shop, artesanato, bar, restaurante, lanchonete, artigos de conveniência (Figuras 60 e 61) e o serviço de atendimento ao turista. Cabe destacar ainda que, próximo ao Mercado do Bom Fim, na Avenida Osvaldo Aranha, há um Posto de Brigada Militar ao lado do Parque da Redenção.



FIGURA 60 – Mercado do Bom Fim: lojas e cafeteria.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 61 – Mercado do Bom Fim: lanchonete.
Fonte: MELO, 2012.

Nos anos de 1940, o Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura de Porto Alegre iniciou a construção dos Recantos espalhados pelo Parque Farroupilha, os quais não estavam previstos no projeto original, conforme Menegat et al. (1998). Foram criados cinco Recantos temáticos: Alpino, Japonês ou Oriental, Europeu, Solar e Roseiral.

O primeiro Recanto criado foi o Alpino, construído em 1941, localizado em uma das áreas mais altas do parque. Ele é caracterizado pela presença de uma cabana feita em pedra roliça e, ao seu redor, a presença de árvores e um pequeno córrego. Na visita de campo, realizada em julho de 2012, notou-se a presença de grades na janela e um portão (Figuras 62 e 63). O 19º PF entrevistado afirmou que: “Antigamente não tinha as grades e o portão.” A pouca quantidade de pessoas que frequentam os recantos pode estar relacionada à questão da visibilidade, pois os lugares escondidos pela vegetação e/ou de difícil acesso podem ser considerados pelas pessoas como falta de segurança, o que desestimula o uso desses espaços, como lembra Serpa (2007).



FIGURA 62 – Recanto Alpino: detalhe das árvores, pórtico e cabana.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 63 – Cabana em pedra roliça: detalhe das grades.
Fonte: MELO, 2012.

O Recanto Japonês ou Oriental foi o segundo jardim a ser construído, também em 1941, segundo Menegat et al. (1998). Ele é composto por um lago com a forma de um dragão e uma pequena ponte (Figuras 64 e 65). O espaço do Templo do Buda compõe-se de um pórtico de entrada (Figura 67), posteriormente, a presença de duas estátuas de leões, com pinturas que remetem ao ouro e, na frente de cada um, há a presença de bancos com esculturas em formato de dragão (Figura 66).



FIGURA 64 – Foto satélite do Recanto Japonês ou Oriental, mostrando o detalhe do Lago com a forma de um dragão.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.



FIGURA 65 – Lago com a forma de um dragão no Recanto Japonês ou Oriental.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURAS 66 e 67 – Estátua do leão e o banco com esculturas em formato de dragão. Pórtico de entrada do Templo do Buda.
Fonte: MELO, 2012.

Segundo Tuan (2012, p. 204), até a segunda metade do século XIX o jardim chinês era um espaço composto por elementos altamente semióticos, os quais sofreram deteriorização ao longo dos anos, assim sendo “os desenhos de animais, dragão (*lung*), ave do paraíso (*feng Huang*), cervo, garça e morcego tinham todos



FIGURA 70 – Vulcão Fujiyama.
Fonte: MELO, 2012.

um significado. Pedras e água simbolizam o antigo conceito de dualidade na natureza, em um equilíbrio harmonioso.” Logo adiante, há a presença do templo do Buda, o qual representa questões culturais bastante enraizadas (Figuras 68 e 69). Tuan (2012, p. 204) diz que os chineses acreditam que “o budismo contribuiu para aumentar o interesse pela natureza e pelo paisagismo, enriquecendo seus conteúdos simbólicos.”. No jardim encontra-se, ainda, uma miniatura do vulcão Fujiyama, que é considerado sagrado para os japoneses (Figura 70).

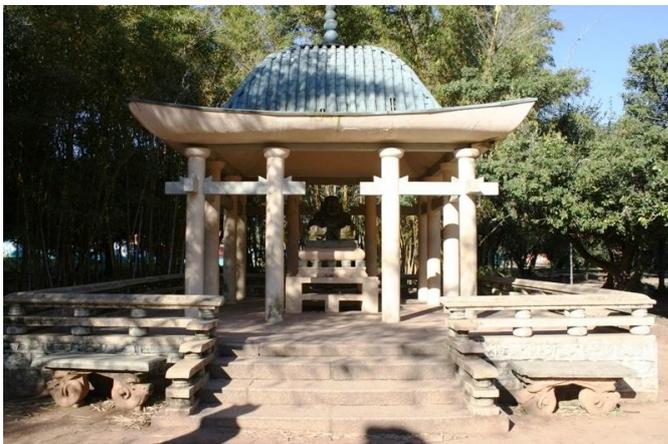


FIGURA 68 – Templo do Buda.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 69– Buda.
Fonte: MELO, 2012.

Em seguida, ainda em 1941, foi construído o terceiro recanto - o Europeu. Ele é caracterizado pelo rigor geométrico típico dos jardins franceses, segundo Menegat et al. (1998). Como apresentado no decorrer da dissertação, os parques europeus foram modelos para os demais no mundo. Assim sendo, o Parque Farroupilha estabeleceu um recanto para simular características da paisagem dos parques e jardins europeus.

O Recanto Europeu possui um admirável chafariz de ferro (Figura 71), doado pelo governo da França no século XIX, disposto no centro de uma área circundada por pequena ponte e palmeiras, proporcionando um lugar agradável que remete à presença da natureza dentro da cidade. Apresenta-se, ainda, referência à pérgula romana (Figura 72), com colunas jônicas, pórtico triangular, trepadeiras, grandes vasos espalhados pelo jardim e muitas árvores, proporcionando sombra e uma boa acústica contra o barulho da rua, características que também remetem aos luxuosos e exuberantes jardins europeus.



FIGURA 71 – Chafariz de ferro.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 72 – Pérgula Romana.
Fonte: MELO, 2012.

Construído em 1941, o Recanto Solar é caracterizado pela rosa dos ventos apontando para os pontos cardeais (leste, oeste, norte e sul) e orientando a localização geográfica no Parque (Figura 73). O espaço possui os pontos de localização composto por quatro bolas representando os pontos cardeais.



FIGURA 73 – Recanto Solar.
Fonte: MELO, 2012.

Por último, o Recanto Roseiral, que está limitado pela Avenida João Pessoa e com a Avenida Eng. Luiz Englert. Ele é composto por dois espaços: o primeiro possui uma fonte d'água representada pela estátua do Menino da Cornucópia, rodeado por jardins e alguns bancos (Figuras 74 e 75). O segundo espaço é composto pela estátua do Gaúcho Oriental, doada pelo Uruguai em homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha (Figura 76) e um pequeno lago (Figura 77) (MENEGAT et al., 1998; PARQUE..., 2009). O segundo espaço é a única parte de todos os recantos próxima a um viaduto delineado pela Av. João Pessoa; dessa forma fica nas proximidades de construções urbanas, poluição sonora e do ar, podendo esse ser um forte motivo de ser pouco frequentado.



FIGURA 74 – Menino da Cornucópia.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 75 – Visão ampla do Recanto Roseiral.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 76 – Estátua do Gaúcho Oriental.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 77 – Lago próximo a estátua.
Fonte: MELO, 2012.

Segundo o 19º PF, os Recantos são espaços que possuem pouca presença de pessoas “*porque ficam com medo de se afastarem do centro do parque*”. O entrevistado explana um pouco sobre os frequentadores de cada recanto. “*O Recanto dos Alpes é o mais abandonado e largado, pela própria proposta dele de ser fechado com uma cabana. Assim, acaba que vêm muito mendigo e pessoal que usa drogas, assim é o menos frequentado.*” (19º PF).

Com relação ao Recanto Oriental o 19º PF diz que: “*durante a semana ficam pessoas fazendo artes marciais*”. Concernente ao Recanto Oriental o 18º PF apresenta que “*o Recanto que tem o Buda é o mais usado, por causa da simbologia, assim as pessoas fazem orações.*” Pelas observações em campo pode-se perceber que o Recanto Oriental é o mais frequentado, acredita-se que sua localização mais próxima ao “eixo principal” seja o motivo.

O Recanto Europeu é frequentado “*pelo pessoal do maracatu, os que tocam tambor.*” (19º PF). O Recanto Solar é frequentado “*pelo pessoal de escola que vem estudar geografia.*” (19º PF). Por último, o Recanto Roseiral é “*pouco frequentado por estar próximo a um viaduto e ser um pouco isolado*” (19º PF).

O Monumento ao Expedicionário (Figura 78) originou-se de um concurso de projetos, em 1946, para a construção de um monumento em homenagem aos heróis e mártires da guerra contra o Nazifascismo da Segunda Guerra Mundial (Figuras 79 e 80). O vencedor foi o escultor Antonio Caringi. (MENEGAT et al., 1998). Conforme o 19º PF o escultor Caringi “*fez o Monumento ao Expedicionário em homenagem ao Arco do Triunfo, porém o artista fez o arco com dois lados, justamente para marcar a igualdade entre os soldados e os generais.*”.



FIGURA 78 – Monumento ao Expedicionário.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURAS 79 e 80 – Detalhes das colunas laterais do Monumento ao Expedicionário.
Fonte: MELO, 2012.

Em frente ao Monumento ao Expedicionário, destaca-se a presença de três bustos, em homenagem a brasileiros que fizeram parte da história do nosso país: Joaquim Marques Lisboa, o almirante Tamandaré, militar da Marinha do Brasil; Deodoro da Fonseca: representante do exército militar e político brasileiro (primeiro presidente do Brasil); e, por último, a presença de Santos Dumont, Pai da Aviação e Patrono da Força Aérea Brasileira – representante da aeronáutica (Figuras 81, 82 e 83).



FIGURAS 81 – Joaquim Marques Lisboa.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURAS 82 – Deodoro da Fonseca.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 83 – Santos Dumont.
Fonte: MELO, 2012.

O Orquidário Municipal Gastão de Almeida Santos foi criado em 1953 e está localizado próximo ao lago do Parque Farroupilha. Possui mais de mil orquídeas de 25 gêneros diferentes (PARQUE..., 2009).

Em 1960, o Governo do Estado e a Prefeitura conceberam a criação do Auditório Araújo Vianna no Parque Farroupilha, em substituição àquele que se encontrava no atual prédio da Assembleia Legislativa. O Auditório foi inaugurado em 1964, com o intuito de oferecer um espaço para atividades artísticas e políticas ao ar livre. Em 1996, o espaço recebeu uma lona de cobertura e fechou a plateia, sendo que, em 2005, com o risco de desabamento da lona, o Auditório foi interditado pela Prefeitura de Porto Alegre.

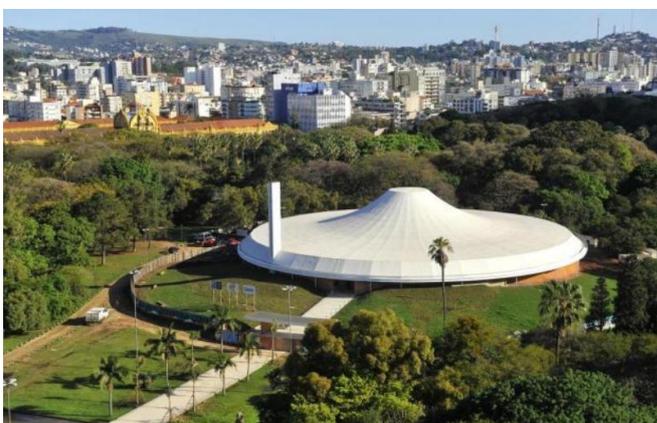


FIGURA 84 – Auditório Araújo Vianna – depois da reforma de 2012.
Fonte: FREITAS, 2012.

Em 2007, a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) publicou que os custos para a revitalização do espaço com a reforma do teto, isolamento acústico, ampliação do palco, câmeras de segurança, dentre outros, ficariam muito altos, assim fez uma parceria-público-privada com a produtora Opus Promoções, a qual investiu R\$ 18 milhões no local (Figura 84). Na parceria foi

acordado que a SMC tem o direito de realizar no período de 91 dias/ano apresentações culturais. Dessa forma, em setembro de 2012 o Auditório foi reinaugurado. (LUZ; OLIVEIRA, 2000; MENEGAT et al., 1998; AUDITÓRIO¹²¹...; OI APRESENTA¹²²...).

Ao lado do Parque Farroupilha, na Avenida José Bonifácio, acontece a Feira Agro-Ecológica aos sábados pela manhã. Ela é composta por 107 bancas de produtos sem agrotóxicos ou aditivos químicos. São comercializadas frutas, verduras, cereais, pães, bolos, geleias, compotas, mel, dentre outros. Além das barracas com comercialização de produtos alimentícios, encontram-se algumas de

¹²¹ AUDITÓRIO Araújo Vianna. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Audit%C3%B3rio_Ara%C3%BAjo_Vianna>. Acesso em: 15 abr. 2013.

¹²² OI APRESENTA Araújo Vianna. Disponível em: <<http://www.oiapresentaaraujovianna.com.br/Apresentacao.php>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

artesanato, consideradas uma prévia do Brique da Redenção que acontece no domingo.

O Brique da Redenção está localizado na Avenida José Bonifácio, ao lado do Parque Farroupilha, e funciona aos domingos das 9h às 18 h. O Brique da Redenção foi criado em 1978, inicialmente denominado “Feira de Pulgas”, composta por 24 expositores de objetos antigos. Em 1982, houve a adesão de mais 40 expositores, compostos por artesãos e artistas plásticos. Criou-se o regulamento da Feira de Artesanato do Bom Fim, em 1984. Em 1990, promulgou-se uma Lei municipal que determina fechar a Av. José Bonifácio para o trânsito de carros aos domingos. Em 2000, foi criada a Associação dos Artesãos do Brique e o site da feira. Em 2005, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul aprovou a lei 12.344 tornando o Brique da Redenção, em Porto Alegre, integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul. Em 2011, inaugurou-se a revitalização do Brique, com novas barracas, novas cores, novo pórtico, camiseta dos expositores, sacolas e site remodelado (Figuras 85 e 86¹²³). (INSTITUCIONAL...; LEI, 2005).



FIGURA 85 – Pórtico de entrada do Brique.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 86 – Logotipo do site do Brique.
Fonte: BRIQUE...

¹²³ Brique da Redenção. Disponível em: <<http://briquedaredencao.com.br/brique/>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

Atualmente, o espaço abriga um total de 275 expositores dispostos em quatro segmentos de produtos: 164 bancas de artesanato (Figura 87), 65 de antiquário (Figura 88), 39 de artes plásticas (Figura 89) e sete espaços de alimentação. Representam a arte e a cultura do Rio Grande do Sul, mas também mostram produtos de outros estados (BRIQUE...). Concomitantemente à feira, acontecem na Avenida Bonifácio apresentações na rua, com manifestações culturais, artísticas e políticas – teatro de caixa, músicos, apresentações circenses e teatrais, espetáculo de teatro de bonecos em miniatura¹²⁴, dentre outros. (Figuras 90, 91 e 92).



FIGURA 87 – Bancas de artesanato.
Fonte: MELO, 2012.

¹²⁴ A pesquisadora conversou com o responsável pelo Espetáculo de Teatro de Bonecos em Miniatura, com intuito de descrever um pouco mais das apresentações culturais presentes no Brique da Redenção, conseqüentemente ao redor do Parque Farroupilha. O Espetáculo de Bonecos em Miniatura apresenta-se sempre no mesmo local, na Avenida José Bonifácio, aos domingos, dia do Brique da Redenção, há 16 anos das 10h às 17h30. Segundo o entrevistado, o local é muito interessante para seu trabalho pelo fato de ser um local “onde acontecem varias manifestações culturais, pessoas de diversos lugares do mundo passam por aqui. Então é um lugar de troca, tem a arte, tem o artesanato, muitos artistas se encontram aqui. Então é um ponto de cultura muito forte aqui dentro de Porto Alegre, o Brique da Redenção.” A peça de teatro é feita pelo entrevistado e fica por temporada, em média dois meses cada peça, “daí dá tempo de um falar para o outro, e as pessoas virem assistir” e é feita para toda faixa etária. O entrevistado descreve um pouco do seu trabalho: “o espetáculo é feito dentro de uma caixinha de fósforo e tem uma caixinha maior na frente que é para a pessoa poder enxergar com os dois olhos; tem sistema de iluminação, sistema de cortinas, a música é feita especialmente para o espetáculo, tem direção e a peça dura 2 minutos e é destinado para todo o público. É um teatro bem antigo, a princípio do cinema mudo e tem que ser uma pessoa por vez por ser tão pequenininho. Tudo é feito igual ao teatro convencional, grande... aqui é feito nessa caixinha, toda produção teatral, então isso que é inusitado; as pessoas na rua se deparam com uma caixinha que tem um espetáculo que dura 2 minutos, então a pessoa quando começa a escutar a musica ela entra na historia e se esquece aqui da rua, entra na historinha. É legal que não tem fala, varias pessoas pensam que tem dialogo ali nos fones, então é mudo... Eu tenho que manipular os bonecos que é um pouquinho mais complicadinho, tenho que passar toda informação através da manipulação, então também por ser mudo vira assim uma linguagem que qualquer pessoa pode assistir, né... Pessoas com deficiência auditiva, pessoas de outros países podem sentar e assistir, então amplia a capacidade de número de público.”



FIGURA 88 – Antiquário.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 89 – Artesanato e artes plásticas.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURAS 90, 91 e 92 – Ao longo da Av. José Bonifácio: Teatro de Caixa, Apresentações Musicais e Espectáculo de Teatro de Bonecos em Miniaturas.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 93 – Entrada do Parquinho da Redenção.
Fonte: MELO, 2012.

O Parquinho da Redenção foi inaugurado em 2000 e está localizado no Parque Farroupilha, no início da Av. José Bonifácio (HISTÓRICO¹²⁵) (Figura 93). O Parquinho abre todos os sábados, domingos e feriados das 10h às 19h. Durante a semana, o horário do parquinho difere, conforme os meses do ano, como se pode visualizar: março a dezembro: terça a sexta das 14h às 18h;

¹²⁵ HISTÓRICO. Disponível em: <<http://www.parquinhodaredencao.com.br/site/conteudo/parquinho.asp>>. Aceso em: 16 de abr. de 2013.

férias de inverno – julho: segunda a sexta das 14h às 18h; e nas férias de verão – janeiro e fevereiro - segunda a sexta das 14h às 19h, Os horários flexíveis permitem maior acesso de pais e filhos para se divertirem em seu tempo de lazer.

Para usufruir dos brinquedos do Parquinho da Redenção todas as pessoas pagam. O parque é constituído de: roda gigante, carrossel, carrinho bate-bate, pescaria, trenzinho, mini montanha russa, calhambeque, dentre outros (Figuras 94, 95, 96 e 97).



FIGURA 94 – Trenzinho (esquerda) e mini montanha russa (ao fundo).
Fonte: MELO, 2012.



FIGURAS 95 e 96 – Roda Gigante e Carrinho Bate-Bate.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 97 – Calhambeque.
Fonte: MELO, 2012.

No ano de 1997, com 37 hectares, o Parque Farroupilha foi tombado como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade, atendendo às reivindicações da população porto-alegrense, consciente da necessidade de preservar a área verde mais importante da cidade (Figura 98). Além dos eixos, o lago foi o único elemento original que permaneceu idêntico até hoje.



FIGURA 98 – Área verde do Parque Farroupilha e detalhes de áreas alagadiças ao longo do parque.
Fonte: MELO, 2012.

A área inicial do Parque era considerada fora da cidade. Ao longo dos anos, com o crescimento da cidade, a área incorporou-se à *urbe*, tornando-se um espaço

com fragmentos de natureza de grande importância, haja vista que ele está localizado em uma região central de Porto Alegre, contrapondo-se aos ambientes urbanos. Logo, o Parque Farroupilha também é considerado um espaço de lazer de grande importância para a população porto-alegrense, pois oferece uma gama de atividades que favorecem o encontro e a socialização da comunidade, familiares e amigos, de distintas faixas etárias, sociais, culturais e educacionais.

2.3 BOSQUE DOS BURITIS

Para a consolidação dos projetos na formação urbanística de Goiânia, o governador Pedro Ludovico Teixeira utilizou-se da criatividade e traçado do arquiteto Atílio Corrêa Lima. O arquiteto tinha boas referências e reputação na arquitetura e no urbanismo, ressalta-se, ainda, que ele já tinha uma visão ambientalista, com o propósito de realçar o verde em seus projetos. Para a execução do projeto arquitetônico de Goiânia, Atílio utilizou-se das ideias do inglês Ebenezer Howard, dos projetos de cidade-jardim, como caracterizado no primeiro capítulo. Dessa forma, preocupou-se em destacar a importância da presença da natureza tanto na região central quanto em seu entorno, com o intuito de circundar a cidade com um anel verde.

O referido arquiteto adotou com muita propriedade a opção de manter o máximo possível de paisagens com a presença da natureza, destacando que esses espaços deveriam ser transformados em grandes parques. Conforme dados da Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA), “a proposta do Atílio para as áreas verdes seria de um único e grande parque, desde a cabeceira até a saída da cidade, contornando os setores centrais, fazendo um anel ao redor desses setores residenciais” (PLANO¹²⁶..., 2007, p. 13).

Além da preocupação paisagística e ambiental, o plano de Atílio Corrêa valorizava a criação de espaços livres para atender à população, com intuito de proporcionar lazer e recreação. Seu projeto estabelecia a presença de parques, jardins públicos, *park-ways*, *playgrounds* e campo de esporte, como destaca Martins

¹²⁶ PLANO Diretor de Arborização Urbana de Goiânia (PDAU). Capital verde do Brasil. Agência Municipal do Meio Ambiente – Goiânia. 2007.

Júnior (1996, p. 60). Martins Júnior (1996) descreve em hectares: três parques (Botafogo, Buritis e Paineiras) com 110 ha; os *park-ways* (Botafogo e Capim Puba) possuindo 25 ha; os jardins públicos com 16 ha; os *playgrounds* com 3 ha; os campos de esporte abrangendo 8 ha, totalizando 162 hectares.

O Bosque dos Buritis foi criado no Plano Original de Goiânia, em 1938. O Bosque foi proposto por Atílio com intuito de preservar uma área de vereda, formada por áreas alagadiças e de buritizal, em uma área de 400 mil m² (40 hectares), localizada entre a Rua 3, onde se encontra o Colégio Atheneu Dom Bosco e a Rua 106, acima do Colégio Externato São José, segundo Martins Júnior (1996, p. 50) (Figura 99). Dessa forma, o urbanista citou na descrição do projeto: “O Buritizal, localizado na extremidade da Rua 26, será transformado em pequeno parque”, criou-se assim, o Bosque dos Buritis (PLANO¹²⁷ ..., 2005, p. 8).

A descaracterização do Bosque dos Buritis iniciou-se no final da década de 1930 e se intensificou na década de 40 com cortes e doações de áreas do parque. O Estado doou áreas às escolas particulares - Atheneu Dom Bosco (Figuras 100 e 101) e Externato São José (Figura 102) -, Assembleia Legislativa (Figuras 103 e 104), Fórum e Tribunal de Justiça (Figura 105) e, ainda, permitiu loteamentos totalmente ilegais, o que ocasionou a construção de apartamentos, casas e comércios, entre a Av. Assis Chateaubriand (que cortou o bosque ao meio) e a Rua 106, no Setor Oeste.

¹²⁷ PLANO de Manejo: Bosque dos Buritis. Prefeitura de Goiânia, 2005.

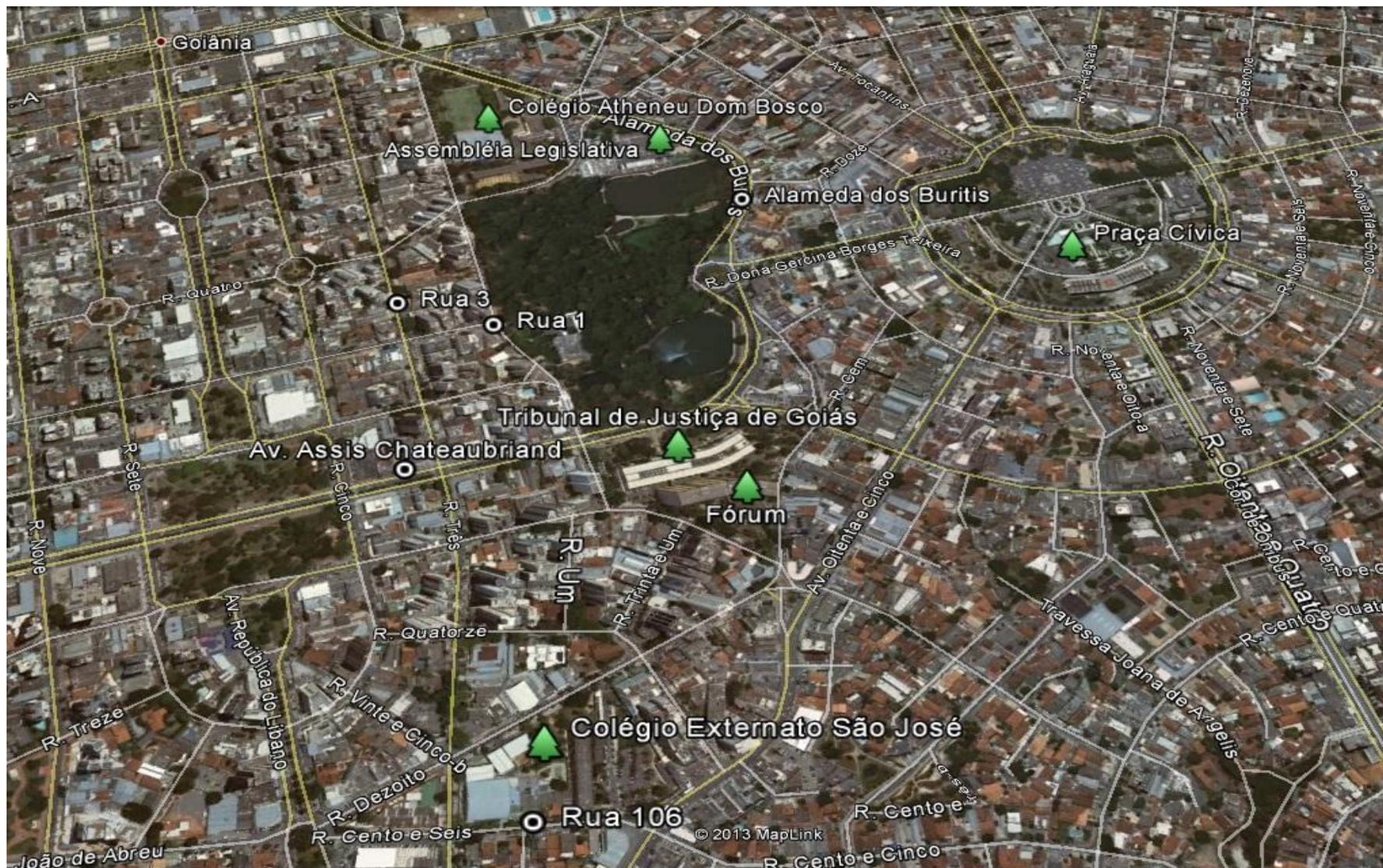


FIGURA 99 – Foto satélite do Bosque dos Buritis especificando a sua localização e os espaços que foram doados: Colégio Atheneu Dom Bosco, Assembleia Legislativa, Colégio Externato São José, e os loteamentos ilegais entre a Av. Assis Chateaubriand e a Rua 106.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.

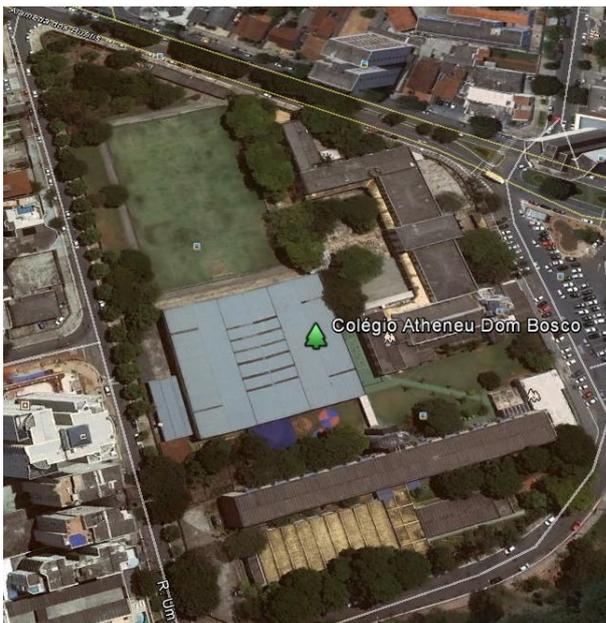


FIGURA 100 – Foto satélite do Colégio Atheneu Dom Bosco, juntamente com a Paróquia São João Bosco: paralelo ao Bosque na Rua Vinte e Nove.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.



FIGURA 101 – Colégio Atheneu Dom Bosco e Paróquia São João Bosco.
Fonte: MELO, 2013.



FIGURA 102 - Foto satélite do Colégio Externato São José.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.



FIGURA 103 – Foto satélite da Assembleia Legislativa: fica ao lado do Lago das Ilhas do Bosque dos Buritis.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.



FIGURA 104 – Assembleia Legislativa, ao lado do Lago das Ilhas.
Fonte: MELO, 2012.

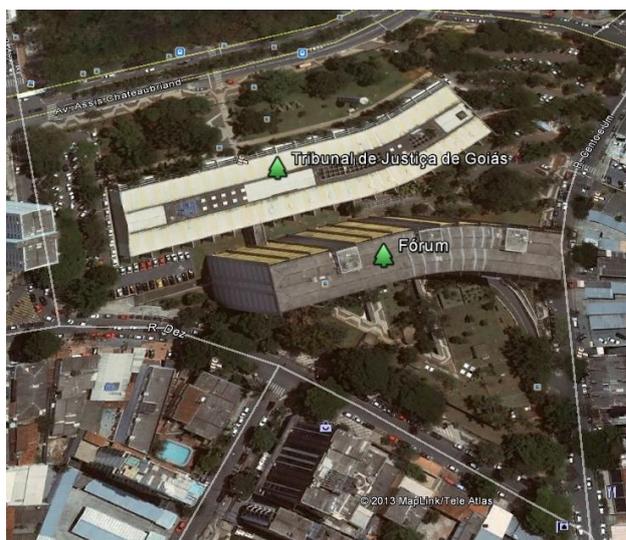


FIGURA 105 – Foto satélite do Tribunal e Fórum de Justiça: ficam na Assis Chateaubriand ao lado do Bosque.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.

Diminuir a área do parque foi um flagrante ato de ilegalidade, pois, conforme previsto no Decreto Lei Nº 90 A, de 30/07/1938, o Bosque dos Buritis foi considerado um espaço livre, inalienável, destinado ao uso de lazer, área de preservação ambiental, conforme a destinação original de Parque Ecológico. (MARTINS JÚNIOR, 1996, p. 50; PLANO..., 2005, p. 8).

Atualmente, o Bosque possui uma área de 124.800 m², incluindo a Assembleia Legislativa, o Museu de Arte de Goiânia (MAG) e o Centro Livre de

Artes (CLA). O Bosque está localizado na Rua 1, Rua 29, Av. Assis Chateaubriand e Alameda dos Buritis no Setor Central e Oeste.

Ao longo dos anos, desde a criação, o Bosque dos Buritis passou por várias depredações e interferências. Assim, hoje, a preservação é de apenas 30% do ambiente natural original e com a elaboração e implantação do Setor Oeste e, posteriormente, Setor Marista a área do parque foi reduzida em 70% (Figura 106) (PLANO... 2005; REQUALIFICAÇÃO..., 2008). Como citado anteriormente, consta no projeto que o tamanho do Bosque dos Buritis não devia ser modificado, no entanto, a partir do aumento populacional, os poderes políticos e econômicos doaram áreas para atender à infraestrutura da cidade.

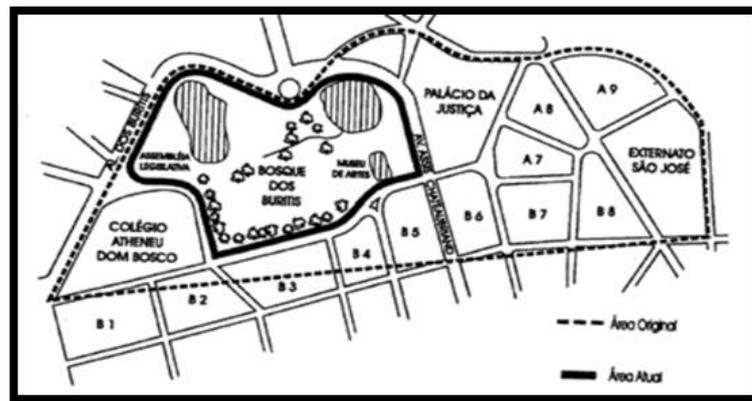


FIGURA 106 – Área original e área atual do Bosque dos Buritis.

Fonte: MARTINS JÚNIOR, 1996, p. 50.

A partir de 1960, ocorreram várias mudanças e construções dentro do Bosque para áreas com outros fins, não adequados ao uso de lazer. No final da década de 1950, o prefeito Índio Artiga permitiu a construção da Assembleia Legislativa, inaugurada em 1962 e ampliada em 1979, com a construção de outro pavilhão, derrubando dezenas de árvores. Em 2003, foi construído ainda outro pavilhão com dois pavimentos. (PLANO..., 2005; REQUALIFICAÇÃO..., 2008).

O espaço onde atualmente funciona o Museu de Arte de Goiânia foi construído para abrigar o Hospital dos Funcionários da Prefeitura, o qual não foi ocupado, sendo usado por vários anos como um departamento da prefeitura, a antiga PAVICAP. Nos anos 1980 foi adaptado para ser um museu. (PLANO..., 2005; REQUALIFICAÇÃO..., 2008).

2.3.1 Bosque dos Buritis: características e atividades

Conforme sobredito, o Bosque dos Buritis foi construído com a intenção de preservar área verde no meio urbano e para proporcionar um espaço para o lazer da população. Destarte, o parque é uma referência para o lazer, assim serão apontadas a infraestrutura e as opções de atividades que compõem o parque atualmente.

O Bosque dos Buritis é um parque constituído por diversos espaços, abrangendo a presença do Museu de Arte de Goiânia que foi criado pela Lei nº 4.188, integrado ao Departamento de Cultura, Turismo e Recreação, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Município. O Museu foi inaugurado no dia 20 de outubro de 1970 e é considerado o primeiro museu público municipal de artes plásticas da região Centro-Oeste que tem como objetivo promover o intercâmbio cultural. O atendimento ao público é de terça a sexta-feira das 9h às 17h e sábados, domingos e feriados das 10h às 17h. (Figura 107).



FIGURA 107 – Entrada do Museu de Arte de Goiânia.
Fonte: MELO, 2012.

O Museu possui 03 salas para exposição, sendo uma delas localizada no SEPAC – Sala de Exposição do Palácio da Cultura – na Praça Universitária, que também possui o Museu de Escultura ao Ar Livre. As duas salas que estão no Museu são: Amaury Menezes e Reinaldo Barbalho (Figura 108). O MAG, durante seus 42 anos de existência realizou exposições, cursos, palestras, recitais, entre outros, expondo obras de diversos artistas, como por exemplo, Amaury Menezes,

Reinaldo Barbalho, Siron Franco, Antonio Poteiro, Nonato Coelho, G. Fogaça e Alexandre Liah (Figuras 109¹²⁸ e 110¹²⁹).

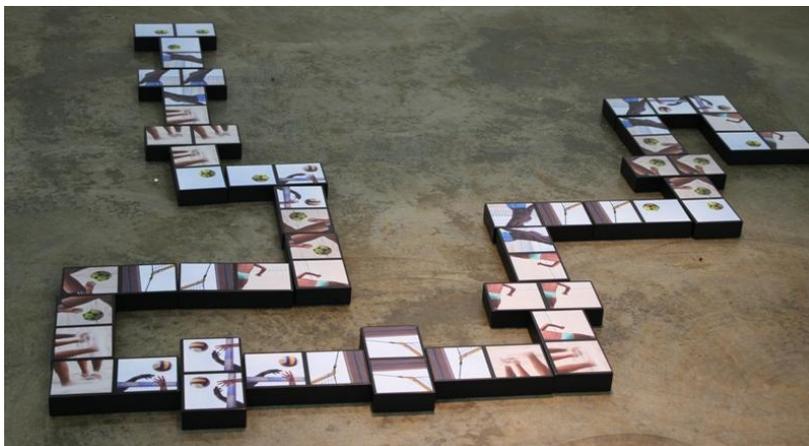


FIGURA 108 – Exposição no Museu de Arte de Goiânia: 03/2012.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 109 – Obra: Antonio Poteiro (1983).
Fonte: ACERVO, 1980.

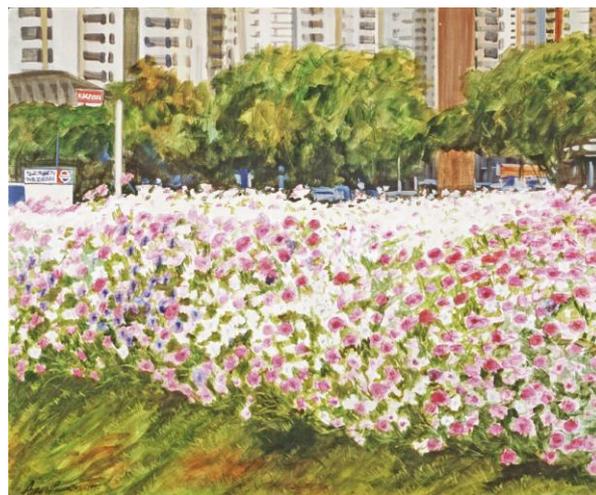


FIGURA 110 – Obra: Amaury Menezes (1992).
Fonte: ACERVO, 1990.

Além dos três ambientes para exposição, o MAG dispõe de uma biblioteca especializada em artes plásticas que é aberta ao público. Quanto à infraestrutura, o Museu oferece, ainda, monitoria no atendimento e orientação ao visitante para atender com mais qualidade. Com intuito de divulgar cultura a uma maior quantidade

¹²⁸ ACERVO online anos 1980. Disponível em:
<<http://acervomag.blogspot.com.br/search/label/anos%201980>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

¹²⁹ ACERVO online anos 1990. Disponível em:
<<http://acervomag.blogspot.com.br/search/label/anos%201990>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

de pessoas da comunidade, o Museu desenvolve ação educativa voltada para as escolas das redes pública e privada. (HISTÓRICO¹³⁰; MAG¹³¹ ...).

O local onde existe hoje o Lago da Fonte foi reservado, no início da década de 1980, pelo Estado para o projeto da Casa da Cultura, conforme o Plano de Manejo (2005). Iniciou-se a construção das fundações da Casa da Cultura, contudo, as entidades ambientalistas e a sociedade realizaram um protesto contra a obra.

Esse dado pode ser comprovado por uma entrevistada no Bosque, em julho de 2012, que disse: *“participei de um movimento, há mais de 30 anos, quando queriam fazer um Centro de Cultura definitivo no bosque, no entanto, reagimos imediatamente contra. O Centro seria no lago principal e chegaram a fazer a fundação que está aqui, dentro do lago. Em apoio ao protesto tivemos o auxílio da comunidade, escritores e paisagistas, assim conseguimos interromper a construção. Se estivesse feito, estaríamos com o bosque comprometido e edificado.”* (18º BB).

Apesar de protestos de entidades ambientais, da comunidade e da Associação Protetora do Bosque dos Buritis (APBB), foi construído, em 1982, em uma área invadida, um estacionamento e o posto de serviço da extinta CAIXEGO¹³², demolido em 1992. Devolveu-se, assim, mais de 25 mil m² ao parque, o que permitiu a plantação de espécies nativas e ornamentais. Ressalta-se, ainda, outro grande fator de depredação do Bosque, a feira existente nas imediações do Colégio Atheneu, na Rua 29, problema que só foi resolvido com o cercamento do Bosque, no final da década de 1980. Atualmente, a feira ocorre às terças e sextas-feiras das 06h às 11h30. (REVITALIZAÇÃO¹³³ ..., 2007; REQUALIFICAÇÃO¹³⁴ ..., 2008; PLANO..., 2005).

Em 1981, foi transferido para o Bosque dos Buritis o Centro Livre de Artes¹³⁵, com o objetivo de promover uma gama de atividades artísticas: música (violão, violino, violoncelo, piano, etc.); artes plásticas (desenho, pintura, caixas

¹³⁰ HISTÓRICO. MAG - Museu de Arte de Goiânia. Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/html/mag/>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

¹³¹ MAG - Museu de Arte de Goiânia. Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/html/cultura/unidades/mag.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

¹³² Caixa Econômica do Estado de Goiás (CAIXEGO).

¹³³ REVITALIZAÇÃO do Bosque dos Buritis. In: Resgate do Berço Ecológico de Goiânia: atuação da SEMMA no período de 1993 a 1996. Editora: Kelps. 2007.

¹³⁴ REQUALIFICAÇÃO do Bosque dos Buritis (projeto). Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA). In: Conselho Regional de Engenharia Arquitetura e Agronomia de Goiás – Compêndio dos trabalhos premiados. Goiânia, 2008. p. 23-50.

¹³⁵ Foi fundado em 4 de setembro de 1975 e era denominado Escola de Música José Ricardo de Castro, localizada no Colégio São Domingos, no Setor Coimbra, em Goiânia (PROTÁSIO, 2009).



FIGURA 111 – Centro Livre de Artes.
Fonte: MELO, 2012.

decorativas, mangá, dentre outros); artes cênicas (jazz, sapateado, balé, dança de salão, etc.); e oficinas (yoga, ginástica, alongamento, etc.) (Figura 111).

O Centro Livre de Artes (CLA) é uma instituição pertencente à Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, que tem como objetivo contribuir para as manifestações e atividades artístico-

culturais para a comunidade goianiense, em especial, busca atender as classes menos favorecidas economicamente¹³⁶. (PROTÁSIO, 2009).



FIGURA 112 – Monumento à Paz.
Fonte: MELO, 2012.

Em 1988 houve a construção do Monumento à Paz, idealizado pelo artista plástico Syron Franco, por iniciativa da Comunidade Bahá'í, uma organização não governamental ligada à Fé Bahá'í. A obra, de cinco metros de altura, foi feita com cimento e pesa 50 toneladas. Possui o formato de uma ampulheta e, em sua parte central, existem vários compartimentos de vidro, contendo as terras de 17 países dos cinco continentes, em defesa da paz mundial. Um compartimento maior contém todas as terras misturadas (Figura 112). A ampulheta traz a

seguinte frase: “A Terra é um só país, e os seres humanos seus cidadãos”, frase de Baháulláh. Atualmente, a frase encontra-se incompleta, pois caíram algumas letras, como pode ser observado na figura 103 (MONUMENTO¹³⁷...; PLACA).

As propostas de intervenção no parque têm como intuito a (re)valorização do local e sua relação com a cidade; recuperar o ambiente e a paisagem; preservar as nascentes e o Córrego Buritis (Figura 113); oferecer opção de lazer com qualidade e diversidade para a população goianiense, dentre outros. Nesse sentido,

¹³⁶ Apesar de ser uma Instituição Municipal, cobra-se uma taxa das atividades, com exceção dos alunos carentes financeiramente, situação comprovada com a renda e com uma entrevista com profissionais do apoio psicopedagógico.

¹³⁷ MONUMENTO à Paz Mundial. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_%C3%A0_Paz_Mundial>. Acesso em: 21 mar. 2012.



FIGURA 113 – Nascente.
Fonte: MELO, 2012.

as ações buscaram preservar e melhorar os aspectos originais do Bosque dos Buritis, haja vista que se destaca como um dos espaços livres priorizados no traçado original do Plano Urbanístico de Goiânia.

Na década de 1990, o poder público, em parceria com a Associação Protetora do Bosque dos Buritis (APBB), propôs intervenções físico-ambientais para melhoria da área do parque. Entre 1990-1992 foram executadas as seguintes obras: recuperação das nascentes e do Córrego Buritis, que resultou na construção do conjunto de lagos e canal; passarela de circulação; lanchonete; bancos; meio-fio e reforma do alambrado.

Entre 1992-1996 foi desenvolvida uma ação entre a Prefeitura, Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA¹³⁸), APBB e o Ministério Público, que teve a intenção de esclarecer os usuários do Bosque da necessidade e importância da preservação e recomposição de suas matas. Por último, entre 1996-2000, no lago da fonte ou principal foi instalado um jato d'água que atinge mais de 50 metros de altura; reforma do calçamento externo com ampliação da pista e substituição do piso e luminárias. (PLACA¹³⁹).

A paisagem de destaque do Parque é representada pelos três lagos - Lago da Fonte, o Circuito das Águas que liga ao Lago das Ilhas e, por último o Lago das Trilhas (Figura 114). Nos espaços circundantes aos lagos, há, ainda, equipamentos e infraestruturas voltadas ao lazer ativo e contemplativo, convivência social e atividades artístico-culturais.

¹³⁸ Hoje é a Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA).

¹³⁹ PLACA no Bosque dos Buritis. Placas informativas: História do Bosque.



FIGURA 114 – Lagos do Bosque dos Buritis.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.

O Lago da Fonte ou principal foi construído na década de 1980 com um volume d'água aproximado de 15.000 m³ (PLACA¹⁴⁰). Ele é abastecido com a água das nascentes e do Córrego Buritis, possui em seu interior três jatos d'água, sendo o principal com 50 metros de altura - o maior jato de água da América do Sul (Figura 115); Trilha do Lago¹⁴¹ (Figura 116); Mirante¹⁴²; Bica d'água¹⁴³ (Figura 117) e Belvedere¹⁴⁴ (Figura 118). O Monumento à Paz também fica ao lado do Lago da Fonte.

¹⁴⁰ PLACA no Bosque dos Buritis. Placas informativas: Lago da Fonte.

¹⁴¹ Trilha do Lago: zona de uso restritivo.

¹⁴² Mirante: espaço elevado, de permanência, que permite apreciar vistas panorâmicas do Bosque, com destaque para o caminho das águas. (PLACA).

¹⁴³ Bica d'água: recebe a água das nascentes e do Córrego Buritis. (PLACA).

¹⁴⁴ Belvedere: Pequeno mirante, espaço de permanência que permite a contemplação do lago. (PLACA).



FIGURA 115 – Jato d'água.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 116 – Trilha do Lago.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 117 – Bica d'água.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 118 – Belvedere.
Fonte: MELO, 2012.

Seguindo o Lago da Fonte sentido Lago das Ilhas, passa-se pelo Circuito das Águas. O Circuito das Águas é um canal, construído no ano de 1992, para receber o excedente de água proveniente do Lago da Fonte, com cerca de 197,20 m de extensão e 1.650,00 m³ de volume (PLACA¹⁴⁵). No Circuito das Águas têm-se a presença do Teatro de Arena¹⁴⁶ (Figura 119), Cascatas (Figura 120), Lagos (Figura 121) e Trilha da Mata¹⁴⁷ (Figura 122). O final do circuito encontra-se com o Lago das Ilhas.

¹⁴⁵ PLACA no Bosque dos Buritis. Placas informativas: Circuito das águas.

¹⁴⁶ Teatro de Arena: Foi criado na Grécia Antiga, reproduzido no mundo para o cultivo das artes. O teatro de arena do Bosque dos Buritis se destina a ensaios e pequenas apresentações culturais. (PLACA).

¹⁴⁷ Trilha da Mata é uma zona de preservação integral.



FIGURA 119 – Teatro de Arena.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 120 – Cascatas.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 121 – Lagos.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 122 – Trilha da Mata.
Fonte: MELO, 2012.

O Lago das Ilhas foi construído na década de 1990, com 10.801,73 m² de área e 13.000 m³ de volume (Figura 123). Seu abastecimento ocorre com o circuito das águas, possui em seu interior ilhas e espécies vegetais (PLACA¹⁴⁸). Ao redor do Lago das Ilhas encontram-se: o Parque Infantil (Figura 124); Praça de Alimentação (Figura 125) e a Trilha do Guapuruvu (Figura 126). A Assembleia Legislativa encontra-se ao lado da cerca do Lago da Ilha.

¹⁴⁸ PLACA no Bosque dos Buritis. Placas informativas: Lago das Ilhas.



FIGURA 123 – Lago das Ilhas.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 124 – Parque Infantil.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 125 – Praça de Alimentação em frente ao parque infantil.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 126 – Trilha do Guapuruvu.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 127 – Lago da Trilha.
Fonte: MELO, 2012.

Após o Monumento à Paz fica o Lago da Trilha, também chamado de Lago Seco ou Lago Raso, com cerca de 1.500,00 m² de área (Figura 127). O Lago das Trilhas possui espaço contemplativo representado pela presença de espécies vegetais nativas (PLACA¹⁴⁹). Circundante ao Lago da Trilha encontra-se o Espaço Alternativo¹⁵⁰ (Figura 128); outra Praça de Alimentação (Figura 129); o Museu de Arte de Goiânia e o Centro Livre de Artes.

¹⁴⁹ PLACA no Bosque dos Buritis. Placas informativas: Lago da Trilha.

¹⁵⁰ Espaço Alternativo: espaço destinado a práticas alternativas em proveito da saúde – *yoga*, *tai-shi-shuan*, dança, ginástica e outras. (PLACA).



FIGURA 128 – Espaço Alternativo.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 129 – Praça de Alimentação
Fonte: MELO, 2012.

No lado lateral ao Museu de Artes e Centro Livre de Artes encontram-se o Espaço e Eventos¹⁵¹ (Figura 130); Orquidário (Figura 131); outra entrada para a Trilha da Mata; Administração; Praça de Alimentação; Banheiros (feminino e masculino) e Estacionamento¹⁵².



FIGURA 130 – Espaço e Eventos.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 131 – Orquidário.
Fonte: MELO, 2012.

Em 2005 foi elaborado, pela equipe técnica da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA), o Plano de Manejo que define as diretrizes e o Zoneamento Ambiental do Bosque dos Buritis, com os seguintes objetivos: recuperar as áreas alteradas pelas atividades humanas; proteger as nascentes e o Córrego Buritis; recuperar e conservar o solo, a vegetação, a água e seu entorno; desenvolver programas educativos e interpretativos; promover pesquisa científica e o monitoramento no parque, com o objetivo de (re)conhecer os recursos naturais e

¹⁵¹ Espaço e Eventos: espaço reservado à exposição de obras artísticas e eventos culturais. (PLACA).

¹⁵² Estacionamento: espaço público de uso restrito aos funcionários do CLA, MAG e administração do Bosque.

suas inter-relações; incentivar projetos artísticos e culturais; incentivar o contato da população com a natureza; promover o turismo e o lazer; e proteger/abrigar a flora - local, exótica e típica - e a fauna. (PLACA¹⁵³; PLANO..., 2005, p. 103-104).

Com intuito de melhorar a qualidade de vida da população goianiense e tornar o Bosque dos Buritis acessível a todos, no período de 2007-2008 foram realizadas intervenções para melhoria da infraestrutura do Bosque, compondo a sua estrutura de hoje. Essa intervenção tinha por objetivo melhorar tanto as questões ligadas à natureza quanto os aspectos ligados às práticas de lazer.

Com relação às questões ligadas à natureza, foram executadas: a rede de capacitação da água das nascentes e do Córrego Buritis; trilhas interpretativas por meio de placas informativas com orientações sobre a infraestrutura, formas de uso e a natureza presente no parque¹⁵⁴ (Figuras 132, 133 e 134); recomposição florística e paisagística; substituição do piso dos caminhos internos por blocos intertravados (Figura 135), tornando a área mais permeável e revegetação para a recomposição da mata e limpeza dos lagos. (PLANO..., 2005; REQUALIFICAÇÃO..., 2008).



FIGURAS 132, 133 e 134 – Placas informativas no Bosque dos Buritis.
Fonte: MELO, 2012.

¹⁵³ PLACA no Bosque dos Buritis. Placas informativas: Zoneamento Ambiental.

¹⁵⁴ As placas de sinalização espalhadas pelo parque são importantes para a acessibilidade, pois orientam os usuários sobre o local de acesso e as opções de lazer que o parque disponibiliza. Esse dado pode ser confirmado na fala de dois entrevistados que relacionaram a importância das Placas Explicativas ao contato com a natureza: “O contato é facilitado pelas placas informativas com o nome das árvores.” (18º BB) e “acho muito importante as placas com os nomes das árvores.” (19ºBB).



FIGURA 135 – Caminhos compostos por blocos intertravados.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 136 – Trilhas que percorrem todo o parque, desde a Lago da Fonte até o Lago das Ilhas.
Fonte: MELO, 2012.

Com relação às mudanças para as práticas de lazer: foram substituídas e instaladas novas lixeiras; bancos; telefones públicos; eliminação de rampas e escadas inadequadas, com intuito de tornar o caminhar mais seguro e acessível à pessoa portadora de necessidades especiais¹⁵⁵ (Figura 136); plataformas com quiosques fixos e carrinhos dos ambulantes; recuperação da pista de caminhada

(Figura 137) e estação de ginástica na área externa do parque (Figura 138) e instalação de mais dois jatos d'água no lago principal (PLANO..., 2005; REQUALIFICAÇÃO..., 2008).

¹⁵⁵ O projeto de arquitetura e paisagismo do Bosque dos Buritis adotou os parâmetros antropométricos da NBR 9050/2004 nas seguintes intervenções: rebaixamento de calçadas; anteparos e guarda-corpo na arquibancada do Teatro de Arena; vaga especial no estacionamento; sanitários públicos adaptados para atender os portadores de necessidades especiais; instalação de corrimão e deslocamento em linha reta com largura maior ou igual a 1,50m nos caminhos internos (REQUALIFICAÇÃO..., 2008, p. 43). Nas observações em campo, constatou-se que, no portão principal, há uma placa mostrando que o parque tem acesso a portadores de necessidades especiais.



FIGURA 137 – Pista de caminhada.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 138 – Estação de ginástica.
Fonte: MELO, 2012.

Dentre as melhorias, em 2007, destaca-se ainda a implantação do Zoneamento Ambiental proposto no Plano de Manejo (2005). O Zoneamento tem como objetivo promover a recuperação das áreas verdes e das nascentes, com intuito de desenvolver programas interativos para melhor apreciação e contemplação da natureza. Dessa forma, dividiu-se o parque em quatro Zonas, conforme a capacidade de suporte e/ou necessidade, sendo: de Uso Intensivo, de Recomposição ou de Recuperação, Uso Restrito e Preservação Integral (Figura 139).



FIGURA 139 – Placa no Bosque dos Buritis explicando o que é cada área de Zoneamento e sua localização pelo parque (detalhe do lado esquerdo).
Fonte: MELO, 2012.

A Zona de Uso Intensivo é constituída pelas áreas naturais ou alteradas pelas atividades humanas, com intuito de manter o ambiente o mais natural possível. Esse espaço possui facilidade de trânsito e de assistência ao público, sendo composto pela pista de caminhada, estação de ginástica, caminhos dentro do Bosque, e áreas próximas ao Museu de Arte de Goiânia, ao Centro Livre de Artes e à administração. Esse Zoneamento tem como objetivo atender ao lazer e à contemplação. A área total da Zona de Uso Intensivo é de 20.705,33 m². (PLACA; PLANO..., 2005, p. 105).

A Zona de Recomposição ou de Recuperação é composta pelas áreas que sofreram consideráveis alterações humanas. Esse Zoneamento tem como intuito recuperar gradativamente suas áreas, assim feito incorporará a zona de preservação integral, aumentando a mata e a permeabilidade do solo. É composta de trilhas, Lago da Trilha e áreas próximas ao estacionamento. A área total da Zona de Recuperação compreende 3.619,04 m². (PLACA; PLANO..., 2005, p. 112).

A Zona de Uso Restrito compreende as áreas necessárias à administração, à manutenção, aos serviços, às trilhas interpretativas voltadas à educação ambiental e aos espaços no entorno dos lagos, porquanto o público é controlado pela administração do Bosque. A área apresenta um total de 15.636,74 m². (PLACA; PLANO..., 2005, p. 110).

Por último, a Zona de Preservação Integral, constituída de áreas naturais, nas quais houve pequena ou mínima intervenção do homem e possui acesso controlado. É composta por ecossistemas únicos com espécies da fauna e da flora de importância científica e compreende a mata, o lago, as nascentes e o Córrego Buritis. Compreende uma extensão de 46.438,81 m². (PLACA; PLANO..., 2005, p. 116).

O horário de funcionamento do Bosque dos Buritis é das 07h às 20h e conta com equipe de segurança. Com intuito de facilitar o ingresso das pessoas, o parque, possui cinco portões de entrada. O portão 1 (um) ou principal fica na Alameda dos Buritis com vista ao Lago da Fonte (Figura 140). Em frente a essa entrada encontra-se um Monumento em Homenagem às Vítimas do Regime Militar – Goiás (Figura 141). A saída do portão 1 (um) tem melhor acesso ao Setor Central com sentido a Praça Cívica.



FIGURA 140 – Portão 1 (um) ou principal, acesso direto ao Lago da Fonte.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 141 – Monumento em Homenagem as Vítimas do Regime Militar.
Fonte: MELO, 2012.

O portão 2 (dois) está localizado na Alameda dos Buritis, com acesso direto ao Lago das Ilhas, Parque Infantil e Trilha do Guapuruvu. A saída do portão dois tem acesso ao Setor Central, Alameda dos Buritis e Assembleia Legislativa (Figura 142). O portão 3 (três) está localizado na Rua Um com acesso direto ao Orquidário, Administração, Estacionamento, Trilha da Mata e Lanchonete. A saída do portão três oferece fácil acesso ao Setor Oeste, Praça Tamandaré, Fórum de Goiânia e Colégio Atheneu Dom Bosco (Figura 143).



FIGURA 142 – Portão 2 (dois): detalhe parque infantil ao fundo.
Fonte: MELO, 2013.



FIGURA 143 – Portão 3 (três): entrada e saída do estacionamento.
Fonte: MELO, 2013.

O portão 4 (quatro) também está localizado na Rua Um, com acesso direto ao Museu de Arte de Goiânia, Centro Livre de Artes, Lago da Trilha, Praça de Alimentação e ao Monumento à Paz. A saída do portão 4 (quatro) facilita o acesso ao Setor Oeste, Fórum de Goiânia, Av. Assis Chateaubriand e Praça Tamandaré

(Figura 144). Por último, o portão 5 (cinco) está localizado na Av. Assis Chateaubriand em frente ao Fórum de Goiânia, com acesso à Trilha do Lago, Mirante, Lago da Fonte e Belvedere. A saída do portão 5 (cinco) facilita o acesso ao Fórum, Setor Oeste e Praça Tamandaré (Figura 145).



FIGURA 144 – Portão 4 (quatro): acesso direto ao Museu de Arte de Goiânia e Centro Livre de Artes.
Fonte: MELO, 2013.



FIGURA 145 – Portão 5 (cinco): Fórum em frente a entrada.
Fonte: MELO, 2013.

O Bosque dos Buritis é o mais antigo patrimônio paisagístico de Goiânia. Ele é constituído por uma extensa área verde, em meio ao urbano, que pode ser destacada pela presença dos lagos, fauna - pássaros, tartaruga e peixes - e flora - vegetação nativa e plantas exóticas; monumentos; equipamentos de ginástica; parque infantil e espaços artístico-culturais, compondo assim um espaço de contato do homem com a natureza e com práticas de lazer.

3 PARQUE FARROUPILHA E BOSQUE DOS BURITIS: ESPAÇOS DE NATUREZA, PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO CIDADÃO

O presente capítulo tenta elucidar sobre o cotidiano dos Parques Farroupilha e Bosque dos Buritis. O cotidiano, aparentemente banal, revela-nos aspectos das apropriações estabelecidas pela sociedade de Porto Alegre e Goiânia, em seus respectivos parques. Como dito anteriormente, a intenção do trabalho não é compará-los. Não obstante, por meio das entrevistas e observações realizadas no cotidiano dos dois parques analisaremos a presença da natureza na cidade, as práticas de lazer e turismo cidadão dentro da dimensão dos entrevistados e as observações realizadas pela pesquisadora.

Os parques urbanos como espaços públicos das cidades, em suas paisagens naturais e/ou construídas, propiciam aos cidadãos e possíveis turistas atividades de lazer, cultura e educação.

3.1 PARQUE FARROUPILHA

As práticas cotidianas verificadas no Parque Farroupilha revelam os costumes de uma sociedade presente nas atividades – esportivas, artísticas, culturais, educativas e contemplativas – oferecidas pelo parque. Como apresentado no capítulo sobre o histórico do Parque Farroupilha, ele é um espaço que se constituiu ao longo da história, segundo a cultura, a vivência e a fruição desse espaço.

Com o intuito de verificar o perfil do visitante do Parque Farroupilha, questionamos os frequentadores sobre o bairro de sua residência. Constatou-se que 61% dos entrevistados moram próximo ao parque, enquanto que 39% em outros bairros mais afastados. Apesar de os dados apresentarem que os frequentadores são de bairros relativamente próximos ao parque, destaca-se que o parque atende tanto à população próxima quanto a de diversos outros bairros. Isto se confirma na

fala do “18º PF¹⁵⁶” e com as especificações apresentadas nas respostas dos entrevistados ao serem questionados se o Parque Farroupilha é de fácil acesso e como avaliam a localização do parque.

Pelo fato de os frequentadores serem de diversos bairros de Porto Alegre e o Parque Farroupilha ser bastante frequentado, o 18º PF entrevistado afirma que: *“uma vez por mês o transporte de ônibus é gratuito. Eles pegam uma data especial, como por exemplo, no dia das crianças e dia do trabalho. Se não tiver uma data especial, eles pegam o primeiro domingo do mês, sendo um dia voltado para a família. Ai vem gente de qualquer canto de Porto Alegre. Nesse dia fica superlotado... É muito bonito.”* Do mesmo modo, três entrevistados (7º, 8º e 13º PF) destacaram em comum a facilidade de acesso e a localização do parque, dizendo que vem ao parque o *“pessoal da zona norte, zona sul, zona leste e zona oeste”*, devido à facilidade do transporte coletivo e/ou pela diversidade de vias de acesso que convergem até o parque, contribuindo para a procura por todo porto-alegrense.

Em resposta à pergunta: “você acha que o Parque Farroupilha é de fácil acesso?”, 100% dos entrevistados concordaram que o parque é de fácil acesso. Eles destacaram que o parque é centralizado e que por ele passam muitos ônibus de vários bairros da cidade. Esse dado mostra tanto a facilidade que os frequentadores têm de virem dos diversos bairros de Porto Alegre quanto reforça a informação de que o parque é frequentado por pessoas que moram longe dele.

Quanto ao meio de locomoção que os entrevistados utilizam para ir até lá, dos 18 entrevistados, 11 usuários moram próximo¹⁵⁷ ao parque e vão a pé, enquanto que, dos sete frequentadores que moram em bairros mais afastados¹⁵⁸, três vão de carro e quatro de ônibus.

Além da questão da facilidade de acesso, o Parque Farroupilha possui diferentes atrativos que o destacam dos demais parques de Porto Alegre, fazendo com que ele seja um parque de referência para o lazer da cidade. Os entrevistados mencionaram as seguintes motivações para visitar o Parque Farroupilha: é o maior

¹⁵⁶ O 18º entrevistado frequenta o parque há 26 anos, todos os dias da semana. O fato de o entrevistado frequentar o parque há 26 anos e fazer parte de um grupo do Farroupilha com mais ou menos 500 pessoas (dado que será mencionado ao longo do texto), supõe que ele vivenciou muitas mudanças, tanto no aspecto físico quanto na vida dos frequentadores do parque. Além disso, pude constatar em uma fala de um amigo próximo a ele que: *“ele é considerado o ‘Parque Mestre’.*”

¹⁵⁷ Dos bairros próximos foram citados: Setor Central, Bom Fim e Cidade Baixa.

¹⁵⁸ Bairros mais afastados: Partenon, Petrópolis e Guaíba (Município da Microrregião de Porto Alegre).

parque de Porto Alegre; tem uma área bastante ampla; pela presença da área verde; pelas diversas opções de comida e bebida com vários restaurantes ao redor do parque; pelo fato de o parque ser bastante movimentado; por favorecer o encontro com amigos; por ser lugar tranquilo, com segurança, bastante iluminação e possuir diversidade de infraestrutura. O 18º PF entrevistado exemplifica que: *“ele é o maior em área de extensão; é o que congrega o maior número de opções de atividades, enquanto que os outros são mais específicos em termos humanos e de uso, assim todo mundo se encontra aqui. E o fato de ter o Brique¹⁵⁹ que é um acontecimento, uma referência... isso aí também faz parte para torná-lo diferente.”*. Diante da observação do entrevistado, pode-se afirmar que, além da facilidade de localização, a atratividade do parque, seja em diversidade de opções de atividades seja como um espaço social, o Parque Farroupilha é um espaço público de destaque para as práticas de lazer individual ou coletivo.

Com relação à caracterização do Brique da Redenção, o entrevistado 18º PF reitera que: *“o Brique da Redenção, além de ser uma feira é um espaço cultural que tem muitos poetas, pensadores, gente da arte que troca ideias, muitas apresentações de músicas com aprendizes e amadores. É muito bonito e variado... isso ajudou no progresso do parque, por meio de atividades artísticas e culturais.”* Com as entrevistas e as observações em campo, podemos afirmar que as feiras¹⁶⁰, apresentações culturais, artísticas e musicais (Figuras 146, 147, 148 e 149) e a presença de artistas informais pela rua, cantando e contando histórias/piadas, contribuem para atrair uma grande quantidade de pessoas.

¹⁵⁹ Cabe (re)lembrar que o “Brique” é a Feira Brique da Redenção que acontece todos os domingos na Avenida José Bonifácio, ao lado do Parque Farroupilha, das 9h às 18h, desde 1978. Assim sendo, pelas observações em campo e pela fala dos entrevistados podemos afirmar que essa feira faz parte do parque aos domingos e é considerada pela população como um atrativo de lazer.

¹⁶⁰ Feiras: Agro-Ecológica (sábado); Antiguidade (sábado e domingo) e Brique da Redenção (domingo).



FIGURA 146 – Apresentação artística ao lado do Monumento ao Expedicionário no domingo.
Fonte - MELO, 2012.



Figura 147 – Peça de teatro em frente ao Monumento ao Expedicionário no domingo.
Fonte - MELO, 2012.



FIGURAS 148 e 149 – Apresentação artística informal de pessoas pela Avenida José Bonifácio, cantando e contando histórias/piadas, ao lado do Brique da Redenção.
Fonte - MELO, 2012.

A realização de apresentações artísticas no Parque Farroupilha mostrou-se relevante para a atratividade, por conquistar um público maior e bem diversificado. Além disso, constatou-se que essas apresentações e o Brique da Redenção singularizam o parque e contribuem para a vida social dos cidadãos.

Diante da diversidade de apresentações culturais vivenciadas na visita de campo no domingo, dia 22/07/2012, realizou-se uma conversa informal com um dos apresentadores da peça de teatro sobre a Copa do Mundo, ilustrada na figura 147 acima. Conforme o entrevistado, o grupo de teatro apresenta-se no Parque Farroupilha no mínimo uma vez por mês e no máximo três vezes por mês. O entrevistado enfatizou que ele e o grupo adoram se apresentar no parque, devido à quantidade de pessoas, descrevendo que:

a gente percebe uma diversidade muito grande... Tem muita gente que vem de bairros distantes que vem aproveitar o parque no sábado, domingo e feriados. É muito bom apresentar aqui, porque a gente está comunicando com vários tipos de pessoas. A gente percebe que tem desde a madame que trás o cachorro para cá até o cara que mora na Restinga que é um bairro super longe, que vem para cá também. Então é muito legal sentir essa diversidade que o parque oferece...para a gente é muito bom. É um lugar que a gente sente que a peça começa a ter uma visibilidade também, porque são pessoas muito diferentes e levam suas impressões para os bairros ou outros locais. Ai a gente sente que tem um retorno muito grande. A gente apresenta por ter essa diversidade.

Essa afirmativa do entrevistado vem ao encontro do pensamento de que a diversidade de pessoas presentes no parque, advindas de distintos grupos sociais, culturais, econômicos e etários, faz com que a vivência no parque seja compartilhada entre pessoas de diversos lugares e de diferentes culturas corroborando a ideia de que cada um atribui significados singulares ao que está sendo apresentado.

O que vem ao encontro dos estudos de Gomes e Elizalde (2012, p. 83) que descrevem que: “[...] as manifestações culturais constituem práticas sociais complexas permeadas por aspectos simbólicos e materiais que integram a vida de cada pessoa e a cultura de cada povo, podendo assumir múltiplos significados [...]”.

Em continuidade à entrevista, levantou-se o questionamento quanto à escolha da localização para a apresentação da peça de teatro. O artista afirmou que:

sempre quando a gente chega para apresentar se tem algum grupo apresentando a gente espera o grupo terminar para começar a nossa apresentação. Tem também os casos de quando a gente chega para apresentar e a gente percebe que tem um grande número de público em outro ponto e ai a gente se desloca para lá. Se tiver também, por exemplo, um som mecânico próximo que tem um barulho muito alto a gente procura outro espaço para a apresentação, porque a gente fala baixo. Enfim, a gente chega e sente o que o parque está oferecendo.

Diante dessa entrevista, pôde-se perceber que os artistas têm uma satisfação muito grande em apresentar-se no Parque Farroupilha, por ser um espaço que reúne pessoas de diversos horizontes. A fala do entrevistado revela também que a apresentação se faz em absoluta consonância com a vida que anima o parque. Os artistas estão atentos a tudo que dá vida a esse espaço e escolhem o lugar e o momento para se apresentarem. Isso revela ainda que a vida do parque impõe um ritmo para quem o frequenta e para quem ali instala a sua prática artística. Como já apontado tantas vezes, o Parque Farroupilha é composto por uma gama de

manifestações culturais e uma grande quantidade de pessoas que propiciam a socialização, transformando-o em um lugar de encontro por excelência, entre turistas e moradores da cidade, tornando-o um espaço social de destaque no meio urbano. Logo, essas apresentações são atrativos do parque, juntamente com a qualificação da variável acessibilidade, apresentada anteriormente.

Com relação aos hábitos de visita ao Parque Farroupilha, constatou-se uma frequência bastante variada: 33% dos entrevistados vão uma vez por semana; 17% de duas a três vezes por semana; 11% quase todos os dias; 11% de três a cinco vezes por semana; 11% de quinze em quinze dias; 11% uma vez por mês e 6% quase todos os dias (Gráfico 1).

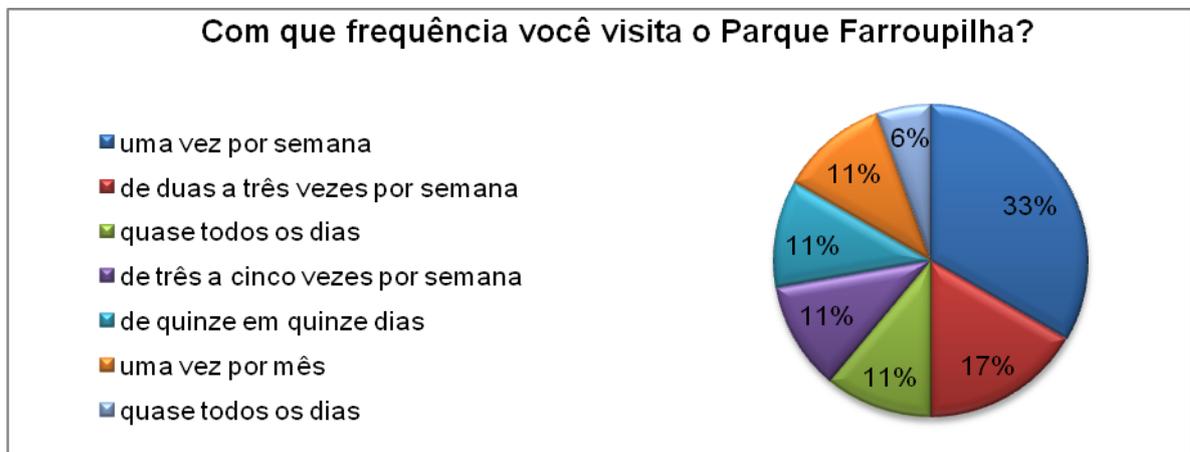


GRÁFICO 1 – Com que frequência você visita o Parque Farroupilha?

Destaca-se que os moradores próximos ao parque visitam-no com mais frequência. Apesar dessa distinta frequência, podemos perceber que o maior espaçamento de tempo é de apenas uma vez por mês. Esse dado vem ao encontro da constatação de que os indivíduos usufruem de sua própria cidade em seu tempo de lazer. E que as pessoas são sujeitos da construção da sua própria cidade. Na vida cotidiana as formas de apropriação e vivência de seus espaços, entre eles os parques, demonstram que os cidadãos exercem as práticas de turismo cidadão, o que os faz desfrutar do espaço de sua cidade de modo diferenciado do seu ritmo cotidiano, contemplando a natureza e fruindo a paisagem.

Dentre os motivos apresentados para visitar o Parque Farroupilha foram citados: tomar sol, com destaque à expressão: “*quando está frio e tem sol a galera toda vem ‘lagartear’*” (11º PF); infraestrutura; tomar chimarrão; diversidade de

atividades; a beleza do parque; sair do apartamento e passear para espairecer; extensa área verde; contato com a natureza e o ar livre; devido à grande quantidade de pessoas, e sempre é possível encontrar com amigos e conhecidos. Esses motivos remetem à presença da natureza e à diversidade de atividades que o parque oferece (Figura 150). Diante das entrevistas e com as observações em campo foi possível perceber que os porto-alegrenses usufruem intensamente do Parque Farroupilha. Com relação aos motivos tomar sol ou “lagartear” e tomar chimarrão (Figura 151), mencionados pelos entrevistados, podemos dizer que o parque acolhe e reúne essas duas situações, remetendo-nos ora a uma prática cultural gaúcha conhecida, àquela de compartilhar a cuia de chimarrão, favorecendo o encontro entre as pessoas, ora àquela de se deleitar com o sol.



FIGURA 150 – Diversidade de apropriação: bambolê.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 151 – Pessoas tomando sol e chimarrão.
Fonte: MELO, 2012.

Com relação ao parque ser um espaço que favorece uma melhora na qualidade de vida dos indivíduos, dois entrevistados afirmaram que visitar o parque ajuda a *“relaxar quando se está estressado... O stress na real é o medo e essa busca pelo parque teria que ser feita sempre por pessoas que têm problemas de saúde... Que paulatinamente começa a instalar a harmonização e a cura. É uma coisa fantástica, por isso é preciso o parque para ‘pegar na mão’ da pessoa e dar a sua caminhada, assim ajuda a melhorar a saúde”* (2º PF) e o segundo disse que: *“o parque é um remédio para todos os males, é uma benção para as pessoas que podem usufruir e têm a visão de enxergar e entender o bem estar que ele traz para elas. Inacreditável o que o parque faz por uma pessoa. Quando as pessoas estão bem, ir ao parque é uma opção; no entanto, quando estão mal, com depressão, com*

problemas na vida, devem obrigatoriamente ir ao parque, porque ele corrige todas as nossas preocupações, ele acaba com elas, ele reduz ou diminui muito nossas mazelas, por experiência própria e por experiência vivenciada com outras pessoas.” (18º PF)¹⁶¹.

O parque como um mediador para a recuperação do *stress* oferece, se assim podemos pensar, àquele que o frequenta o contato com a natureza que revigora e propicia aos indivíduos a sensação de vitalidade, porque, em contato com ela, nos desligamos, nos desconectamos do ambiente urbano e de sua rotina. Isso nos conduz ao que Werneck diz quando lembra que o lazer supre as necessidades físicas e psíquicas, ajudando quando se volta para a rotina.

Diante o exposto, pode-se inferir que vivenciar o espaço do parque é estabelecer conexões com a sua paisagem, encontrar pontos de observação e contemplar a cidade com outros olhos. Essa outra possibilidade de (re)ver o espaço cotidiano é ressaltada por Dias (2010, p. 145-146) quando lembra que para “[...] ver a paisagem é preciso distanciar-se do habitual, retomar a falha, a fresta que aponta para longe, para outra margem que nos fará ver o (in)comum que está tão perto.”. Essa explanação remete à ideia apresentada pelo 18º PF entrevistado que afirma os benefícios do parque quando a pessoa entende o bem-estar que ele proporciona à vida dos seus frequentadores.

Reitera-se ainda que os benefícios do parque, em sua maioria, advêm do fato de ele ser um espaço de sociabilidade e possuir áreas verdes, capazes de oferecer aos seus frequentadores a sensação de distanciamento dos ambientes urbanos construídos, criando um lugar de pausa e de tranquilidade, ao contrário do

¹⁶¹ O 18º PF entrevistado faz parte de um grupo de mais ou menos 500 pessoas que se encontram no parque para conversar e desfrutar do parque, conseqüentemente estão sempre trocando conhecimento. Os integrantes não têm dia e horário estipulado para se encontrarem, é de acordo com a disponibilidade de cada um. O entrevistado ressaltou que já vivenciou nesse grupo a mudança de vida de muitas pessoas, com a melhora do estado de saúde relacionado com questões de depressão, morte em família, dentre outras e o parque tanto em seu espaço físico quanto no que se refere à oportunidade de encontro com as outras pessoas foi um instrumento muito importante para a melhora desses indivíduos. O entrevistado especifica: *“aqui no grupo, tem uma pessoa que teve um problema gravíssimo... ele era daquele depressivo que começava a se meter dentro do casulo da casa e não saía para nada... ele saiu e hoje é um camarada normal, vibrante pela vida e pela família, por tudo. Com a vivência no parque... ele conseguiu transformar a vida que ele tinha reclusa e veio para cá e se abriu... tem que abrir o coração, os olhos, não adianta vir para cá e andar como um boneco. Um outro exemplo é um médico famoso, quando a esposa morreu ele ficou em depressão profunda...com a convivência no parque ele começou aos pouquinhos a viver e a ficar vibrante novamente.” (18º PF).* Diante o relato, compreende-se que o parque, como espaço de natureza na cidade, proporciona um ambiente diferenciado do ambiente urbano, o qual, desfrutado e vivenciado pelo indivíduo, proporciona aumento da sensação de vitalidade, juntamente com a interação social.

ritmo acelerado e ensurdecido das cidades. “Esses espaços de natureza cada vez mais rara representam o antídoto para os ritmos urbanos, o stress e a poluição.” (SERPA, 2007, p. 82).

Com relação ao questionamento sobre se os frequentadores visitam o parque sozinhos ou acompanhados, 59% dos entrevistados disseram que vão acompanhados; 23% sozinhos e 18% acompanhados ou sozinhos, dependendo do dia. Dentre as pessoas que foram citadas que os acompanham foram: esposo(a); amigo(a); filho(a); irmão(ã) e sobrinho(a). No tocante ao parque ser um ponto de encontro - espaço de socialização -, 81% dos entrevistados se socializam com outras pessoas que lá estão, enquanto 19% se socializam somente com os seus acompanhantes. Destaca-se que, apesar de os 19% não se relacionarem com desconhecidos, a vivência no parque permite o estreitamento de laços afetivos entre amigos e familiares.

Dos entrevistados que se socializam com outros frequentadores no parque, eles destacaram que o Parque Farroupilha é um espaço que atrai muitas pessoas. Nessa perspectiva, é um parque composto por diferentes perfis de frequentadores e propicia o encontro com conhecidos e, até mesmo, a conquista de novas amizades. O fato de o parque ser um espaço que propicia a socialização vem confirmar que as práticas de lazer, como as que ocorrem em seu espaço, criam momentos de convivência e compartilhamento de experiências que podem gerar mudanças individuais e/ou coletivas.

Além disso, a maioria relatou que sempre encontra com conhecidos pelo parque. Esse fato destaca que a socialização é um aspecto relevante para os entrevistados: “*sentar na grama e encontrar com amigos*” (11º PF) e “*o parque é um lugar interessante para se passar uma tarde: tomar chimarrão e encontrar com os amigos*” (17º PF). Diante do exposto e já mencionado no texto, podemos inferir que a grande circulação de pessoas pode ser um atrativo para os indivíduos, haja vista que o contato com o outro está intrínseco às necessidades do ser humano. Como apontam Gomes e Elizalde (2012) quando escrevem que: “[...] o lazer é uma necessidade humana e uma dimensão da cultura, representando, portanto, uma prática social complexa [...]” (p. 81).

Como dito anteriormente, o fato de o parque proporcionar bem-estar e tranquilidade aos frequentadores torna-os abertos para o contato com o próximo.

Além disso, a apropriação do espaço ocasiona o envolvimento humano com o lugar sendo outro fator para a socialização. Deixar-se envolver pelo espaço é experimentá-lo como paisagem. Nesse sentido, Dias (2010) lembra que: “experimentar a paisagem é criar uma *situ-ação*, uma *situação-em-paisagem*, onde conscientes desse espaço, estabelecemos laços, enlaces para, quem sabe, emergir daí uma transformação possível” (p. 146, grifo da autora).

Por conseguinte, o Parque Farroupilha, como espaço que facilita a socialização é confirmado nas seguintes falas: “*é um ponto de referência para encontrar com amigos e/ou familiares*” (5º PF); “*no parque tem diversos perfis de pessoas: adolescentes, roqueiros, crianças, idosos, homossexuais, pessoal dos malabares, pessoal com os cachorros¹⁶², pessoal que vem fumar maconha, pessoal que vem tomar bebida alcoólica e à noite tem garotos(as) de programa*” (11º PF); “*‘parque de todas as tribos’, todos se encontram aqui. Tem emo, punk, casais gays, família, enfim todo mundo junto no mesmo lugar e raramente dá problema. Eu já vi briga entre os emos e os punks, mas é raro, e inclusive não sei como não acontece sempre*” (16º PF) e “*os grupos sociais existem em todos os lugares do mundo. O parque é frequentado por grupos distintos - emos, punks, homossexuais, cosplay, famílias e adolescentes. No domingo à tarde o grupo que se destaca são os punks/darks (de 100 a 200 pessoas), são aqueles que usam roupa preta, cheio de metais... Tudo preto. Eles ficam no grupinho deles e não tem briga.*” (18º PF) (Figuras 152, 153, 154, 155, 156 e 157). Nesse contexto, os autores Gomes e Elizalde (2012) reafirmam que: “[...] a necessidade de lazer pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores, crenças e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural.” (p. 81-82).

¹⁶² No Parque Farroupilha há um espaço que é reservado para as pessoas brincarem com seus cachorros, denominado de “cachorródromo”. Esse espaço está localizado em um extenso gramado ao lado da Fonte Luminosa.



FIGURAS 152, 153, 154, 155, 156 e 157 – Frequentadores e apropriação do Farroupilha: *cosplay*; pessoas da terceira idade; adultos e crianças; pessoal com os cachorros no “cachorródromo” e pessoal ao redor da Fonte Luminosa.

Fonte: MELO, 2012.

Constatou-se, ainda, que o uso mais intenso do Farroupilha se dá na “espinha principal do parque” ¹⁶³, local onde as pessoas se espalham pelos bancos, sentadas na grama e ao redor da Fonte Luminosa. Em minha observação de campo pude constatar que o parque é bastante movimentado no sábado e no domingo e, nesses dias, a diversidade de perfil das pessoas se mantém, o que faz com que elas

¹⁶³ Esse eixo é referente ao eixo principal do Parque que é referente às duas pontas do Parque: o Espelho d’Água e o Monumento ao Expedicionário, em seu meio encontram-se extensos gramados e a Fonte Luminosa.

respeitem as diferenças sociais e culturais, o que permite que cada um usufrua e vivencie o parque à sua maneira.

Podemos pensar essa apropriação do parque como uma experiência de paisagem, no sentido explicitado por Dias (2010), quando escreve que “experimentar a paisagem seria então conceber um lugar por meio dos sentidos, uma arquitetura do sensível que edifica o espaço em nosso íntimo.” (p. 145).

Nesse contexto, compreende-se que a socialização propicia a troca de experiências, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Com relação à importância da socialização no meio urbano, Moesch descreve que:

Os espaços públicos das cidades [...] são caracterizados pelo uso coletivo e pela promoção da interação social. Com essa interação, os espaços públicos tomam novas formas, seja no seu mobiliário urbano, em sua paisagem natural ou construída, propiciando qualidade físico-espacial. Por isso, deve-se conceber a cidade como objeto social e cultural [...] (MOESCH, 2012, p. 206).

Com base nessa assertiva, percebe-se que, por meio das práticas de turismo cidadão, a apropriação e o uso dos espaços públicos por parte dos habitantes estabelecem novas conexões com as paisagens que os cercam, despertam percepções singulares que acabam por (res)significar a nossa experiência na cidade.

Nesse sentido, a vivência no Parque Farroupilha proporciona a criação de elos afetivos com seus espaços, de tal forma que extrapolamos seus usos. Ser afetado pelo espaço é deixar-se afetar pelo que compõe esse espaço: os lugares e os sujeitos.

Não obstante, com base nos dados citados, os parques são espaços representativos para o lazer dos cidadãos. A resposta à interrogação: “o Parque Farroupilha é um espaço que faz parte do lazer da população?”, reitera essa afirmativa. De todos os entrevistados, 100% disseram que o parque é um espaço importante para o porto-alegrense, como pode ser observado na fala do 18º PF entrevistado: “o Parque é uma diversão saudável e barata. Como por exemplo: traz uma bola, traz um chimarrão, as crianças ficam correndo e comem pipoca”, e ainda “é um ponto de encontro, está sempre cheio e é aonde o pessoal vem para se encontrar” (7º PF).

Diante dessa afirmativa, pode-se dizer que o parque urbano é uma prática de lazer saudável e barata. Com relação à presença das crianças no parque, é uma atividade que pode despertar o conhecimento sobre a natureza e a percepção da necessidade de preservação do meio ambiente e do convívio harmônico do homem com a natureza. Ressalta-se, ainda, que brincar ao ar livre permite às crianças terem uma vida mais saudável e em contato com outras crianças, o que as torna mais sociáveis.

Assim, vivenciar o parque na dimensão aqui desenvolvida, ou seja, na relação com a sua paisagem, com o reconhecimento da importância da natureza no centro urbano, com as práticas de lazer e turismo cidadão, podemos pensar que essa apropriação nos conduz à noção de cidadania, de uma ética do estar junto, de um modo de ser da cidade, de estar na cidade, compartilhando de seus espaços, reconhecendo-os como parte fundamental para que sejamos acolhidos em seu cerne.

A cidadania proposta no tempo de lazer e turismo ressignifica o olhar, incentivando o 'estar juntos' de forma solidária, lúdica e autoaprendente, em uma nova forma de ser e estar no mundo. Assim, a animação turística avançara do campo da recreação e do entretenimento alienado para um processo pedagógico de integração, sujeito ao meio ambiente natural e social, e de participação, no pleno sentido da palavra, a partir de três eixos: eixo do descobrimento, desvelamento; eixo da relação, integração e eixo da criatividade, do desafio. (MOESCH, 2012, p. 215-216).

Dentre as atividades citadas pelos entrevistados, quanto ao tipo de lazer que o parque possibilita, foram mencionadas: o orquidário; espaço para caminhada; shows; orquestra sinfônica; quadra de esportes; área de ginástica para a terceira idade; andar de bicicleta; passear com o cachorro; parquinho; eventos artísticos; as feiras – Brique da Redenção, Antiguidade e Agro-Ecológica¹⁶⁴.

Sobre as opções de lazer usufruídas pelos frequentadores do Parque, questionamos: “quais atividades você pratica?”. Obtivemos uma grande diversidade de formas de apropriação do espaço. Os entrevistados citaram: “*tomar chimarrão*” (dez respostas); “*conversar com os amigos*” (sete respostas); “*sentar na grama*” (cinco respostas); “*caminhar*” (quatro respostas); “*tomar sol*” (três respostas);

¹⁶⁴ Com relação à Feira Agro-Ecológica e a presença de vários restaurantes vegetarianos próximos do Parque Farroupilha, o 19º PF entrevistado destaca que: “o *Bairro do Bom Fim* tem um pessoal mais ecologista, assim está acontecendo todo um movimento ecológico. Tem a Feira dos Produtos Orgânicos, alguns restaurantes de comida vegetariana e indiana.”.

“observar/contato com a natureza” (três respostas); “acessar a internet” (duas respostas) e com uma resposta apareceram: “alongamento”, “piquenique”, “passear com o cachorro”, “jogar bola” e, por último, “ler” (Gráfico 2). Pode-se afirmar que o Parque Farroupilha, pela variedade de espaços e de opções de atividades que oferece, tende a ser um forte atrativo turístico.

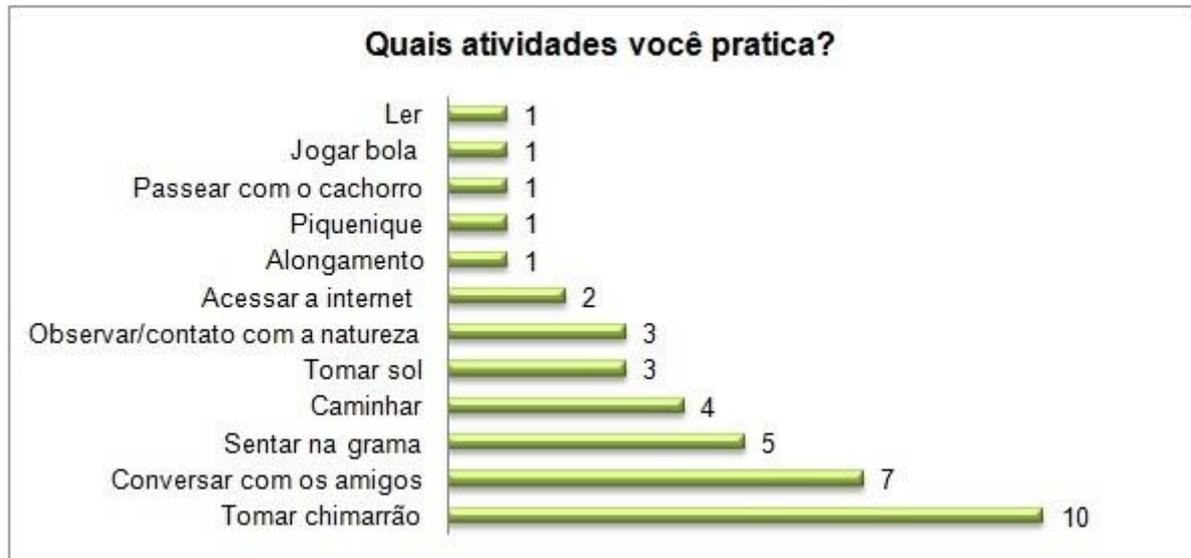


Gráfico 2: Quais atividades você pratica?

As observações comportamentais revelaram que a cultura de “tomar chimarrão”, como já apontado, é bastante significativa no parque. Percebemos que na maioria das “rodas de amigos” as pessoas estão tomando chimarrão, dessa forma, a cultura de tomar chimarrão é um destaque no parque. Alguns entrevistados ressaltaram esse dado: “o chimarrão é uma cultura do Rio Grande do Sul. A gente toma chimarrão o tempo inteiro no verão, no inverno, inclusive na praia.” (9º PF) e “o programa de domingo é tomar mate na Redenção. Faz as pessoas saírem também. As pessoas tomam o mate durante todo o ano. Tem todo o simbolismo: de amizade, de hospitalidade, de compartilhar na roda a mesma cuia. Tem uma série de regras para tomar...” (19º PF), representando uma prática que fortalece os laços afetivos entre as pessoas tornando-as companheiras e solidárias.

Além das atividades acima mencionadas, o Parque Farroupilha é um espaço indissociável da vida de cada cidadão, pois é marcado pelo encontro com os amigos/familiares; crianças correndo e brincando; pessoas estudando, namorando, trabalhando, dormindo, meditando, contemplando, descansando ou, até mesmo,

relaxando na pausa do almoço; e pelas diversas atividades físicas – andar de bicicleta e patins, *slackline*, caminhada, jogar bola, alongamento, dentre outros. Assim, as pessoas usufruem o seu “tempo livre” de forma prazerosa, com a vivência e percepção diferenciadas, de acordo com o cotidiano de cada um.

Em outras palavras, o Parque Farroupilha tornou-se um espaço apto para atender à demanda da população que pratica atividades físicas, artísticas, culturais, sociais e que prega a valorização/exaltação da área verde na cidade. Conforme Serpa (2007, p. 76) “[...] os modos de apropriação recontam, através de um outro registro de tempo, a história e a vida cotidiana do parque urbano.”



FIGURA 158 – Árvores floridas espalhadas pelo Parque Farroupilha.
Fonte: MARTINS, 2012.

Por meio da fala dos entrevistados foi possível notar que a questão da natureza influencia na motivação e nas atividades praticadas no Parque Farroupilha. Questionamos então aos entrevistados: “você vê o Parque Farroupilha como um espaço que favorece a contemplação da natureza? Justifique.” Os 100% dos entrevistados acreditam que sim. Eles se referiram à extensa área verde do parque, com pássaros, árvores,

grama, plantas e água. O 18º PF entrevistado mencionou, ainda, a questão de que, na primavera, o parque é ainda mais bonito pela presença das inúmeras árvores floridas espalhadas por ele (Figura 158).

Os parques urbanos podem ser considerados como forma de preservação ambiental que “pode ser entendida como o convívio e harmonia do homem com a natureza com o mínimo impacto possível, isto é, sem esgotar os recursos ambientais, permitindo a vida das gerações futuras.” (FRANCO, 2001, p. 89). O estudo desse autor vem ao encontro da fala de um dos entrevistados: “o parque é um espaço que favorece e ensina sobre a natureza... As pessoas vão passando para os filhos o valor da natureza, cada um enfoca um assunto diferente... Um é o cuidado com os animais, o outro é a beleza de cada árvore.” (18º PF). Essa afirmativa remete à ideia de que o parque é um espaço capaz de despertar o

conhecimento sobre os elementos naturais e até mesmo a importância de preservação da natureza no meio urbano.

Com relação à importância do parque como espaço de lazer e presença de área verde no bairro central da cidade, questionou-se: “o que você acha de o Parque Farroupilha estar em um bairro central da cidade?”. Novamente 100% dos entrevistados consideraram muito bom e importante. Constatou-se que, na maioria das respostas, eles reafirmaram suas justificativas com a presença da natureza e ser um espaço de descanso no centro. “*O parque é uma área verde que a gente precisa muito e está localizada bem no centro. O parque é muito importante, porque no centro tem muita poluição, muito barulho, então aqui é uma forma de lazer para as pessoas se distraírem, sair um pouco da rotina e tirar o estresse.*” (4ª PF). Dessa forma, os parques urbanos localizados nas regiões centrais são importantes tanto para se contrapor aos ambientes com grande concentração de prédios quanto por proporcionarem um espaço com mais umidade, amenização da temperatura, efeito paisagístico e sonoro, dentre outros.

Além desses itens, os entrevistados apontaram para a questão de que o parque está localizado em um espaço em que se centraliza o movimento da cidade – comercial e financeiro – fazendo com que as pessoas passem para descansar, podendo ficar por alguns minutos ou até mesmo horas desfrutando de sua beleza. Concernente à localização dos parques na cidade. Serpa (2007, p. 84) diz que eles servem também para “integrar os bairros no tecido urbano, melhorar a qualidade de vida, resolver os conflitos sociais através de intervenções espaciais [...]”.

Quando questionados sobre: “o que você mais gosta do Parque Farroupilha?”, os entrevistados ressaltaram a presença da natureza, a diversidade de atividades e a socialização. Cabe destacar que a percepção da paisagem é vista e observada de diferentes modos, conforme os sentidos, os significados e as aplicações atribuídas por cada indivíduo. Nesse sentido, Paes-Luchiari (2007, p. 29) destaca a percepção da paisagem como um fato que: “[...] remete tanto à percepção da cena em relação à sua representação, como à sua interpretação por modelos racionais ou experiências sensoriais.”.

Os entrevistados apresentaram algumas elucidações: “*eu gosto de me sentir bem junto à natureza e tem bastante banco para sentar e desfrutar dela.*” (4º PF); “*eu gosto do silêncio, do pouco movimento, ouvir os pássaros e do contato com a*

natureza.” (6º PF) e “*sentar de baixo de uma árvore, ler, tomar chimarrão e aproveitar o ar livre do parque. Aqui é bem tranquilo, apesar de estar entre duas avenidas bem grandes e movimentadas... Tu não ouve o movimento dos carros.*” (8º PF).

A partir do que disseram, podemos lembrar que Mendonça reitera que: “*todos os seres humanos guardam dentro de si uma forte necessidade de apreciação do belo, seja lá qual forma ele tome para cada um. Ao apreciar o belo, todos saboreiam um sentimento de preenchimento, satisfação, plenitude e alegria.*” (2012, p. 151).

Podemos afirmar então que esses entrevistados possuem um novo olhar sobre a paisagem cotidiana¹⁶⁵, representada pelo parque, fazendo com que esse espaço seja habitado pelos que ali passam seus dias, modelando, como escrevem, Dias (2010, p. 153), outra cartografia do cotidiano.

A experiência da paisagem seria então um (re)ordenamento espacial que despertaria nossos sentidos, aquela abertura em que se instalaria o tempo da contemplação, o tempo de um certo ponto de vista. Essa experiência pode ser pensada como uma espécie de esparecimento temporal que nos (re)situaria distintamente em nosso espaço. Essa ‘mudança de ares’ adviria da tomada de distância necessária para que o espaço da rotina se torne um *espaço-em-paisagem* (DIAS, 2010, p. 180, grifo da autora).

Apesar da diversidade de infraestrutura do Parque Farroupilha, questionou-se: “*você acha que a infraestrutura do Parque Farroupilha é suficiente? Se não... O que você acha que deveria ser acrescentado/melhorado?*”. De 14 pessoas que responderam, apenas três disseram que a infraestrutura está adequada, porém, destes, dois mencionaram que a população deve cuidar um pouco melhor do parque, por exemplo, o lixo jogado inadequadamente no local.

Com relação aos 11 entrevistados que julgaram que o parque deve melhorar a infraestrutura, eles pontuaram alguns aspectos que julgam necessários, tais como: “*ter mais banheiro*” (quatro respostas); “*melhorar a segurança à noite*” (três respostas); “*melhorar a limpeza*” (três respostas); “*melhorar a iluminação*” (duas respostas). Outros itens foram lembrados, com apenas uma resposta cada:

¹⁶⁵ “*Esse olhar-em-paisagem tenta, permanentemente, adquirir novos pontos de vista sobre o espaço da rotina e da repetição, pontos de vista efêmeros porque as paisagens permeiam as coisas que povoam nosso cotidiano.*” (DIAS, 2010, p. 153).

“aumentar a quantidade da máquina de Pepsi com água quente¹⁶⁶”; “mais bebedouro”; “constante manutenção”; “calçar o restante do calçadão principal, por causa da chuva¹⁶⁷” (Figuras 159 e 160); “melhorar a questão esportiva”; ampliar a academia da terceira idade”; “mais bancos”; “mais brinquedos”; e “trilha de caminhada mais acessível para pessoas da terceira idade ou com necessidades especiais”. Destaca-se ainda que a constante manutenção do parque com a vegetação, a limpeza, a iluminação e a conservação dos equipamentos são fatores atraentes esteticamente e permitem maior desfrute do espaço.



FIGURA 159 – Calçadão todo com terra
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 160 – Calçadão: maior parte calçado e um pequena parte de terra.
Fonte: MELO, 2012.

Completando a ideia de apropriação do Parque Farroupilha notamos que o parque é um espaço desfrutado por seus frequentadores, revelando os valores, os costumes, a cultura e a história da comunidade porto-alegrense. Tuan (2012, p. 338) corrobora que “[...] os padrões culturais da sociedade, afetam fortemente a percepção, a atitude e o valor que seus membros atribuem ao meio ambiente.”.

Moesch (2012) reitera que:

Democratizar o acesso ao potencial histórico-cultural da cidade faz com que o cidadão se desloque de seu espaço para a realização de atividades culturais, apreciando e valorizando esse patrimônio, e desencadeando, dessa forma, um processo de sensibilização na comunidade local. (p. 213).

¹⁶⁶ A máquina da Pepsi é o meio de abastecimento de água quente para o chimarrão.

¹⁶⁷ O calçadão ao qual o entrevistado se refere é o caminho entre o Monumento ao Expedicionário e a Fonte Luminosa que é feito somente de terra. Do outro lado, da Fonte Luminosa ao Espelho d’água, o calçadão é composto parte por calçada e uma pequena parte de terra. Com as observações de campo percebe-se, ainda, que a parte calçada facilita para os pais com carrinho de bebês e cadeirantes.

Para compreendermos o parque como espaço de práticas turísticas, questionamos: “se você recebesse um visitante em Porto Alegre o traria até o Parque Farroupilha? Por quê?”. Todos confirmaram que “sim”, pois “*é um ponto turístico e geralmente as pessoas querem conhecer. Além disso, é um lugar bonito com bastante vegetação dentro de um centro.*”¹⁶⁸ (1º PF); “*a gente pratica o lazer no parque e depois vamos para os restaurantes que estão próximos*” (2º PF); “*principalmente no domingo onde tem o Brique que é uma referencia cultural, tem os artesãos, tem os trabalhos, enfim, a comercialização das lembranças, sem contar com os eventos culturais*” (6º PF) e “*uma das primeiras opções de turismo é o parque. Aliás, no domingo você já leva o visitante no Brique e ao Parque*” (8º PF).

A apropriação do parque pelos cidadãos, seja pelos seus fixos - infraestrutura - ou pelos seus fluxos - expressões culturais, artísticas e históricas - faz com que eles o considerem como um espaço representativo para a comunidade, conseqüentemente, atrativo para o turismo.

Em continuidade, foram efetuadas quatro perguntas relacionando o Parque Farroupilha com a cidade. Primeiramente, “você acha que o Parque Farroupilha representa algo para a história da cidade?”, todos os entrevistados concordaram que “sim”. Dentre algumas respostas apresentadas, destacam-se: “*o parque é um marco aqui de Porto Alegre. É um ponto turístico, representa bastante para o lazer da cidade.*” (1º PF); “*o parque tem um significado muito importante: representa Porto Alegre e a prefeitura.*” (2º PF); “*ele é um ponto de referência estratégico para a cidade em termos de turismo, lazer, cultura, sem contar que esse parque tem uma historia de gerações que criaram seus filhos... Eu tenho fotos dos meus filhos pequenos aqui.*” (6º PF); “*representa tudo na verdade... É igual às cidades do interior que tu tem a pracinha e os poderes em volta.*” (8º PF) e “*é o parque mais tradicional da cidade. É o bairro mais aberto da cidade com a presença de diferentes culturas.*” (12º PF).

Diante das explicações acima mencionadas, pôde-se constatar que o Parque Farroupilha é um espaço de referência histórica, cultural e de lazer da população. Com relação ao lazer, o parque é um espaço tradicional para as famílias interagirem, assim sendo, esse espaço tem sido representativo para todas as

¹⁶⁸ Paes-Luchiari (2007, p. 36) diz que: “é essa experiência visual, olfativa, tátil, auditiva, de relação, de ruptura, de superação que a imersão na paisagem natural proporciona e atrai o olhar do turista.” (p. 36).

gerações e, com certeza, será para as vindouras, porque se constitui por suas práticas de lazer e pelo que delas se desdobra.

Em continuidade, questionou-se: “você imagina a cidade sem o Parque Farroupilha? Como seria?”. Todos responderam que “não conseguem imaginar”, apresentando as seguintes opiniões: *moro ao lado/em frente e nem imagino não ter a presença do parque; a cidade seria mutilada, pois o parque representa Porto Alegre; o parque é bonito e, ainda, é um espaço para o lazer/convívio da população.* A terceira pergunta foi: “você acha que o Parque Farroupilha é importante para a cidade? Por quê?”. O total dos entrevistados acredita que o Parque é muito importante para Porto Alegre, por ser um espaço de lazer; refúgio do cotidiano; presença da natureza e um ponto de encontro das pessoas. Por último, a pergunta simulou a ideia de diminuir a área do Parque Farroupilha e todos os entrevistados foram contra diminuir o espaço do parque; e a maioria enfatizou a opinião de que, se possível, se deveria ampliar o parque.

Desse modo, o Parque Farroupilha, como um espaço de lazer disponível a uma esfera da maioria da população, representa um local de manifestação cultural tanto da cidade quanto dos seus frequentadores. Representa também uma forma de revitalização urbana, possibilitada pelas práticas sócio-espaciais que transformam a relação dos habitantes com a cidade por estabelecer a (re)apropriação/(re)aproximação da população com a *urbe*.

Por meio do questionário e das observações no Parque Farroupilha foi possível perceber que seus frequentadores desfrutam ao máximo das opções de lazer que ele possibilita. Como é um espaço que atrai uma parcela significativa da população, pôde-se inferir que as pessoas o vivenciam de forma não rotineira, praticando o turismo cidadão, como lembram Gastal e Moesch (2007).

A importância do parque para o dia a dia dos cidadãos pode ser confirmada com as respostas dos entrevistados ao serem questionados sobre: “como você se sente após visitar o Parque Farroupilha? Por quê?”. Todos disseram que se sentem muito bem e têm a sensação de: descanso, tranquilidade, energia positiva, paz consigo mesmo, *aliviado, saí da rotina, aproveitei bem o dia, descarrego a tensão e o estresse do dia a dia.* Destarte, pelo fato de o Parque Farroupilha ser um espaço público que promove a história, a cultura e o lazer, os porto-alegrenses tendem a valorizá-lo e a preservá-lo.

Conclui-se, portanto, que os parques urbanos, espaços com a presença da natureza, são espaços públicos importantes porque contemplam uma gama de atividades esportivas, culturais, educativas, artísticas, ambientais, dentre outras. Por conseguinte, é essencial o planejamento desses parques nas cidades, pela sua importância tanto no aspecto ambiental quanto para o lazer da população, tornando-se uma fonte de qualidade de vida para todos.

3.2 BOSQUE DOS BURITIS

O Bosque dos Buritis é um parque urbano constituído no Plano Original da Cidade de Goiânia, apesar disso ele não é apropriado pela população com a mesma intensidade que o Parque Farroupilha. Pode-se dizer que o motivo esteja ligado a questões culturais. Conforme o Sistema Municipal de Unidades de Conservação e Parques Urbanos de Goiânia (SMUC), os parques são:

Um espaço territorial urbanizado com equipamentos sociais que permitem atividades de lazer, cultura e educação e a preservação de áreas verdes com características naturais não necessariamente originais legalmente instituído pelo Poder Público e limites definidos sob regime especial de administração ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. (SMUC, 2003, p. 07).

Com as observações em campo, notou-se que nos dias úteis existe maior concentração de pessoas no início da manhã, no horário do almoço e no final da tarde. Nos demais horários, o parque é pouco frequentado. Nas visitas realizadas nos finais de semana, constatou-se que o número de pessoas é maior que no meio da semana. Dos entrevistados no Bosque dos Buritis, comprovou-se que 71% dos frequentadores moram em bairros afastados¹⁶⁹ do parque, enquanto que 29% moram no bairro ou em região circundante¹⁷⁰. Assim sendo, apesar da distância, os cidadãos buscam o Bosque dos Buritis em suas práticas de lazer. Isso parece

¹⁶⁹ Bairros afastados: Colina Azul (Aparecida de Goiânia**), Santa Luzia (Aparecida de Goiânia), Senador Canedo (Município de Goiás), Nova Era (Aparecida de Goiânia), Recanto do Bosque, Jardim Califórnia, Parque Trindade (Aparecida de Goiânia), Bueno, Jardim Nova Esperança, Jardim Curitiba e Jardim Guanabara. ** Aparecida de Goiânia é um município brasileiro do estado de Goiás. Localiza-se na Região Metropolitana de Goiânia.

¹⁷⁰ Bairros próximos ou circundantes: Oeste, Aeroporto e Central.

indicar que usufruem de sua cidade buscando novas paisagens e olhares distintos sobre o seu cotidiano.

Com relação a observar os detalhes da paisagem e perceber a presença do parque no meio urbano, a autora Dias (2010) acrescenta que é preciso “[...] despertar a nossa visão quase sempre esquecida, colocando-a em movimento para olhar o habitual, (des)conhecer o (in)comum, olhá-lo novamente, uma vez mais...” (p. 290). A autora ressalta ainda que “a paisagem cotidiana se origina de uma experiência do espaço rotineiro, do momento em que lhe conferimos um novo sentido.” (Dias, 2010, p. 294). Assim, é preciso, então, evocar uma percepção cotidiana transformadora e alerta às variadas paisagens que constituem a cidade.

Nessa perspectiva, os cidadãos apropriam-se de sua cidade em seu tempo disponível e de modo não rotineiro. A autora Gastal (2005) destaca que:

[...] mesmo aquelas pessoas que, morando numa grande cidade, num determinado bairro, aproveitam o fim de semana para buscar outros espaços nessa mesma cidade – um parque, uma praia, um grande evento acontecendo num centro de convenções, uma festa de devoção religiosa... [...]. (p. 12).

Os elementos mencionados remetem à ideia da pesquisa, relacionada a um olhar atento aos detalhes e às diferenças das paisagens cotidianas¹⁷¹, permitindo maior percepção e usufruto de sua cidade, indo ao encontro das práticas de turismo cidadão, conforme os estudos de Gastal e Moesch (2007). Moesch (2012, p. 205) reitera que “[...] é preciso conceber a cidade como rede de significações, identidades, e pertencimentos, na qual o estético, o turístico e o lúdico sejam direitos integrados ao cotidiano das pessoas.”.

No que concerne à frequência com que os entrevistados visitam o Bosque dos Buritis, a pesquisa tomou como base duas divisões gerais: os visitantes são aqueles que vão ao parque esporadicamente e os frequentadores são aqueles que vão ao parque com certa regularidade¹⁷². Dessa forma, tomamos como embasamento o tempo de frequência dos entrevistados: aqueles que vão ao parque no prazo máximo de um mês são frequentadores - que se apropriam do parque e o

¹⁷¹ “[...] as paisagens possuem significados variados, com um alto grau de subjetividade, e que dependem, sobretudo, de quem as observa, consome ou vive nelas, ou seja, dependem da relação que se estabelece entre paisagem e seu observador.” (SANSOLO, 2007, p. 49).

¹⁷² Essa distinção foi utilizada apenas para o Bosque dos Buritis, pelo fato de o Parque Farroupilha não ser frequentado pelos entrevistados por um período superior a um mês.

vivenciam de forma não rotineira - e aqueles que vão em intervalo superior a um mês são visitantes - apesar de não usufruírem do parque constantemente acreditam que é um espaço de lazer importante para Goiânia.

Nessa perspectiva, 71% são frequentadores e 29% são visitantes. No tocante à regularidade da frequência, os 71% dos frequentadores, estão divididos em: “*uma vez por semana*” 19%; “*diariamente*” 14%; “*horário do almoço*” 14%; “*uma vez por mês*” 9%; “*quase todos os dias*”, “*quatro vezes por semana*” e “*três vezes por semana*” 5% cada. Em contrapartida, dos 29% que são visitantes, 14% vão “*raramente*”, 10% vão “*de 4 em 4 meses*” e 5% vão “*de 2 em 2 meses*”. Apesar de nosso estudo não ser comparativo, como dito anteriormente, o aproveitamento do Bosque dos Buritis é menor do que o do Parque Farroupilha; no entanto, foi perceptível que aqueles que se apropriam do parque estabelecem uma (re)aproximação com a sua cidade, pelas práticas de lazer e turismo cidadão.

Com as entrevistas, constatou-se que 100% dos visitantes moram em bairros longe do parque, enquanto que, dos frequentadores, 60% moram longe e 40% em bairros próximos. Esse dado pode ser justificado pelo fato de o parque estar em uma região central, como confirmado pelo 11º BB: “*a localização central facilita o acesso das pessoas de qualquer canto da cidade.*”. Fica evidente, portanto, que a proximidade com o parque é um fator responsável pelo indivíduo ir com mais frequência, enquanto que os frequentadores que moram longe vão com frequência mais espaçada. Destaca-se que, dos 21 entrevistados, quatro vão ao parque em seus horários de almoço, logo, eles frequentam o parque quase todos os dias. O fato de o Bosque dos Buritis estar próximo de espaços comerciais e institucionais - com destaque ao Tribunal de Justiça e Fórum – faz com que esse espaço seja apropriado no horário de almoço para o descanso das pessoas. Dentre os entrevistados que usufruem do parque nesse horário, esses destacaram que a presença da natureza é um facilitador para recompor as energias e voltar para o trabalho com boa disposição.

Quanto ao meio de transporte utilizado pelos entrevistados: nove foram ao parque a pé; sete de ônibus; quatro de carro e um de moto. Do total de entrevistados, apenas seis moram próximos ao parque, conseqüentemente vão a pé. Os três restantes que vão a pé, apesar de morarem longe, vão a pé por frequentarem o parque em seu horário de almoço.

O fato de o Bosque dos Buritis ficar próximo a vias de fácil acesso e com grande disponibilidade de transporte público faz com que ele se torne um espaço atrativo para o lazer da população de distintos bairros. Em referência a esse assunto, Serpa (2007) diz que a facilidade de acesso também pode estar relacionada com a proximidade com os locais usuais dos frequentadores (próximo a casa, trabalho e ao bairro central¹⁷³), conseqüentemente, torna-se um espaço atrativo/percebido pelas pessoas que ali frequentam.

Assim sendo, a qualidade do transporte coletivo e a proximidade com espaços comerciais/residenciais; públicos/privados e órgãos públicos atraem maior quantidade de pessoas. Essas explanações sobreditas vêm ao encontro do posicionamento do 12º BB ao descrever o que acha de o parque estar localizado em uma região central: *“considero de grande valia para as pessoas, pois serve de lazer para a população em geral, moradores e trabalhadores que o utilizam como centro de lazer e descanso em seu dia a dia. Além de residências próximas, temos diversos comércio, lojas e órgãos públicos nas proximidades.”*

Diante do exposto, compreende-se que os parques urbanos como espaços públicos com áreas verdes e de lazer fazem parte dos espaços urbanizados e edificados, logo, incorporam-se ao ambiente. Neste sentido, o espaço dos parques urbanos deve “articular os atores sociais e as várias situações ambientais, visando a atender aos requisitos ambientais (formas de vida), aos requisitos funcionais (eficiência do lugar) e aos valores estéticos culturais da sociedade, definidos de acordo com o tempo.” (EMÍDIO, 2006, p. 146).

A resposta ao questionamento: “você acha que o Bosque dos Buritis é de fácil acesso? Como você avalia a localização do parque?”, reitera a afirmativa de que a localização central facilita o acesso. Assim sendo, 99% afirmaram que o parque é de fácil acesso¹⁷⁴. Conforme a avaliação dos entrevistados, a acessibilidade do parque é justificada com os seguintes posicionamentos: *“as pessoas que já conhecem o centro de Goiânia, têm mais facilidade de visitá-lo”* (9º

¹⁷³ A ideia do desfrute do parque por pessoas que vão ao Setor Central pode ser observada na fala da entrevistada: *“fomos resolver algumas coisas no centro e aí tínhamos que pegar outro ônibus para voltar para casa e não estava na hora de passar o ônibus... resolvemos ficar um pouco no parque para depois ir embora.”* (3º BB).

¹⁷⁴ Um dos entrevistados não considera o parque de fácil acesso, justificando o seu posicionamento com base na questão do transporte coletivo, pois o ônibus que pegou para ir até o parque para somente na Praça Cívica que é uma média de distância de duas quadras. Ele acha que tem que haver mais opções de ônibus que passem na avenida ao lado do parque (3º BB).

BB); “*considero de fácil acesso, com boa localização e disponibilidade de vagas para estacionar o veículo por todo o perímetro do parque*” (12º BB) e “*é mais fácil para as pessoas que moram próximo, mas mesmo para quem mora distante é fácil, pois tem uma diversidade de ônibus que passam próximo do parque.*” (14º BB).

Concernente a esse assunto colocou-se a seguinte questão aos entrevistados: “o que você acha de o Bosque dos Buritis estar em um bairro central da cidade?”. Os 100% dos entrevistados disseram que acham muito bom/ótimo a presença do parque no bairro central de Goiânia. Dentre suas justificativas, eles apontaram que a localização, facilidade de acesso e a arborização atraem as pessoas.

Com relação à presença da natureza em meio à paisagem urbana¹⁷⁵, o seu valor estético e de bem-estar para o indivíduo está vinculado à escolha de vivência dessa paisagem, estreitando o contato do homem com a natureza, permitindo experiências marcantes com o mundo natural.

As afirmativas mais significativas com relação à localização em uma região central foram: “*muito bom, porque contrapõe com os ambientes urbanos e a presença da natureza faz com que a gente se sinta fora da cidade e ainda mais, nem lembra que está bem no centro da cidade*” (4º BB); “*devido à localização e por ser bem arborizado ajuda as pessoas a frequentar. A localização facilita o acesso das pessoas de qualquer canto da cidade*” (11º BB); “*muito bom, porque as pessoas de diversas regiões de Goiânia têm acesso ao parque devido à facilidade de várias e grandes avenidas próximas*” (18º BB); “*importante por ser um espaço no centro da cidade que ajuda a tirar o stress*” (14º BB) e “*o Parque chama atenção das pessoas que passam ao redor devido à presença da natureza em um bairro central.*” (20º BB).

Sobre as especificações dos entrevistados constatou-se que a presença da natureza é um forte atrativo do parque. Franco (2001, p. 89) diz que essa sensação de busca e retorno à natureza nos centros urbanos se dá pela “sensação agradável de volta ao lar ou a de religar-nos às fontes primordiais da vida.”. Quanto à presença da natureza no Bosque dos Buritis, perguntou-se aos entrevistados: “você vê o

¹⁷⁵ Cauquelin (2007, p. 148) apresenta a expressão paisagem urbana: “[...] parece contraditar a noção natural de paisagem, tanto porque nega a relação muito próxima entre paisagem e Natureza, como pelo conteúdo, heteróclito, muitas vezes sórdido, oferecido pela visão de uma cidade erigida em torres disparatadas, trespassada de terrenos vagos, saturada de sujeiras e banhada pela fumaça opaca das essências artificiais...e, não obstante tudo, vemos o espetáculo como paisagem.”



FIGURA 161 – Contemplação e contato com a natureza.
Fonte: MELO, 2012.

Bosque dos Buritis como um espaço que favorece a contemplação da natureza? Justifique.”. Dos entrevistados, 100% acreditam que sim; eles mencionaram que a natureza no parque é vivenciada pela presença de árvores, pássaros, peixes, tartarugas, água e o ar livre/fresco (Figura 161).

Os aspectos naturais supramencionados, presentes no parque, são relevantes por contrastarem com os ambientes urbanos e contribuírem para que os indivíduos fiquem tranquilos, relaxados e com mais disposição, resultando em benefícios para a vida estressada do cotidiano:

A ruptura do cotidiano, o descotidianizar, permite, em maior ou menor grau, sair da reprodução massiva, ossificada nas rotinas obrigatórias e previsíveis, tornando-se tanto um ângulo potencialmente revelador de aspectos desconhecidos da realidade quanto uma posição diferenciadora dos indivíduos. (RIBEIRO; BARROS, 1997, p. 36).

Quanto à contemplação, Gomes e Elizalde (2012, p. 83) a relacionam com as práticas de lazer que causam a introspecção, descrevendo que: “[...] a meditação, a contemplação e o relaxamento – [...] podem representar significativas experiências pessoais e sociais graças ao seu potencial reflexivo.” Dessa forma, a contemplação, admiração e meditação no meio natural proporcionam aos indivíduos energia vital e passam a ser uma atividade prazerosa em sua vida.

Os entrevistados destacaram, ainda, que a presença da natureza no parque causa as seguintes sensações: “*é um verdadeiro oásis em Goiânia*” (8º BB); “*Respiro melhor e não sinto o cheiro de fumaça*” (10º BB); “*quando estou dentro do parque escuto o canto dos pássaros e parece que nem estou na cidade*” (19º BB) e “*ajuda no contato e preservação da natureza, principalmente na conscientização das crianças.*” (11º BB). O contato das crianças com os ambientes naturais é de suma importância, porque desperta nelas o respeito pela natureza e elas sentem interesse em preservá-la. Os parques urbanos são, por conseguinte, um espaço representativo onde as crianças aprendem de forma divertida e prazerosa sobre

plantas e animais. Destaca-se, ainda, que a presença das placas educativas espalhadas pelo Bosque dos Buritis promove a educação ambiental dos seus usuários.

Desta maneira, constatou-se nas respostas dos entrevistados o sentimento advindo de estar em contato com a natureza: *“gosto desse contato com a natureza, porque sou do interior e lá sempre tem a presença da natureza”* (1º BB); *“a natureza faz a gente sentir a presença de Deus aqui... é muito bom, por exemplo, a árvore é coisa de Deus, assim tem a presença de Deus aqui”* (2º BB); *“se eu pudesse ficava no meio do mato... a cidade e o trânsito me cansam. Quando chego ao parque estou no céu, em paz comigo mesmo”* (7º BB) e *“ao redor tem muitas avenidas e barulho e quando entro no Bosque já sinto a presença da natureza, tornando o espaço mais silencioso, calmo e de descanso.”* (14º BB). Além de proporcionar essa (re)aproximação com a natureza, o parque valoriza também as habitações próximas, que exploram uma estratégia de marketing em que se enfatiza a qualidade de vida, as questões estéticas e a atratividade do lazer (Figuras 162 e 163).



FIGURA 162 – Passeio pelo parque no Circuito das Águas: destaque pela presença das árvores e água.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 163 – Observação da natureza na Fonte Central.
Fonte: MELO, 2012.

Ressalta-se, ainda, que o contato com a natureza é uma fonte tanto de saúde física quanto de saúde mental; logo, quanto mais tempo o indivíduo passar em ambientes naturais mais aumentam a sensação de bem-estar, felicidade e saúde. Desta maneira, quando a paisagem e a natureza nos espaços cotidianos passam a ser percebidas, a vivência no meio urbano torna-se uma experiência paisagística singular.

Destarte, com o questionamento: “o que você mais gosta do Bosque dos Buritis?”, dos 14 entrevistados que responderam a essa pergunta, 11 deles mencionaram o “*contato com a natureza*”, reafirmando a importância da natureza nas práticas de lazer e de descanso das pessoas. Como lembram os estudos de Mendonça (2012), a natureza oferece estímulo a reflexões sobre a vida, sentimento de tranquilidade e relaxamento. A resposta dos três entrevistados restantes sobre o que mais gostavam do parque também vem ao encontro da ideia da autora Mendonça, ao mencionar que é o fato de o parque “*proporcionar um ambiente calmo e tranquilo*”. Por sua vez, o planejamento da natureza no contexto da cidade é de suma importância, posto que a natureza se contrapõe aos ambientes urbanos por proporcionar um ambiente agradável, tornando-se uma fonte de equilíbrio e de qualidade de vida aos seus habitantes.

No que se refere às preferências dos entrevistados em visitar o Bosque dos Buritis, perguntou-se: “o que o motiva a visitar o Bosque dos Buritis?”, os entrevistados relacionaram suas respostas com o ambiente do parque: *é calmo e tranquilo; o ambiente é bom para descansar; é próximo de casa/serviço; a presença da natureza; gosto de refletir sobre a vida*¹⁷⁶ e *é o local no qual pratico o meu lazer e/ou de minha família*. A impressão singular do espaço advém da nossa subjetividade, daquilo que vemos e de como aprendemos a ver por meio de nossas histórias, culturas, costumes... o que acarreta percepções diferenciadas em que cada um vai compondo uma maneira própria de se relacionar com esses espaços.

Como espaços de sociabilidade e de lazer, os parques urbanos têm sido utilizados por grupos heterogêneos de pessoas. Os parques urbanos são capazes de oferecer um sistema complexo de atrativos, ocasionando a interatividade entre seus frequentadores. Com intuito de verificar quais atividades de lazer os entrevistados sabiam que o parque oferece, perguntamos: “que tipo de lazer o Bosque dos Buritis possibilita?”. Eles mencionaram: pista de caminhada; parque infantil; contato com a natureza; vendedores de pipoca, água de coco e picolé; Centro Livre de Artes¹⁷⁷; orquidário; bancos; fonte central e espaço para yoga.

¹⁷⁶Conforme Ferreira (2007, p. 7): “sujeito de sua própria história, o indivíduo enfrenta a natureza para defrontar-se com seu corpo, e, assim, em sua representação máxima, defrontar-se consigo mesmo.”. Essa afirmativa vem corroborar a ideia de que a relação homem-natureza influencia diretamente nas questões físicas e psíquicas do indivíduo.

¹⁷⁷ Com as observações em campo, percebeu-se que o perfil de frequentador próximo ao Centro Livre de Artes é o de crianças ou adolescentes, por estarem no intervalo – chegada e/ou saída - de suas

Com intuito de verificar sobre o desfrute do parque, questionamos: “quais atividades você pratica?”. Assim, obtivemos maior diversidade de apropriações. Os entrevistados citaram: “*observar a natureza*” (oito respostas); “*caminhada*¹⁷⁸” (quatro respostas); “*sento próximo à fonte central*¹⁷⁹” (três respostas); “*conversar com outras pessoas*” (duas respostas); “*trazer as crianças para o parque infantil*” (duas respostas); “*ler livros/revistas/jornais*” (duas respostas) e “*alongamento*” (uma resposta) (Gráfico 3) (Figuras 164, 165, 166 e 167).

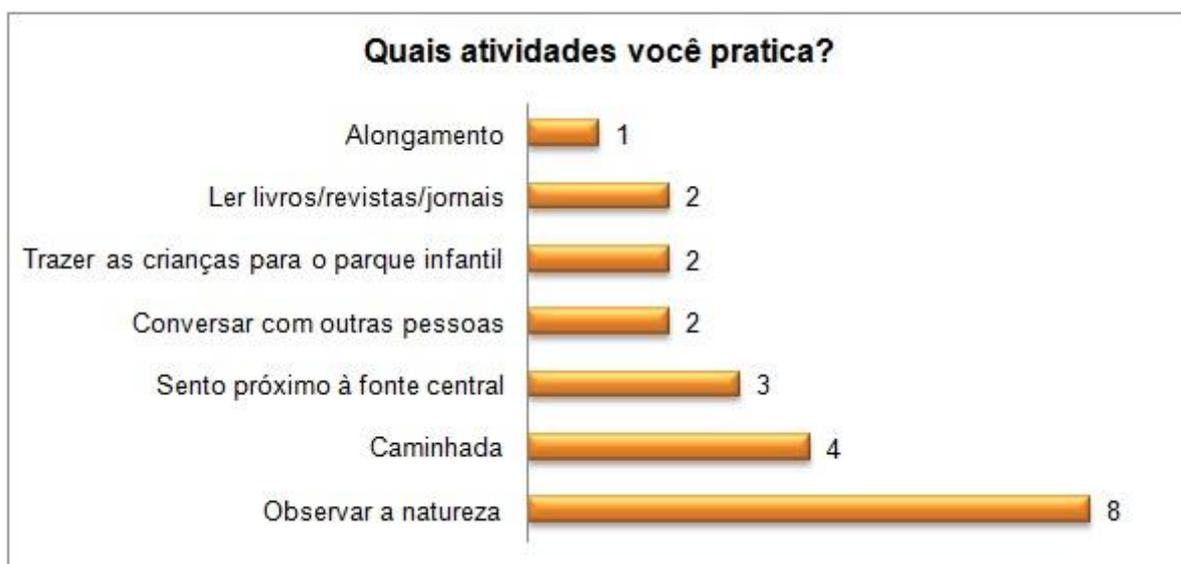


GRÁFICO 3 – Quais atividades você pratica?

aulas e algumas mães acompanhando-os, há aqueles que estudam os seus instrumentos musicais nesse local do parque.

¹⁷⁸ A caminhada influencia tanto os aspectos físicos quanto os psíquicos e essa, realizada em contato com a natureza, é ainda melhor, por ter efeito calmante e tranquilizante permitindo que o indivíduo se energize. Nesse sentido, Mendonça (2012, p. 152-153) descreve a prática de atividade física ligada aos estímulos da natureza: “o exercício físico aliado ao estímulo à sensibilidade pode gerar uma espontaneidade que faz emergir sentimentos profundos, reflexões e inquietações sobre o sentido da vida, sobre o significado do fazer diário, sobre nossas possíveis origens e destinos. São reflexões que podem estar livres das emoções relativas aos comportamentos dos outros ou às regras sociais que estão acostumados.”

¹⁷⁹ Em relação aos dois lagos principais, o Lago da Fonte, onde se localiza a fonte central, e o Lago das Ilhas, percebeu-se que as pessoas que frequentam o primeiro estão em sua maioria observando a natureza; enquanto que, no segundo, a maioria das pessoas está com as crianças no parque infantil que fica ao lado do lago ou brincando em um gramado próximo.



FIGURA 164 – Observar a natureza próxima à fonte central.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 165 – Caminhada ao redor do parque.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 166 – Socialização pelo parque.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 167 – Crianças no parque infantil.
Fonte: MELO, 2012.

Como já apontado, as práticas de lazer nos parques urbanos são influenciadas pelo contexto histórico, social e cultural do sujeito e pelo ambiente – características, infraestruturas e atividades oferecidas. Destarte, o lazer está intrínseco às vivências sociais e às manifestações culturais que possuem significações singulares para cada sujeito e/ou grupo de pessoas.

Com relação ao questionamento sobre os frequentadores visitarem o parque sozinhos ou acompanhados, 53% dos entrevistados responderam que vão sozinhos; 37% acompanhados; e 10% acompanhados ou sozinhos, dependendo do dia. Dentre os acompanhantes dos entrevistados, apareceram apenas familiares: marido/esposa; mãe; filho; neto; sobrinho; irmão; cunhado e genro (Figuras 168 e 169).



FIGURA 168 – Lazer em família.
Fonte: MELO, 2012.



FIGURA 169 – Lazer em família.
Fonte: MELO, 2012.

O lazer é uma prática social com possibilidade de trocas culturais que favorecem/contribuem para o relacionamento entre as pessoas. Nesse sentido, questionamos: “*você se socializa com outras pessoas que estão no parque?*”, com intuito de verificar se o Bosque dos Buritis é um espaço de socialização. Dos entrevistados, 100% disseram que socializam com as pessoas presentes no parque, destacando que: “*sempre converso com as pessoas que estão ao redor e/ou encontro com conhecidos*” (20° e 21° BB) e “*o(s)meu(s) neto(s)/meu(s) filho(s) brincam com outras crianças*” (8° e 9° BB).

Com base nesses dados e nas observações em campo, constatou-se que o Bosque dos Buritis é um parque voltado para o lazer em família. E pelas falas dos entrevistados e na observação em campo concluiu-se que a socialização no parque acontece com frequência e de forma natural, decorrente do ambiente agradável do espaço, que advém em sua maioria pelo contato com a natureza que torna as pessoas mais gentis e amáveis umas com as outras.

Pode-se inferir que ao apropriar-se/aproximar-se do parque os indivíduos estabelecem laços de significado e importância com o espaço público, tornando-se a frequência ao parque contínua. Compreende-se que esse envolvimento e vivência com a paisagem de sua cidade, fora do seu cotidiano, possibilitam a prática do turismo cidadão.

Com intuito de saber a opinião dos frequentadores sobre a infraestrutura que o parque oferece, perguntamos: “*você acha que a infraestrutura do Bosque Buritis é suficiente? Se não... O que você acha que deveria ser acrescentado/melhorado?*”. O estudo obteve a resposta de que 61% dos entrevistados acham a infraestrutura suficiente, enquanto que 39% deles acham que se devem acrescentar/melhorar

alguns itens no parque, como: *“ter atividades culturais: artísticas, musicais e teatrais”* (4ª; 9º e 10º BB); *“mais sanitários e colocar um mais centralizado, condizendo com a estrutura do local”* (5º BB); *“ter mais atrativos”* (10º BB); *“atividades para os idosos”* (10º BB); *“posto turístico com informações sobre o parque e a cidade”* (11º BB); *“constante manutenção”* (14º BB) e *“mais aparelhos de ginástica”* (16º BB).

Como descrito no decorrer do texto, o Bosque dos Buritis é um espaço representativo para os cidadãos, perguntamos então: *“o Bosque dos Buritis é um espaço que faz parte do lazer da população?”*; as respostas dos entrevistados confirmam essa afirmativa. A totalidade de entrevistados acredita que o Bosque dos Buritis é importante para o lazer dos cidadãos. Eles justificaram que: *“principalmente para a região das pessoas aqui do Setor Oeste e Central. É o melhor lugar para se socializar, para descontrair, para ter o seu momento de entretenimento com a natureza. Eu acho o parque uma referência de entretenimento das pessoas na Região Central de Goiânia”* (6º BB); *“encontramos pessoas de outros setores, que fluem para cá. Não é só uma unidade de vizinhança, o Bosque é realmente um lazer para a comunidade goianiense como um todo. Ele também é muito importante para meu lazer e de meu neto”* (8º BB) e *“faz parte de meu lazer e da população, pois vejo e convivo com pessoas se divertindo e confraternizando por entre suas calçadas, desde crianças em seus carrinhos para bebê, até pessoas já com dificuldades para andar, mas que arrumam formas para estarem presentes em suas sombras e bancos aconchegantes”* (12º BB).

Os parques urbanos são espaços públicos que atendem primeiramente à população local, nesse sentido o Bosque dos Buritis é considerado um espaço importante para o lazer da população, possui qualidade físico-espacial e faz parte da história/cultura de Goiânia por constar no Plano Original da cidade.

As práticas de lazer são de grande importância para os indivíduos, no entanto, o lazer não deve ser pensado apenas como uma atividade para aliviar as tensões diárias e, sim, como um elemento que possibilita uma sociedade solidária. Segundo Gomes e Elizalde (2012, p. 85), deve haver

[...] a necessidade de promover uma educação crítica/criativa *por e para* o lazer, uma vez que ele representa uma possibilidade de refletir sobre a realidade na qual vivemos, para assim, podermos contribuir com as urgentes transformações que as sociedades humanas requerem para que sejam participativas, inclusivas, equitativas, democráticas e justas.

Com relação aos cidadãos perceberem o Bosque dos Buritis como um espaço representativo para o turismo, perguntamos: “se você recebesse um visitante em Goiânia, o traria até o Bosque dos Buritis? Por quê?”. Obteve-se 100% de respondentes afirmando que trariam ou já trouxeram alguém ao parque, “*por causa da tranquilidade, da natureza, da beleza e da segurança¹⁸⁰ transmitida com a presença de muitos guardas. É bonito aqui.*” (3º BB); “*é um lugar bonito. Geralmente as pessoas que vêm de fora gostam da presença do verde e também acham diferente. É uma referência para a cidade de Goiânia.*” (6º BB); “*valorizo muito, este Bosque é minha sala... a extensão da minha vida*” (8º BB) e “*é um cartão postal da cidade.*” (18º BB). Todavia, apesar de o Bosque dos Buritis não ser um parque tão utilizado pelos goianienses, o estabelecimento de uma imagem – de natureza, de beleza, de um espaço histórico para a cidade – torna o espaço significativo para representar a cidade.

Moesch (2012, p. 209) afirma que: “[...] o turismo é um conjunto de partes que produz qualidade e propriedades como destino turístico, que é a soma do lugar, dos serviços, da cultura, da vivência humana do encontro, da hospitalidade.”, assim sendo o turismo realiza troca com o meio circundante. Destaca-se então que, ao apropriar-se e vivenciar o espaço e a paisagem de sua cidade, os indivíduos acreditam que o parque seja importante tanto para o seu lazer quanto se revela um atrativo para as pessoas que visitam a sua cidade.

Nessa perspectiva, perguntou-se aos entrevistados: “você imagina a cidade sem o Bosque dos Buritis? Como seria?”. Todos responderam que “*não conseguem imaginar*”, apresentando as seguintes opiniões: “*não, porque é um espaço que representa o verde dentro desse setor, que é composto por muitas áreas comerciais e residenciais*” (4º BB); “*não, porque faz parte da história da cidade*” (6º BB); “*Seria chato. Pensa... só asfalto, carro, poluição, isto aqui é um pulmão da cidade. Se sair duas quadras para cima você já pode ver o quanto é quente e aqui dentro é fresco... localizado no centro é uma ótima ideia*” (7º BB); “*porque o Bosque dá uma alegria, uma vida para a cidade, porque na cidade já há um grande desmatamento para a construção de prédios e casas e se tirar o Bosque tira uma alegria da cidade*” (9º BB) e “*acredito que estaria faltando algo para a população, pois são inúmeros os*

¹⁸⁰ A segurança e a iluminação contribuem como atrativos positivos ao parque, pois aumenta a sensação de segurança e permite que as pessoas fiquem por mais tempo no parque.

benefícios: lazer sem custos ou com pequenos custos; ar renovado e puro dentro da cidade diante das inúmeras árvores e águas de seu bosque.” (12º BB).

Lynch (1997, p. 102, grifo da autora) aponta que: “[...] se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro *lugar*, notável e inconfundível.”, dessa forma, cada indivíduo tem associações diferenciadas da imagem de um mesmo espaço da cidade, conforme suas lembranças, identidade e história de vida. Inferimos, portanto, que os sujeitos que se apropriam das práticas sócio-espaciais no Bosque dos Buritis adquirem, cotidianamente, outro olhar sobre sua cidade.

Nesse sentido, perguntou-se aos entrevistados: “você acha que o Bosque dos Buritis é importante para a cidade? Por quê?”, sendo que 100% deles acreditam que o Parque é muito importante para Goiânia. Eles relataram que o Bosque é um espaço de lazer que serve para o descanso; ponto de encontro e socialização das pessoas; contato com a natureza; ajuda a educar as crianças, no sentido de preservar a natureza e a se socializarem; e, ainda, é um espaço verde importante para a Região Central da cidade.

Dentro da perspectiva da importância do Bosque dos Buritis em Goiânia, perguntamos aos entrevistados: “você acha que o Bosque dos Buritis representa algo para a história da cidade?”. Eles acreditam que, além de ser importante para a cidade, o parque faz parte de sua história, pelo fato de estar no Plano Original da Cidade. As assertivas apresentaram as seguintes elucidações: “*é o primeiro parque da cidade, então tem muito a ver com a história. Para mim o Bosque é o principal parque da cidade e é o mais antigo. Tem outros parques novos, mas o Bosque é referência da cidade em si*” (6º BB) e “*muito importante para a história de Goiânia, pois faz parte do Plano Original. O Bosque foi aprovado pelo Decreto 90 A, que foi aprovado em 1938, no entanto este esquema do decreto já tinha desde 1933. O Decreto incluía o conjunto do Bosque, o setor central e o setor oeste.*” (8º BB). Nessa perspectiva, o fato de o Bosque dos Buritis estar presente na cidade desde a sua criação traz aos cidadãos a sensação de que essa paisagem representa Goiânia.

O sentimento dos entrevistados pelo Bosque dos Buritis se compila na ideia de ser um espaço importante tanto para a cidade com a presença do verde, em seus

aspectos estéticos, históricos e sociais, quanto para a população em sua vivência de lazer. Essa percepção vem ao encontro dos seus posicionamentos quando se simulou uma pergunta embasada na ideia de diminuir a área do Bosque dos Buritis e todos os entrevistados foram contra diminuir o espaço do parque e enfatizaram os aspectos acima mencionados.

A importância do parque para o dia a dia dos cidadãos pode ser confirmada com as respostas dos entrevistados ao serem questionados de “como você se sente após visitar o Bosque dos Buritis? Por quê?”. Todos disseram que sentem prazer em estar no parque, pois proporciona o descanso; a sensação de tranquilidade e relaxamento; renova as energias; se sentem mais dispostos; traz paz, felicidade, alegria e diversão.

O lazer, como uma prática do sujeito na sua relação com os espaços da cidade, constrói sentidos, revela vivências que emergem da apropriação que fazemos de espaços como os dos parques urbanos, fundamentais para que a vida na cidade se constitua, sim, de excessos – de gente, ruído, carros – mas, também, de vazios que silenciam, por um determinado tempo, o ensurdecedor cotidiano que nos envolve.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento desordenado das cidades tem efeitos nocivos para o meio ambiente natural, resultante da modificação do espaço e da redução da cobertura vegetal, o que ocasiona alterações negativas nas condições ambientais e afeta o bem-estar da população.

As cidades, hoje, são densamente povoadas, resultando na criação de espaços e infraestruturas para atender às necessidades da população e esses processos de modificação nos centros urbanos - econômicos, políticos, comerciais, de serviços, tecnológicos, de informação, etc. - são, em sua maioria, regidos por questões capitalistas e não pelas relações sociais. O meio urbano, por suas características, leva a uma crescente demanda de espaços para o lazer, em especial, por “parques urbanos”, que são espaços públicos capazes de estabelecer relações sociais mediante práticas esportivas, educativas, culturais, artísticas e contemplativas em um ambiente saudável.

O estudo dos dois parques – Farroupilha e Bosque dos Buritis – teve como intuito vivenciar o seu uso cotidiano e perceber as formas de apropriação estabelecidas pelas práticas de lazer e turismo cidadão. Apesar de o Parque Farroupilha e o Bosque dos Buritis serem dois parques distintos, ambos são representativos para sua cidade e sua população, cada um com suas peculiaridades.

O Parque Farroupilha foi uma área que se constituiu ao longo do tempo em Porto Alegre, em consonância com a história, a cultura, a economia e o modo de vida da população porto-alegrense que, agora, desfruta e vivencia esse espaço em seus momentos de lazer. Por sua vez, o Bosque dos Buritis é um parque concebido no Plano Original da Cidade de Goiânia com intuito de preservar a área verde e as nascentes do Córrego Buritis. É perceptível que a constituição histórica dos dois parques influencia nas formas de apropriação que a sociedade estabelece, haja vista que o Farroupilha é um espaço marcado pelo encontro social e o Bosque dos Buritis se destaca pelo desejo da população de “encontrar” a natureza.

Ressalta-se, então, que o “olhar sobre as paisagens urbanas” é diferenciado para cada indivíduo, visto que as pessoas possuem experiências de vida e olhares

diversos. A vivência e o conhecimento, por parte da comunidade, das paisagens da cidade habitada permitem a prática do turismo cidadão que, por sua vez, conduz os cidadãos a desfrutar da diversidade de ambientes que ela proporciona, levando-o a (re)pensar, (re)ver e (re)avaliar as expressões locais (culturais, patrimoniais, de costumes e de arquitetura), o que ocasiona uma busca por melhor qualidade de vida e a preservação da infraestrutura de sua cidade.

O lazer como uma prática realizada individual e/ou coletivamente, em um “tempo” disponível, acarreta nos indivíduos a sensação de descanso, divertimento, prazer, satisfação, liberdade e paz, facilitando o contato com outras pessoas e até a vivência e a fruição do espaço envolvente. Logo, o lazer não é um fenômeno isolado, ele está inserido em diferentes contextos – históricos, culturais, políticos, educacionais, etc., - conforme os valores, significados, sentidos e saberes advindos de cada sujeito e a influência do meio no qual está inserido.

Os parques urbanos oferecem aos cidadãos a possibilidade de entrar em contato com a natureza. Contemplar a natureza é perceber aquilo que a anima: o vento, a brisa, o frescor da manhã... A importância de sua presença se dá, entre outros aspectos, pelo fato de que ela instala no cerne da cidade um outro tempo, uma outra situação espacial distinta do ambiente urbano. Criam-se paisagens, criam-se novos pontos para se observar a cidade.

Investigar a apropriação cotidiana desses dois parques, por parte dos habitantes das respectivas cidades, possibilitou-nos apresentá-los sob a ótica das práticas de lazer e turismo cidadão influenciadas pelas características e atividades oferecidas aos seus frequentadores, tentando mostrar, assim, que são várias as formas de (res)significar a experiência na cidade.

Os dois parques, localizados nas regiões centrais das duas cidades, são, portanto, representativos; de um lado, porque possibilitam a presença da natureza no meio urbano; e, de outro, porque oferecem diversas opções de atividades de lazer. Como apontado ao longo do texto, dentre as atividades praticadas pelos entrevistados e observadas na pesquisa de campo, realizada nos dois parques, destacam-se: caminhada; alongamento; meditação; tomar chimarrão; tomar sol; observar a natureza; ler; jogar bola; fazer piquenique; sentar na grama; conversar com os amigos, familiares e outras pessoas presentes no parque; passear com o

cachorro; namorar; crianças brincando no parque infantil; dentre outras. Além disso, as atividades artísticas e culturais também são apreciadas pelos frequentadores.

Cabe destacar que a localização, facilitada pelo acesso por diferentes avenidas, possibilita que distintas comunidades dos diversos bairros, das duas cidades pesquisadas, frequentem esses espaços, locomovendo-se de carro, de transporte público ou a pé.

O Parque Farroupilha é uma importante referência em Porto Alegre, isto se comprovou tanto nas falas dos entrevistados quanto na vivência da pesquisadora observando esse espaço. Por ser uma área bastante ampla, com forte presença da natureza, por atrair uma grande quantidade e diversidade de pessoas, por oferecer diversas opções de infraestrutura e atividades que atraem os cidadãos para a prática de lazer, o Parque Farroupilha é um espaço que constitui e dá vida à cidade. Lugar de paragem e de encontro com o(s) outro(s) em meio à *urbe*.

O Bosque dos Buritis é um parque cujas formas de apropriação de seus espaços ainda se encontram incipientes e distintas em sua intensidade. Porém, tal como ocorre no Parque Farroupilha, ele se firma como um espaço de grande importância para a população goianiense, pois as pessoas que o frequentam o consideram um local de encontro consigo mesmas, com a paisagem, com a natureza, com seus familiares e com os outros ao seu redor. Consequentemente, e de forma não rotineira, o habitante estabelece outras maneiras de se relacionar com a sua cidade, reaproximando-se de sua paisagem, (re)descobrimo o seu contorno.

O que foi evidenciado no Bosque dos Buritis foi a importância da presença da natureza, que os entrevistados e frequentadores observam e contemplam, e que lhes proporciona a sensação de estarem mais vivos, rejuvenescidos e energizados. Os entrevistados apontaram também a importância dessa natureza para a cidade, por ela proporcionar um ambiente que melhora a umidade do ar, diminui os poluentes, preserva elementos naturais, contrapondo-se aos aspectos – ruído, aridez, artificialidade, dentre outros – dos ambientes urbanos.

Como destacado, as peculiaridades dos dois parques em seus aspectos históricos, culturais, sociais e naturais os tornam atrativos para os cidadãos fazendo com que eles desfrutem desses espaços de forma não rotineira para, na pele de turista-cidadão, vivenciar uma (re)aproximação, uma (re)apropriação de sua cidade. (Re)significar a experiência urbana é reatar os laços com os locais que nos

envolvem e com as pessoas com as quais compartilhamos os espaços e as paisagens da cidade.

Assim sendo, as práticas de lazer e turismo cidadão devem estar em harmonia com o espaço urbano e é necessário que estejam aliadas à cidadania para que as pessoas tenham uma postura de minimizar os impactos nas paisagens locais, bem como de respeitar o princípio de que se trata de um bem comum.

Vale ressaltar ainda que os parques urbanos situados no coração das grandes cidades são importantes por se constituírem em espaços públicos voltados para as práticas de lazer barato e saudável, o que favorece, em princípio, a democratização de seus espaços. Distintas classes sociais, etárias e econômicas desfrutando de forma harmônica do mesmo espaço, o que pode, quem sabe, ampliar os elos sociais, além de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Por fim, podemos pensar que, à medida que os cidadãos se apropriam dos espaços de suas cidades, aqui dos parques urbanos estudados, mais possibilidades terão de compreender sua cidade, de se sentirem incluídos em seu traçado. Nesse movimento, emerge um lugar que lhes pertence: aquele de um habitante atento ao seu espaço, consciente de que a cidade acolhe, a um só tempo, a rotina e a repetição, a contemplação das paisagens rotineiras e o reconhecimento do(s) outro(s) que está/estão ao seu redor.

REFERÊNCIAS

ACERVO online anos 1980. Disponível em:

<<http://acervomag.blogspot.com.br/search/label/anos%201980>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

ACERVO online anos 1990. Disponível em:

<<http://acervomag.blogspot.com.br/search/label/anos%201990>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

AMMA - Agência Municipal do Meio Ambiente de Goiânia. MELO, Mariana Inocência Oliveira Melo. **Relação de parques construídos até março de 2012 em Goiânia.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <ascomamma@gmail.com> em 13 mar. 2012.

ANIMAIS são removidos do Minizoo da Redenção, em Porto Alegre. Disponível em:

<<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2011/12/animais-sao-removidos-do-minizoo-da-redencao-em-porto-alegre-3601473.html>>. Acesso em: 27 mar. 2012.

ARAÚJO, Leonardo (Diretor da sala histórica do Colégio Militar). **Parque Farroupilha** – sua história e atualidade. Reportagem realizada em maio de 2006, pela jornalista Marina Goulart. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=ossig49V99o>>. Acesso em: 12 abr. 2013. (Vídeo).

ÁRVORES notáveis no Jardim Botânico de São Paulo. (p. 64). s.d. Disponível em: <http://www.ibot.sp.gov.br/jardim/colecoes_plantas/%C3%81rvores%20do%20jardim.pdf>. Acesso em: 17 out. 2012.

AUDITÓRIO Araújo Vianna. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Audit%C3%B3rio_Ara%C3%BAjo_Vianna>. Acesso em: 15 abr. 2013.

BAILEY, Ariane/Unesco. 2010. Kyoto. Disponível em:

<<http://photobank.unesco.org/library/image/506/0C0866r76gBR2tnu4h46wFf7.jpg>>. Acesso em: 17 out. 2012.

BAILEY, Ariane/Unesco. 2010. Kyoto. Disponível em:

<<http://photobank.unesco.org/library/image/506/C88457RbxlzyO0Bc9a4mAt0c.jpg>>. Acesso em: 17 out. 2012.

BARCELLOS, Daniel Camara. Uma viagem pela história dos jardins. Disponível em: <<http://www.jardimdeflores.com.br/PAISAGISMO/A05daniel.htm>>. Acesso em: 15 out. 2012.

BARREIRA, Gentil/Imagem Brasil. s.d. Disponível em: <<http://www.imagembrasil.com.br/detalhes.aspx?imagem=12964&pos=18#>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

BARREIRA, Gentil/Imagem Brasil. Praia de Iracema. s.d. Disponível em: <<http://www.imagembrasil.com.br/detalhes.aspx?imagem=64990&pos=22>>. Acesso em: 17 out. 2012.

BARNARD, Giles. s.d. Disponível em: <http://www.royalparkspressimages.org.uk/index.php?option=com_datagallery&func=detail&catid=13&id=67&Itemid=0&template=user>. Acesso em: 15 out. 2012.

BENEDETTI, M. Villa d'Este, Tivoli (Italy) – Official Site/photogallery. s.d. Disponível em: <http://www.villadestetivoli.info/gall_06_e.htm>. Acesso em: 17 out. 2012.

BENEDETTI, M. Villa d'Este, Tivoli (Italy) – Official Site/photogallery. s.d. Disponível em: <http://www.villadestetivoli.info/gall_10_e.htm>. Acesso em: 17 out. 2012.

BERTRAND, Marc. Parc Montsouris: description. s.d. Disponível em: <<http://www.parisinfo.com/musee-monument-paris/71218/Parc-Montsouris>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

BETTMANN, Otto/Corbis. Illustration of the Hanging Gardens of Babylon. s.d. Disponível em: <<http://www.corbisimages.com/stock-photo/rights-managed/E276/illustration-of-the-hanging-gardens-of-babylon?popup=1>>. Acesso em: 17 out. 2012.

BETTMANN, Otto/Corbis. 1948. View of Greek Temple in Borghese Gardens. Disponível em: <<http://www.corbisimages.com/stock-photo/rights-managed/U01208ACME/view-of-greek-temple-in-borghese-gardens?popup=1>>. Acesso em: 15 out. 2012.

BUCKINGHAM Palace, London. s.d. Disponível em: <http://www.londontown.com/LondonInformation/Attraction/Buckingham_Palace/8022/imagesPage/22218/>. Acesso em: 17 out. 2012.

BRIQUE DA REDENÇÃO. Disponível em: <<http://briquedaredencao.com.br/brique/>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

BRISCOMBE, Anne Marie. s.d. Disponível em:
<http://www.royalparkspressimages.org.uk/index.php?option=com_datso_gallery&func=detail&catid=13&id=70&&template=user>. Acesso em: 15 out. 2012.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. 2ª reimpr. da 3ª ed. de 1992. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção primeiros passos; 172).

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Por que geografia no turismo? Um exemplo de caso**: Porto Alegre. IN: GASTAL, Susana (org.). Turismo 9 propostas para um saber-fazer. 2ª ed. (p. 131-143). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Comunicação, 4).

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007. (Coleção todas as artes).

CENTRAL Park: official website of New York city's. Disponível em:
<<http://www.centralparknyc.org/visit/things-to-do/>>. Acesso em: 15 out. 2012.

COMEÇA a demolição do Minizoo da Redenção. Disponível em:
<<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2011/12/comeca-a-demolicao-do-minizoo-da-redencao-3610820.html>>. Acesso em: 27 mar. 2012.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 25 fev. 2013.

COURS La Reine. Disponível em: <<http://www.obsidianportal.com/campaign/le-ballet-de-l-acier/wikis/cours-la-reine>>. Acesso em: 15 out. 2012.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CRUZADAS. Enciclopédia Barsa. Micropédia e Índice. São Paulo: 1997. p. 289.

DIAS, Karina. **Entre visão e invisão**: paisagem [por uma experiência da paisagem no cotidiano]. 1 ed. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Artes / VIS. Universidade de Brasília – UNB. 2010.

DORST, Jean. **Antes que a natureza morra**: por uma ecologia política. Tradução: Rita Buongermino. São Paulo. Editora: Edgard Blucher, 1973.

DRUMMOND, José Augusto. **Patrimônios natural e cultural**: endereços distintos nos espaços urbanos, rurais e selvagens. (p. 103-114). In: LUCHIARI, Maria Tereza

Paes; BRUHNS, Heloisa Turini; Célia Serrano (orgs.). **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DUPONT, Amélie. Parc Monceau: description. s.d. Disponível em: <<http://www.parisinfo.com/musee-monument-paris/71356/Parc-Monceau>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

EMÍDIO, Teresa. **Meio ambiente & Paisagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

ENCICLOPÉDIA Barsa. **Jardim**. São Paulo: 1997. Volume 8. p. 297-300.

ENCICLOPÉDIA Barsa. **Paisagismo**. São Paulo: 1997. Volume 11. p. 40-42.

ENCICLOPÉDIA Barsa. **Urbanismo**. São Paulo: 1997. Volume 14. p. 260-264.

ESTATUTO da cidade. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10257.htm>. Acesso em: 02 ago. 2011.

FALZONE, Michele/JAI/Corbis. 2004. The Yuyuan Gardens, Shanghai, China. Disponível em: <<http://www.corbisimages.com/stock-photo/rights-managed/42-17622602/the-yuyuan-gardens-shanghai-china?popup=1>>. Acesso em: 17 out. 2012.

FERREIRA, Lúcia da Costa. **Prefácio**. (p. 7-8). In: LUCHIARI, Maria Tereza Paes; BRUHNS, Heloisa Turini; Célia Serrano (orgs.). **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2001.

FRANCO, Sérgio da Costa (historiador). **Parque Farroupilha** – sua história e atualidade. Reportagem realizada em maio de 2006, pela jornalista Marina Goulart.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ossig49V99o>>. Acesso em: 12 abr. 2013. (Vídeo).

FREITAS, Omar Araújo Vianna retoma as atividades nesta quinta-feira com grande show coletivo. Zero Hora. 2012. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2012/09/araujo-vianna-retoma-as-atividades-nesta-quinta-feira-com-grande-show-coletivo-3891522.html>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. S.d.

FRACALOSSI, Igor. Clássicos da Arquitetura: Parque Eduardo Guinle / Lucio Costa. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/14549/classicos-da-arquitetura-parque-guinle-lucio-costa/>>. Acesso em: 16 out. 2012.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1997.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do Turismo).

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer – Conceções**. (p. 119-126). In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004a.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer – Ocorrência histórica**. (p. 133-141). In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004b.

GOMES, Christianne Luce; PINTO, Leila. **O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas**. P. 67-121. In: GOMES, Christianne Luce; OSÓRIO, Esperanza; PINTO, Leila; ELIZALDE, Rodrigo (orgs.). **Lazer na América Latina: tiempo libre, ocio y recreación em Latinoamérica**. Editora: UFMG, 2009.

GOMES, Christianne L; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes Latino-americanos do lazer = Horizontes latinoamericanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GUERRA, Abilio. **Lúcio Costa, Gregori Warchavchik e Roberto Burle Marx: síntese entre arquitetura e natureza tropical.** Revista: USP, São Paulo, nº 53, p. 18-31. março/maio 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/53/02-abilio.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2013.

GUIMARÃES, Euclides; MARTINS, Vera Lúcia Alves Batista. Qualidade de vida. p. 191-195. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

HEINTZ, Jean/Corbis. Parc des Buttes Chaumont. 2009. Disponível em: <<http://www.corbisimages.com/stock-photo/rights-managed/42-30964537/france-paris-parc-des-buttes-chaumont?popup=1>>. Acesso em: 17 out. 2012.

HENRIQUE, Wendel. **O direito à natureza na cidade.** Salvador: EDUFBA, 2009.

HISTÓRICO. Disponível em: <<http://www.parquinhodaredencao.com.br/site/conteudo/parquinho.asp>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

HISTÓRIAS e lendas de Santos. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300k16.htm>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

HISTÓRICO. MAG - Museu de Arte de Goiânia. Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/html/mag/>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

HISTORY: Villa d'Este. s.d. Disponível em: <<http://www.villadestetivoli.info/storiae.htm>>. Acesso em: 17 out. 2013.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã.** Tradução: Marco Aurélio Lagonegro. Estudos Urbanos Série e Vida Urbana. Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC: São Paulo, 1996.

INSTITUCIONAL. Disponível em: <<http://briquedaredencao.com.br/brique/institucional/>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

JARDIM Villandry. 2013. Latest Photographs. Disponível em: <<http://www.chateauvillandry.fr/en/>>. Acesso em: 17 out. 2012.

JOIAS preservadas em Botafogo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/posts/2010/07/28/joias-preservadas-em-botafogo-311578.asp>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

KLIASS. Rosa Grena. **Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade.** São Paulo: Pini, 1993.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Tradução: Contexto traduções. 3ª ed. ver. e. ampli. São Paulo: Aleph, 2009. (Série Turismo).

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. Editora: Claridade. São Paulo: 2003.

LEFRANC, David. Jardin du Luxembourg: description. s.d. Disponível em: <<http://www.parisinfo.com/musee-monument-paris/71393/Jardin-du-Luxembourg>>. Acesso em: 19 mar. 2012.

LEFRANC, David. Jardin des Tuileries: description. s.d. Disponível em: <<http://www.parisinfo.com/musee-monument-paris/71304/Jardin-des-Tuileries>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

LEI nº 12.344, de 26 de outubro de 2005. Estado do Rio Grande do Sul, Assembleia Legislativa e Gabinete de Consultoria Legislativa. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/Legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=49057&hTexto=&Hid_IDNorma=49057>. Acesso em: 16 abr. 2013.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. A natureza e a cidade: discutindo suas relações. p. 139-145. In: SOUZA, Maria Adélia A. de; SANTOS, Milton; SCARLATO, Francisco Capuano; ARROYO, Monica. **O novo mapa do mundo - natureza e sociedade de hoje**: uma leitura geográfica. 3ª ed. Editora: HUCITEC. Co-edição com a ANPUR (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional). São Paulo, 1997.

LE JARDIN du Luxembourg. Découvrez les photos du Jardin du Luxembourg. s.d. Disponível em: <<http://www.senat.fr/visite/photoHD/jardin3.html>>. Acesso em: 19 mar. 2012.

LE JARDIN du Luxembourg. Découvrez les photos du Jardin du Luxembourg. s.d. Disponível em: <<http://www.senat.fr/visite/photoHD/jardin21.html>>. Acesso em: 19 mar. 2012.

LUZ, Luiz Fernando. **Parque Farroupilha**: composição e caráter de um jardim público de Porto Alegre. Porto Alegre: 1999. (Dissertação de Mestrado)

LUZ, Luiz Fernando. **Parque Farroupilha**: o lago e os eixos como elementos de composição. ARQTEXTO (UFRGS). v. 1, n. zero, p. 85-93. Porto Alegre: 2000.

LUZ, Luiz Fernando; OLIVEIRA, Ana Rosa de. **Espaços de lazer e cidadania**: o Parque Farroupilha, Porto Alegre. Revista Arquitetura e Urbanismo, v. 92. São Paulo: 2000.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do Paisagismo no Brasil**. São Paulo: Gráfica Pancrom, 1999.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MAG - Museu de Arte de Goiânia. Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/html/cultura/unidades/mag.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

MARA, Tariana/Imagem Brasil. Parque Barigui. s.d. Disponível em: <<http://www.imagembrasil.com.br/detalhes.aspx?imagem=38370&pos=4>>. Acesso em: 17 out. 2012.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 7ª. ed. Campinas: Papirus, 1983. (Coleção Fazer/Lazer).

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1987. (Coleção Fazer/Lazer).

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1996. (Coleção educação física e esportes).

MARCELLINO, Nelson Carvalho. O lazer e os espaços da cidade. p. 65-92. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; Linhales, Meily Assbú (org.). **Sobre o lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e cultura**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2007.

MARTINS, Camila/RBS TV. A um mês da primavera, flores já colorem o Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/08/um-mes-da-primavera-flores-ja-colorem-o-rio-grande-do-sul.html>>. Acesso em: 27 maio 2013.

MARTINS JÚNIOR, Osmar Pires. **Uma cidade ecologicamente correta**. Goiânia: AB. 1996.

MARX, Murilo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Melhoramentos: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **O método nas ciências sociais**. In: MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª ed. Pioneira: Thomson Learning. 2001.

MELO, Mariana Inocência Oliveira Melo. Fotos dos Parques – Farroupilha e Bosque dos Buritis. 2012 (Visita em campo).

MENDONÇA, Rita. **Meio ambiente & natureza**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012. (Série Meio Ambiente).

MENEGAT, Rualdo (cood.); PORTO, Maria Luiza; CARRARO, Clovis Carlos; FERNANDES, Luís Alberto Dávila. **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

MILLER, Sara Cedar /Central Park Conservancy. [20--]. Disponível em: <<http://secure2.convio.net/cpc/images/content/pagebuilder/13537.jpg>>. Acesso em: 15 out. 2012.

MILLER, Sara Cedar /Central Park Conservancy. Central Park 1998 (Summer). Disponível em: <<http://secure2.convio.net/cpc/images/content/pagebuilder/13645.jpg>>. Acesso em: 15 out. 2012.

MILLER, Sara Cedar /Central Park Conservancy. [20--?]. Disponível em: <<http://secure2.convio.net/cpc/images/content/pagebuilder/16529.jpg>>. Acesso em: 15 out. 2012.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto. 2002.

MOESCH, Marutschka Martini. **Dimensão social**. (p. 203-218). In: BENI, Mario Carlos. **Turismo Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão: Desenvolvimento Regional, Rede de Produção e Clusters**. Manole: 2012.

MONTEIRO, Charles (historiador). **Parque Farroupilha** – sua história e atualidade. Reportagem realizada em maio de 2006, pela jornalista Marina Goulart. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ossig49V99o>>. Acesso em: 12 abr. 2013. (Vídeo).

MOLINA, Sergio. **Fundamentos del nuevo turismo**. 3ª. ed. México, 2005.

MONUMENTO à Paz Mundial. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_%C3%A0_Paz_Mundial>. Acesso em: 21 mar. 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Natureza: para pensar a ecologia**. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Gaia, 2007.

OI APRESENTA Araújo Vianna. Disponível em:
<<http://www.oiapresentaaraujovianna.com.br/Apresentacao.php>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

OLIVEIRA, Jarbas/Imagem Brasil. s.d. Disponível em:
<<http://www.imagembrasil.com.br/detalhes.aspx?imagem=39432&pos=14>>. Acesso em: 17 out. 2012.

PAES-LUCHIARI, Maria Tereza D. **Turismo e patrimônio natural no uso do território**. (p. 25-45). In: LUCHIARI, Maria Tereza Paes; BRUHNS, Heloisa Turini; Célia Serrano (orgs.). **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

PARQUE do Ibirapuera. Disponível em: <<http://www.parquedoibirapuera.com/sobre-o-parque/galeria-de-fotos/>>. Acesso em: 17 out. 2012.

PARQUE Farroupilha 74 anos. Porto Alegre: cidade da educação ambiental. Realização: Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) e Prefeitura de Porto Alegre. Apoio: SESC RS. 2009. (Folheto)

PARQUE Farroupilha. Disponível em:
<www.google.com.br/search?q=parque+farroupilha&hl=pt-BR&prmd=imvns&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=JLt5T9n6Lli2gwfqmbyrCA&ved=0CDUQsAQ&biw=2016&bih=1122>. Acesso em: 19 mar. 2012.

PARQUE do Flamengo. Disponível em:
<<http://www.feriasbrasil.com.br/rj/riodejaneiro/parquedoflamengo.cfm>>. Acesso em: 17 out. 2012.

PARQUE Municipal Américo Renné Giannetti. Disponível em:
<<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativos-turisticos/culturais-lazer/parque-municipal-americo-reneegiannetti>>. Acesso em: 17 out. 2012.

PARREIRAS, Bia. Parque do Carmo. s.d. Disponível em:
<<http://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/parque-do-carmo>>. Acesso em: 17 out. 2012.

PASSEIO público: acervo histórico. s.d. Disponível em:

<<http://www.passeiopublico.com/htm/construcao.asp>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

PASSEIO público: descrições. s.d. Disponível em:

<<http://www.passeiopublico.com/htm/descricoes.asp>>. Acesso em: 08 out. 2012.

PATARO, Breno. Parque Municipal Américo Renné Giannetti. s.d. Disponível em:

<<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativos-turisticos/culturais-lazer/parque-municipal-americo-reneegiannetti>>. Acesso em: 17 out. 2012.

PLACA no Bosque dos Buritis. Placas informativas: Belvedere, Bica d'Água, Circuito das Águas, Espaço Alternativo, Espaço e Eventos, Estacionamento, História do Bosque, Lago da Fonte, Lago das Ilhas, Lago da Trilha, Mirante, Monumento à Paz, Trilha do Lago, Trilha da Mata, Zoneamento Ambiental. (Pesquisa de campo em julho de 2012).

PLANO de Manejo: Bosque dos Buritis. Prefeitura de Goiânia, 2005.

PLANO Diretor de Arborização Urbana de Goiânia (PDAU). Capital verde do Brasil. Agência Municipal do Meio Ambiente – Goiânia. 2007.

PLANO Piloto. Disponível em:

<http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/plano_piloto.html>. Acesso em: 5 jun. 2013.

POBLETE, José F./Corbis. 1990-1996. Ruins of Temple of Zeus at Nemea, Greece. Disponível em:

<<http://www.corbisimages.com/stock-photo/rights-managed/JP001036/ruins-of-temple-of-zeus-at-nemea?popup=1>>. Acesso em: 15 out. 2012.

PROTÁSIO, Rosângela dos Reis. **Centro Livre de Artes**: referência cultural goianiense. Goiânia: 2009. (Dissertação de Mestrado).

POUPART, Jean et. al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução: Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PURCELL, Carl/Corbis. 1988. Dragon Boat in Yu Garden. Disponível em:

<<http://www.corbisimages.com/stock-photo/rights-managed/PT009525/dragon-boat-in-yu-garden?popup=1>>. Acesso em: 17 out. 2012.

RAMOS, Fábio Pestana. Periodização e História. Para entender a história, ano 1, vol. 1, 2010. (p. 01-07). Disponível em:

<<http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2010/12/periodizacao-e-historia.html>>. Acesso em: 5 jun. 2013.

REQUALIFICAÇÃO do Bosque dos Buritis (projeto). Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA). In: Conselho Regional de Engenharia Arquitetura e Agronomia de Goiás – Compêndio dos trabalhos premiados. Goiânia, 2008. p. 23-50.

REVITALIZAÇÃO do Bosque dos Buritis. In: Resgate do Berço Ecológico de Goiânia: atuação da SEMMA no período de 1993 a 1996. Editora: Kelps. 2007.

RIBEIRO, Marcelo. **A atratividade dos centros urbanos e o Turismo.** (p. 145-150). IN: GASTAL, Susana (org.). Turismo 9 propostas para um saber-fazer. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Comunicação, 4).

RIBEIRO, Gustavo Lins; BARROS, Flávia Lessa de. **A corrida por paisagens autênticas:** turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo (p. 27-42). In: SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloisa Turini (orgs.). **Viagens à natureza:** Turismo, cultura e ambiente. Campinas: Papyrus, 1997.

RIO total. s.d. Disponível em: <<http://www.riototal.com.br/riolindo/tur054.htm>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

RUSSELL, Phil. s.d. Disponível em: <http://www.royalparkspressimages.org.uk/index.php?option=com_datagallery&func=detail&catid=13&id=59&Itemid=22&&template=user>. Acesso em: 15 out. 2012.

SANSOLO, Davis Gruber. **Os espaços do patrimônio natural:** o olhar do turismo. (p. 47-78). In: LUCHIARI, Maria Tereza Paes; BRUHNS, Heloisa Turini; Célia Serrano (orgs.). **Patrimônio, natureza e cultura.** Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. 5ª. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público:** jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra.** Tradução: Marcos Aarão Reis. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERPA. Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.

SERRANO, Célia. **Patrimônio, natureza e cultura:** uma introdução a olhares e práticas. (p. 9-21). In: LUCHIARI, Maria Tereza Paes; BRUHNS, Heloisa Turini; Célia Serrano (orgs.). **Patrimônio, natureza e cultura.** Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

SISTEMA Municipal de Unidades de Conservação e Parques Urbanos de Goiânia – SMUC/GNA. 2003. Disponível em: <www.goiania.go.gov.br/download/semma/smuc.doc>. Acesso em: 19 maio 2011.

SOLDON, Rodrigo. Parque Brigadeiro Eduardo Gomes (Aterro do Flamengo). s.d. Disponível em: <<http://www.guiadasemana.com.br/rio-de-janeiro/turismo/parques/parque-brigadeiro-eduardo-gomes-aterro-do-flamengo>>. Acesso em: 17 out. 2012.

SOUSA, Antonio Alvarez. **El ocio turístico en las sociedades industriales avanzadas**. 1ª ed. Bosch Turismo: Casa editorial, S.A., 1994.

SPICHTINGER, Herbert. s.d. Disponível em: <<http://www.corbisimages.com/stock-photo/rights-managed/42-15402560/avenue-in-paris?popup=1>>. Acesso em: 15 out. 2012. (*Boulevard* parisiense)

SPIRN, Anne Whiston. **O jardim de granito**: a natureza no desenho da cidade. Tradução: Paulo Mesquita Pellegrino. São Paulo: Edusp, 1995.

STIGGER, Marco Paulo; MELATI, Fernanda; MAZO, Janice Zarpellon. **Parque Farroupilha**: memórias da constituição de um espaço de lazer em Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil. Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v. 21, n. 1, p. 127-138, 1. Trim. 2010.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THINKSTOCK. Jardin du Luxembourg: description. s.d. Disponível em: <<http://www.parisinfo.com/musee-monument-paris/71393/Jardin-du-Luxembourg>>. Acesso em: 19 mar. 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva Triviños. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. 1ª. ed. São Paulo: ATLAS, 2011.

UCHÔA, Alex/Imagem Brasil. s.d. Disponível em: <<http://www.imagembrasil.com.br/detalhes.aspx?imagem=40910&pos=5>>. Acesso em: 17 out. 2012.

UCHÔA, Alex/Imagem Brasil. Copacabana. s.d. Disponível em:

<<http://www.imagembrasil.com.br/detalhes.aspx?imagem=40954&pos=6>>. Acesso em: 17 out. 2012.

VANNINI, Sandro/Corbis. 2006. Painting of a lake and garden from the Tomb of Rekmire. Corbis images. Disponível em: <<http://www.corbisimages.com/stock-photo/rights-managed/42-23712306/painting-of-a-lake-and-garden-from?popup=1>>. Acesso em: 17 out. 2012.

WERNECK, Christianne. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**, 2000.

APÊNDICE A



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo

Entrevista: Parque Farroupilha

Esta entrevista é parte integrante de dissertação sobre os “*Parques urbanos, a natureza na cidade: práticas de lazer e turismo cidadão*”, que busca investigar as formas de apropriação estabelecidas nos parques urbanos - Farroupilha e Bosque dos Buritis – pelas práticas de lazer e turismo cidadão.

Entrevista n° _____

- 1) Qual é o bairro em que você reside?
- 2) Qual o meio de locomoção que você utilizou para ir até o Parque Farroupilha?
- 3) Com que frequência você visita o Parque Farroupilha e o que o motiva a visitá-lo?
- 4) Quando visita o Parque Farroupilha você vai sozinho ou acompanhado? Com quem?
- 5) Você se socializa com outras pessoas que estão no parque?
- 6) Você acha que o Parque Farroupilha representa algo para a história da cidade?
- 7) O Parque Farroupilha é um espaço que faz parte do lazer da população?
- 8) Você acha que o Parque Farroupilha é importante para a cidade? Por quê?
- 9) Se você recebesse um visitante em Porto Alegre o traria até o Parque Farroupilha? Por quê?
- 10) O que você mais gosta do Parque Farroupilha?
- 11) Que tipo de lazer o Parque Farroupilha possibilita?
- 12) Quais atividades que você pratica?
- 13) Você acha que a infraestrutura de lazer do Parque Farroupilha é suficiente? Se não... O que você acha que deveria ser acrescentado/melhorado?

- 14) Você acha que o Parque Farroupilha é de fácil acesso? Como você avalia a localização do parque?
- 15) O que você acha do Parque Farroupilha estar em um bairro central da cidade?
- 16) Você imagina a cidade sem o Parque Farroupilha? Como seria?
- 17) Você vê o Parque Farroupilha como um espaço que favorece a contemplação da natureza? Justifique.
- 18) Como você se posicionaria se houvesse um projeto para diminuir a área do Parque Farroupilha?
- 19) Como você se sente após visitar o Parque Farroupilha? Por quê?

Muito obrigada pelo seu tempo e pela sua contribuição.

APÊNDICE B



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo

Entrevista: Bosque dos Buritis

Esta entrevista é parte integrante de dissertação sobre os “*Parques urbanos, a natureza na cidade: práticas de lazer e turismo cidadão*”, que busca investigar as formas de apropriação estabelecidas nos parques urbanos - Farroupilha e Bosque dos Buritis – pelas práticas de lazer e turismo cidadão.

Entrevista n° _____

- 1) Qual é o bairro em que você reside?
- 2) Qual o meio de locomoção que você utilizou para ir até o Bosque dos Buritis?
- 3) Com que frequência você visita o Bosque dos Buritis e o que o motiva a visitá-lo?
- 4) Quando visita o Bosque dos Buritis você vai sozinho ou acompanhado? Com quem?
- 5) Você se socializa com outras pessoas que estão no parque?
- 6) Você acha que o Bosque dos Buritis representa algo para a história da cidade?
- 7) O Bosque dos Buritis é um espaço que faz parte do lazer da população?
- 8) Você acha que o Bosque dos Buritis é importante para a cidade? Por quê?
- 9) Se você recebesse um visitante em Goiânia o traria até o Bosque dos Buritis? Por quê?
- 10) O que você mais gosta do Bosque dos Buritis?
- 11) Que tipo de lazer o Bosque dos Buritis possibilita?
- 12) Quais atividades que você pratica?
- 13) Você acha que a infraestrutura de lazer do Bosque dos Buritis é suficiente? Se não... O que você acha que deveria ser acrescentado/melhorado?

- 14) Você acha que o Bosque dos Buritis é de fácil acesso? Como você avalia a localização do parque?
- 15) O que você acha do Bosque dos Buritis estar em um bairro central da cidade?
- 16) Você imagina a cidade sem o Bosque dos Buritis? Como seria?
- 17) Você vê o Bosque dos Buritis como um espaço que favorece a contemplação da natureza? Justifique.
- 18) Como você se posicionaria se houvesse um projeto para diminuir a área do Bosque dos Buritis?
- 19) Como você se sente após visitar o Bosque dos Buritis? Por quê?

Muito obrigada pelo seu tempo e pela sua contribuição.